

Diário de Lisboa

DIRECTOR — NORBERTO LOPES
DIRECTOR-ADJUNTO — MARIO NEVES

TELEF.: 320271 a 320273, 321154 e 321155
END. TEL.: D I B O A — TELEX.: 363

REDAÇÃO, COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO
RUA LUZ SORIANO, 44 a 48 — LISBOA

PROPRIEDADE DA RENASCENÇA GRÁFICA
ADMINISTRAÇÃO — RUA DA ROSA, 57, 2.º

EDITOR — J. CHRISÓSTOMO DE SA
NÚMERO AVULSO: UM ESCUDO

400 pessoas sepultadas vivas no mar de lamas que cobriu um centro mineiro chileno

SANTIAGO DO CHILE, 30 — (F. P. e R.) — Em fila indiana, ligados por cordas como os alpinistas, os membros das brigadas de salvamento sondam o mar de lama avermelhada sob a qual 400 homens, mulheres e crianças, jazem nos restos do que foi a aldeia mineira «El Cobre», perto da mina «El Soldado», a 100 quilómetros a noroeste da capital. Este mar petrifi-

cado pelo sol, alonga-se por mil quilómetros quadrados e está rodeado por elevações torturadas que foram encostas, até ao tremor de terra de anteontem às 12 e 37 locais.

Nesses montículos, aglutinam-se os salvadores — soldados, carabineiros e voluntários — que vieram de Nogales, a 20 quilómetros de distância, por caminhos difíceis. A tarefa ingrata, que consiste em arrebatar os cadáveres, um por um, da autêntica crosta de pedras, lama e resíduos de cobre que se formou desde que a barragem cedeu, 40 metros a montante, poderá arrastar-se por um mês, mas ignora-se, de facto, se a operação continuará.

Com serenidade aparente, o sargento José Saavedra, comandante do pelotão de carabineiros em serviço em «El Cobre», relata: «Aos primeiros trovões surdos, vim para a rua com o meu colega Adolfo Abarzua, acompanhado pela mulher e os três filhos. Trovões e abalos tornaram-se mais violentos e, de repente, ao fundo do vale, reparámos que a muralha do reservatório desabava. Corremos á cavalaria para soltar os cavalos e, montando neles, fugimos para a vertente da colina oposta á barragem. Vi o acampamento, a igreja, as casas, literalmente engolidas pela avalanche viscosa. Agora, está, tudo ali, sob 4 ou 5 metros de lama e de pedras».

Dos 15 corpos recuperados ontem, 11 eram de crianças com menos de 14 anos.

Um sobrevivente conta ter visto pessoas saírem das suas casas assustadas pelo abalo, serem apanhadas pela avalanche de lama que descia da represa rebentada.

Uma mulher, que trabalhava na mina para sustentar os três filhos e o marido doente, encontrou toda a família morta ao chegar á sua barraca, destruída pela avalanche.

Nas aldeias vizinhas, o número de vítimas foi pequeno mas quase todas as casas sofreram estragos.

A «Estrada Pan-Americana» ficou bloqueada por terra e lama e cortada devido ao desmoronamento de uma ponte. Outras pontes apresentam-se estaladas e torcidas. Na região atingida não há ainda

(Continua na 20.ª página)

Nota do dia

AMIZADE E DESPORTO

Um amigo nosso costuma dizer que a bola continua a ser o satélite mais importante e mais pequeno da Terra — e com coisas sérias não se brinca. Com efeito, oferece sempre a maior vaidade e exige a maior ponderação tudo quanto se escreva acerca dessa manifestação desportiva cuja invenção se atribui, geralmente, aos chineses e que, mais tarde, os ingleses adaptaram aos seus hábitos escolares com o propósito de contribuir para a educação física e moral da juventude. O último desafio Real Madrid-Benfica deu lugar a variados comentários, que abrangeram não só a dureza mais ou menos condenável do jogo como o comportamento mais ou menos insólito do público. E manda a verdade dizer que foram os comentadores espanhóis os primeiros a reconhecer essa dureza como imprópria de uma

competição leal e a condenar esse comportamento como a negação de uma hospitalidade tradicionalmente mantida. Dentre aqueles que lhe prestaram a sua mais desvelada atenção, verberando sem contemplações a atitude de uma «parte considerável do público», apaz-nos citar o director da «Marca», António Valencia, que lhe consagrou um magnífico artigo, o qual só agora nos chegou às mãos — e que explodiu, como ele próprio confessa, «com espoleta retardada», em que apresenta desculpas aos adeptos do Benfica, e aos portugueses em geral, pela maneira pouco acolhedora como foram recebidos em Chamartín pelos adeptos do Real Madrid — «poderoso alarde antipedagógico e apoteose de deseducação desportiva». Deve realizar-se proximamente em Lisboa um encontro entre desportistas espanhóis e portugueses para a disputa da I Taça Ibérica de hóquei em patins, que teve a sua primeira mão em Madrid. «Só com o apoio do público a «equipe» portuguesa terá possibilidades de anular a pesada desvantagem de três golos, adquirida em Madrid pela selecção espanhola» — lê-se num comunicado anónimo, cuja redacção não é muito clara, valha a verdade, inserto hoje nos jornais e que não é arriscado atribuir á respectiva Federação. Há, no entanto, um aviso e um conselho — diremos mesmo uma exortação — a acrescentar: é que o público de Lisboa receba os desportistas espanhóis com a amizade e o carinho fraternais com que os desportistas portugueses não foram recebidos em Madrid. Será uma lição digna da hospitalidade portuguesa.

COMENTÁRIO INTERNACIONAL

de CARLOS FERRÃO

Um barril de pólvora

O rei Hussein, da Jordânia, é o mais jovem e o mais antigo dos actuais dirigentes árabes. Tem menos de trinta anos e reina há catorze. A sua carreira e a sua vida ameaçadas mais de uma vez ameaçadas e para isso concorreram a irreflexão e falta de maturidade que lhe atribuíam partidários e adversários, unânimes em o condenar prematuramente á proscricção. Apesar de tão sombrios vaticínios, Hussein resistiu aos atentados e sobretudo ás intrigas contra ele urdidas por compatriotas e vizinhos, entre os quais o coronel Nasser. Com este se reconciliou em nome da unidade árabe e não há dúvida de que a reconciliação lhe proporcionou dias mais tranquilos e um futuro mais promissor.

O rei da Jordânia acaba de dar que falar ao anunciar que a guerra israelo-árabe se renovará este ano e que a recente visita ao Médio Oriente de Averell Harriman, embaixador itinerante do presidente Johnson, se destinou a prever essa certeza inelutável e a procurar retardá-la. Em 1948, e mais tarde, quando da crise do Suez, houve justificados receios de que o barril de pólvora do Médio Oriente lançaria fogo ao Mundo. Essa suposição contribuiu para apressar o restabelecimento da paz precária que nunca ali deixou de existir. Se a fogueira se reacender, criar-se-á a mais perigosa ameaça para a paz mundial. Perante ela, a guerra do Vietnam é um exercício mais diplomático do que militar que, cedo ou tarde, a diplomacia resolverá.

O «Dia do Estudante» não é autorizado pelo ministro da Educação

Do gabinete do ministro da Educação Nacional recebemos o texto do seguinte despacho:

«1. O Governo, através de vários departamentos e de modo muito particular através do Ministério da Educação Nacional, vem consagrando a mais cuidadosa atenção aos problemas da juventude, fazendo o que está ao seu alcance para lhes dar ou proporcionar a solução adequada, dentro de uma actuação metódica e construtiva.

«Nesta linha geral de pensamento, têm-se nomeadamente apoiado, acarinhado, estimulado, por múltiplas formas, as iniciativas dos jovens que se mostram merecedoras de aplauso, por não obedecerem a um espírito ou fins condenáveis ou criticáveis e antes poderem contribuir, dentro de sãos princípios, para o seu avigoramento físico, moral, intelectual e cultural.

«São constantes, e por assim dizer sem conta, as iniciativas deste género, oriundas dos mais variados

(Continua na 9.ª página)



Recepção, com o tradicional «five o'clock tea», no n.º 10 de Downing Street: aqui vemos a esposa de Harold Wilson (a segunda dama á direita) em amena conversa com (da esquerda para a direita) «Mrs.» Dale Matthews, mulher do famoso futebolista; Millicent Martin, atriz de certa nomeada; e Barbara Kelly, celebridade da TV britânica. De que tratam as quatro senhoras? Da venda de boiões de compota a favor de crianças diminuídas e desfavorecidas socialmente

acompanhe a selecção

Prorrogado impreterivelmente até depois de amanhã o prazo de entrega dos boletins

Uma boa notícia para os retardatários: correspondendo aos inúmeros pedidos que nos foram feitos, a entrega dos boletins-resposta do concurso «Acompanhe a Selecção» poderá efectuar-se até ás 19 horas do próximo dia 1 de Abril, havendo portanto mais dois dias para quem desejar ainda concorrer.

Como o sorteio será efectuado no

(Continua na 19.ª página)

VISADO PELA CENSURA

TÉCNICA E MORAL

por LOBO VILELA

Coisas e noções são aspectos inseparáveis da realidade social, mas os fenómenos podem descrever-se em termos de motivações e de reacções psicológicas ou em termos de utilidade social e de estruturas políticas. Todas as ciências do homem são solidárias: qualquer facto social tem aspectos económicos, po-

líticos e psicológicos. A condição humana é um complexo que não se abrange quando se considera apenas um dos seus aspectos. A pretensão de objectividade falseia a apreensão dos factos sociais quando despreza o significado que eles têm

(Continua na 7.ª página)

24 PÁGINAS

HOJE
JUVENIL

De ontem para hoje

A INDÚSTRIA DA TANOARIA

A indústria da tanoaria está ameaçada. Como tantas outras a que o progresso deu rivais mais poderosas e eficientes, também a tanoaria se encontra em face de grande concorrência dos navios-cisternas e dos contentores metálicos para o transporte dos vinhos e aguardentes. Como se vai resolver o problema, já que essa indústria montada, com suas oficinas e operários estabelecidos e muitos milhares de famílias a tendo como base da sua vida, se vê a braços com aquela esquina do progresso e de uma concorrência de mais vastos voos? Para se estudar o caso se reuniram em Esmoriz, a linda povoação ribeirinha em que Florbela Espanca viveu, os que se encontram ligados à actividade da tanoaria. Convidou-os o Grémio dos Industriais de Tanoaria do Norte. Foi exposta pormenorizadamente a crise que a indústria atravessa. É que os exportadores de vinhos do Porto, autorizados a importar, sem direitos alfandegários, contentores metálicos para a armazenagem dos vinhos e para o seu transporte, além dos navios-cisternas, vão pondo de parte o vasilhame de madeira. O vinho de consumo começou também a ser transportado para as nossas províncias ultramarinas em navios-cisternas. Falaram vários oradores, que apreciaram e discutiram uma exposição sobre o assunto, concluindo que «tendo em conta as causas referidas e considerando ainda que a lei impôs recentemente à indústria da tanoaria a remodelação e ampliação das suas instalações fabris para poder trabalhar para a exportação — no que o industrial cumpridor immobilizou centenas de contos — os industriais sentem-se caminhar para uma situação que os conduzirá à falência.» Nestes termos foi resolvido officiar ao sr. ministro da Economia e expor-lhe as preocupações de todos quantos trabalham na indústria da tanoaria.

CAMIÃO-PILÃO

Era por volta das 22 horas, entre Alhandra e Alverca. O ciclista sr. Augusto Marques da Silva, de 47 anos, pedreiro, morador na aldeia de Sobralinho, seguia a caminho de casa, de regresso do trabalho. Atrás rolava um poderoso camião, com garrafas de vinho, guiado pelo sr. Marcos Pereira de Carvalho, morador nos Olivais. Em dada altura, o infeliz ciclista mudou de direcção, quando o camião procura a ultrapassá-lo. O ciclista foi apanhado

pelo rodado do camião, ficando com as pernas esmagadas. E' casado e pai de dois filhos menores, tendo ficado internado no Hospital de Santa Maria, em estado muito grave.

CHAMAS DEVORADORAS

Foi no Paul, bem perto da Covilhã, que á meia-noite se declarou incêndio numa casa da Rua do Curral, pertencente ao sr. António Antunes Mateus que nela vivia com sua mulher. Uns vizinhos deram o alarme e logo acudiu povo. Com dificuldade os moradores se salvaram. Alastrou ainda o fogo a mais duas casas contíguas, estas dos srs. António Lopes Mendes e Luís Pereira Ramos. Arderam inteiramente. Ainda acorreram os Bombeiros Voluntários da Covilhã mas já nada puderam fazer.

PALÁCIO DE BELÉM

O sr. Presidente da Republica recebeu ontem, no Palácio Nacional de Belém, a sr.ª D. Teresa Vieira, o embaixador dr. Emilio Patricio e o general Pereira de Castro, comandante-geral da G. N. R.

ULTRAPASSAGEM DE MORTE

Ia para Vila Real de Santo António, o trabalhador Daniel Gregório Mendonça Viegas, de 17 anos, de Tavira. Ia na sua motorizada. Ao tentar ultrapassar um ciclista no momento em que este se cruzava com um automóvel, e talvez por efeito de encançamento, foi embater naquele. Cuspido a mais de 6 metros o sr. Daniel Viegas morreu no Hospital daquela vila. O automóvel, guiado por uma senhora, continuou a sua marcha sem prestar qualquer assistência aos feridos.

MORTE E FERIMENTOS

Foi em Santa Marta de Portuzelo, mesmo á beira do rio Lima, com as vinhas a rebentar e o arvoredo denso do parque de um castelo presunçoso a cantar já a Primavera. Pois a natureza idílica foi manchada da lividez da morte e de laivos de dor. E' a estrada, a condução sem precauções, o descuido, a falta de respeito pela vida alheia. Como sempre. Um automóvel, conduzido pelo sr. Joaquim Martus de Sousa, de Folgosa da Maia, entrou de rompante na curva junto á escola. Despistou-se e foi atropelar três pessoas que seguiam calmamente o seu caminho: Maria Albina Marques, de 21 anos, sua irmã, Maria Fernanda, de 10, e um rapazinho de 4 anos, Eugénio Gonçalves de Carvalho. Este morria pouco depois. Maria Albina ficou com o pé esquerdo esfaçado e teve de lhe ser amputado no hospital de Viana do Castelo. Maria Fernanda sofreu lesões internas, ficando internada no mesmo hospital.

AUTOMOBILISMO

«Rallye» Tá-Mar

Devido ao invulgar interesse que «Rallye» Tá-Mar (Nazaré), está a despertar, o Clube 100 á Hora, seu organizador, decidiu prolongar as respectivas inscrições até depois de amanhã, ás 23 horas, seguindo-se o sorteio dos numeros a atribuir aos concorrentes.

Como já foi anunciado, o «Rallye» Tá-Mar é uma concentração turística, o que significa que os concorrentes não necessitam de licenças desportivas nem cumprir qualquer média obrigatória no percurso de estrada.

Na Nazaré realizar-se-ão duas provas complementares, com es-

quemias plenas de interesse, efectuando-se a distribuição de prémios durante um jantar e baile oferecido a todos os concorrentes pela Comissão Municipal de Turismo da Nazaré.

TRIBUNAIS

administrativos do Ultramar

Um decreto do ministro do Ultramar, hoje publicado, reforma a estrutura dos Tribunais Administrativos das províncias de Angola e de Moçambique e aprova a tabela de custas nos tribunais administrativos do Ultramar.

VENDE-SE FÁBRICA DE BOLACHAS E BISCOITOS

Em plena laboração e com enorme clientela, funcionando em edificio próprio com dois pisos de 400 m2 cada e com grande garagem privativa. Vende-se com todo o seu activo e sem passivo, terreno e edificio, maquinaria, produtos fabricados, matérias-primas e competente alvará, o qual não tem limite de produção.

Trata Fábrica de Bolachas e Biscoitos Confiança, Ld. — Rua da Quintinha, 19, em Lisboa, das 10 ás 12 ou das 15 ás 18 horas.

Realiza-se em Abril o Congresso da Federação de Basquetebol

A Federação Portuguesa de Basquetebol publicou o relatório e contas, relatório do conselho técnico e o parecer do conselho fiscal, documento extenso que revela bem a actividade daquele organismo no biénio de 1963-1964.

Através das suas páginas pode observar-se que o desempenho da missão dos federativos se processou, muitas vezes, em circunstâncias desfavoráveis. Mas a obra prosseguiu sem desfalecimentos

no sentido de uma maior expansão da modalidade.

Do relatório constata-se que em toda a existência da Federação, o biénio de 1963-64 foi o de maior actividade desportiva de sempre — 16 provas foram organizadas.

Verifica-se ainda que estão filiados cerca de 200 clubes, pertencendo 40, a Lisboa; 39, a Angola; 19, ao Porto; 11, a Setúbal; 9, a Castelo Branco; 8 cada, a Faro, Aveiro e Angra do Heroísmo; 7 cada, a Leiria, Coimbra, Manica e Sôfala e 3 a Horta (Faial).

Pelo Fundo de Expansão da Modalidade foram concedidos subsídios que montam a 1.058 contos, que por sua vez foram distribuídos pelos técnicos da Federação, fomento de escolas, às associações, preparação da selecção nacional, cursos e estágios no estrangeiro.

Para apreciação deste documento foi convocado o Congresso, que reunirá no dia 10 de Abril, pelas 21 e 30 horas, na sede da Federação.

Estão à venda os bilhetes para o festival dos «Prémios da Imprensa»

É já no próximo sábado á noite que se realiza, no Pavilhão dos Desportos, a anunciada festa dos «Prémios da Imprensa», durante a qual serão proclamados os «Melhores de 1964» em várias actividades artísticas e desportivas.

Os bilhetes para este espectáculo, que começará ás 22 horas e promete ser sensacional, foram hoje postos á venda nas sucursais do «Diário de Notícias» e de «O Século», no Chiado e no Rossio, e nas agências dos Restauradores, Portas de Santo Antão e Avenida de Roma.

Diariamente, chegam á Casa da Imprensa — entidade organizadora do festival — muitas adesões de artistas do teatro, da rádio e da televisão, com o propósito de contribuirem para o prestígio do espectáculo, apoio que a sua organização merece visto o produto destinarse á obra de assistência em que aquela instituição está empenhada.

A direcção artística do festival está a cargo de Melo Pereira, da Radiotelevisão Portuguesa, o que já de si é uma garantia do seu nível.

O Chefe do Estado inaugura a 4.ª exposição da Junta de Turismo da Costa do Sol

A Junta de Turismo da Costa do Sol organizou, este ano, mais uma exposição documental e fotográfica denominada «Costa do Sol — uma realidade turística», que resume as principais realizações levadas a efeito por aquele organismo no ano passado. Nela encontram-se, também, expostas as obras que, em 1964, foram premiadas nas várias realizações da J. T. C. S.

A exposição é inaugurada ao fim da tarde pelo sr. Presidente da Republica.

Todas as vítimas da intoxicação provocada por queijo estão a melhorar

Estão a melhorar consideravelmente todos os doentes internados nos hospitais das Misericórdias de Alhos Vedros e Vendas Novas em consequência de intoxicação provocada por queijos secos fabricados com leite de ovelha. No primeiro daqueles estabelecimentos, tiveram ontem alta cinco doentes, e hoje regressarão aos seus lares mais 14 internados aos quais os médicos deram já alta. Ficam ali ainda internados 14 doentes, com febre.

Entretanto, deram ali entrada quatro doentes: Graziela Simões Azevedo e seus filhos Maria de Fátima, Francisco Américo e Joaquim Carlos Simões Azevedo. Todos comeram queijo.

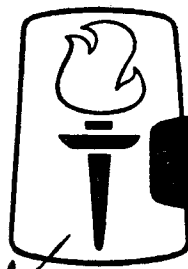
Por outro lado, duas crianças cujo estado chegou a provocar sérias apreensões continuam a reagir muito bem ao tratamento, pelo que se consideram já livres de perigo.

Também no Hospital de Vendas Novas tiveram ontem alta uma senhora e um homem, mas foi ali internada mais uma senhora, que igualmente comeu o queijo de leite de ovelha.

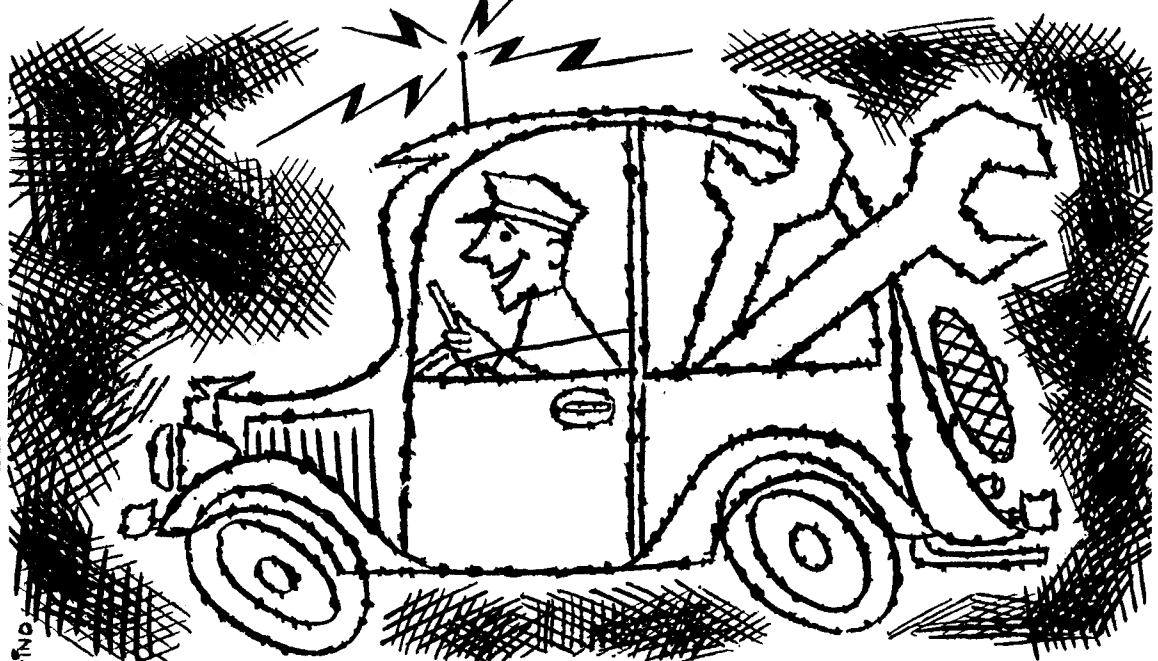
Neste estabelecimento estão agora em tratamento três senhoras e igual numero de homens. No entanto, hoje, ao fim da tarde, e amanhã, deverão ter alta alguns daqueles.

Por outro lado, o correspondente do «Diário de Lisboa» no Bareiro, que se deslocou a Alhos Vedros e falou com o dr. Fernando Pires, informa-nos que este clínico tem também seis doentes particulares intoxicados; mas dizem eles que não comeram queijo, mas sim ervilhas e saladas. Têm reagido favoravelmente ao tratamento que lhes é ministrado.

ASSISTÊNCIA TÉCNICA E MONTAGENS PERMANENTE



ignis



um dos nossos técnicos especializados, acorrerá imediatamente á sua chamada

através do número

TODOS OS DIAS DAS 9 DA MANHÃ ÁS 10 DA NOITE

FOGÕES E ESQUENTADORES IGNIS
OS ÚNICOS COM 2 ANOS DE GARANTIA E ASSISTÊNCIA TÉCNICA PERMANENTE

Ora, diga-nos...

— A que horas se levanta e se deita?



• O sr. Armando Gomes, industrial e escultor em madeira, hesitou dois segundos e disse-nos depois:

— Quanto á hora de saltar da cama, é sempre pelas 8 horas... Assim o trabalho o exige. Quanto a ir para o «vale dos lençóis», sempre o faço pelas onze e meia, meia-noite...

— E o que faz

até deitar-se?

— Se fico em casa, entretenho-me com a televisão... Quando saio, o que acontece com a chegada do

A competência de várias entidades para a acção penal

O conselho consultivo da Procuradoria-Geral da República votou, e os Ministérios do Interior e da Justiça homologaram, um parecer com as seguintes conclusões:

«A atribuição da competência do artigo 2.º do Decreto-Lei n.º 35 007 a entidades diversas do Ministério Público para o exercício da acção penal constitui apenas uma restrição ao princípio consagrado no artigo 1.º desse diploma, sem que, contudo, prejudique a mais ampla competência do Ministério Público;

Porque ás entidades que detêm o poder do exercício da acção penal compete proceder á instrução preparatória dos respectivos processos, ao Ministério Público compete também proceder á instrução preparatória dos processos referentes a contravenções que lhe forem denunciadas, sem prejuízo de poder delegar nas autoridades policiais a instrução desses processos;

A Polícia Judiciária, embora organismo auxiliar do Ministério Público, não tem competência para proceder á instrução preparatória de processos de transgressão, salvo quanto ás transgressões relacionadas com crimes que lhe cumpria investigar;

Deste modo, se lhe for apresentada uma denúncia referente a um facto que constitui simples contravenção, deve transmiti-la á entidade competente para exercer a acção penal, que será ou não o Ministério Público ou uma das entidades referidas no artigo 2.º do Decreto-Lei n.º 35 007».

tempo quente, vou até á Associação e Federação dos Amadores de Bilhar, de que sou sócio, e passo algumas horas entretido com o taco. É um vício de que me não curo: jogo bilhar desde os 16 anos...

• No seu estabelecimento de mercearia, declarou-nos o sr. José Fernandes Gonçalves:

— As sete horas já estou a pé... Tomo o pequeno almoço e venho aqui para a loja. Avio os fregueses, olho por isto e aquilo...

— E a que horas se deita?

— As onze.

— O que faz até essa hora?

— Trabalho.

— Em quê?

— É ainda o serviço da loja. Levo para casa a papelada e ponho-me a fazer a contabilidade... Tim-tim por tim-tim. Só depois é que me vem o sono...



• — Eu — disse-nos a sr.ª Elvira de Jesus Pereira Martins — levanto-me ás cinco e meia da madrugada.

— Vai á praça...

— Vou á praça. Escolho as verduras, os legumes, os frutos... Transporto tudo para o lugar que me está confiado e algum negócio se faz...

— Deita-se...?

— Deito-me ás 10 horas. Logo que possa — e completamente estafada...

Oficiais engenheiros do serviço de material do Exército

Considerando «a escassez de oficiais engenheiros do serviço de material do quadro permanente, por vezes em numero insuficiente para satisfazer as necessidades do Exército, cuja urgência não é compatível com a demora do recrutamento ordinário (Academia Militar); tornando-se necessário promover a admissão rápida de oficiais engenheiros no quadro permanente deste serviço, sempre que tal aconteça»; foi decretado o seguinte: «Sempre que as circunstâncias o exijam, pode o Ministro do Exército mandar abrir concurso extraordinário para o recrutamento de oficiais engenheiros para o quadro permanente do serviço de material».

Dois decretos-leis respeitantes às províncias ultramarinas

O «Diário do Governo» publicou hoje dois decretos-leis, respeitantes ás províncias ultramarinas.

Um deles dá nova redacção ao parágrafo 3.º do artigo 17.º e aos artigos 101.º, 111.º, 112.º, 115.º e 117.º do Decreto-Lei n.º 45 296, que regulou o exercício das funções de crédito e a prática dos demais actos inerentes á actividade bancária naquelas províncias.

O outro determina que os oficiais delegados das forças armadas ou os representantes de quaisquer outros serviços que devam fazer parte da comissão de coordenação da defesa civil tenham patente ou categoria equivalente á dos restantes componentes da comissão.

Museu de Etnologia

Foi criado, por decreto hoje publicado, na dependência da Junta de Investigações do Ultramar, o Museu de Etnologia do Ultramar.

O regime jurídico dos acidentes de trabalho e das doenças profissionais

Em suplemento ao n.º 192 do «Diário das Sessões», foi publicado o parecer da Camara Corporativa acerca do projecto de proposta de lei sobre o regime jurídico dos accidentes de trabalho e das doenças profissionais, de que foi relator o eng. José Augusto Vaz Pinto.

Nele se salienta que o projecto visa alterar o regime jurídico dos accidentes de trabalho e das doenças profissionais, que hoje consta, fundamentalmente, da lei n.º 1942, de 27 de Julho de 1936.

Trata-se, pois, de remodelação de matéria que já foi objecto de estudo desta Camara, no seu longo e minucioso parecer n.º 71-I, de 1963 («Diário das Sessões», suplemento ao n.º 74, de 7 de Fevereiro de 1936), onde se ventillou a problemática dos accidentes de trabalho em termos largos na perspectiva e minuciosos na análise.

Sendo assim, afigura-se desnecessário tratar de novo, com idêntica extensão, os mesmos temas. Basta ter em atenção os primeiros numeros do relatório da proposta para rapidamente se caracterizar o clima em que ela foi elaborada e a diversidade de problemas que procura resolver. Nesse documento acentua-se:

«Convém, no entanto, lembrar que o conceito de acidente de trabalho, como entidade jurídica autónoma, é, em todo o Mundo, fruto de grande surto de industrialização que se desenvolveu no século XIX.

A expansão da actividade fabril e do trabalho mecânico multiplicou

extraordinariamente as condições propícias para a ocorrência de accidentes em multitudes de trabalhadores cada vez mais numerosas. O projecto em estudo aponta as bases em que se foi processando a reparação pelas consequências dos sinistros.

A ideia tradicional vinda do direito romano pressupunha a culpa da entidade patronal como fundamento da responsabilidade. Mas, em face da grandeza do fenómeno social do acidente de trabalho, tão estreita base cedo provocou a busca de conceitos mais amplos e assim se passou para a teoria da responsabilidade contratual que atribuiu ás entidades patronais a obrigação de indemnizar pelas consequências dos accidentes de trabalho, em princípio, salvo se fizessem prova de o acidente ter resultado de culpa dos sinistrados ou de caso fortuito.

Perante a insuficiência das soluções fornecidas por esta fórmula, recorreu-se ao princípio da responsabilidade objectiva, que dada a natureza da matéria, se traduziu na teoria do risco profissional. Segundo ela, a obrigação de reparar as consequências dos accidentes compete aos dadores do trabalho, já que da actividade exercida pelos trabalhadores derivam para aqueles lucros e riscos, simultaneamente.

Este é ainda, fundamentalmente, o assento jurídico do regime de reparação pelos accidentes de trabalho nos países onde estes continuam a ser regulados por normas de direito privado».

Perante a insuficiência das soluções fornecidas por esta fórmula, recorreu-se ao princípio da responsabilidade objectiva, que dada a natureza da matéria, se traduziu na teoria do risco profissional. Segundo ela, a obrigação de reparar as consequências dos accidentes compete aos dadores do trabalho, já que da actividade exercida pelos trabalhadores derivam para aqueles lucros e riscos, simultaneamente.

Este é ainda, fundamentalmente, o assento jurídico do regime de reparação pelos accidentes de trabalho nos países onde estes continuam a ser regulados por normas de direito privado».

A CIDADE

Os saltos altos (dos sapatos das senhoras) provocam complicações no trânsito...

O que vamos descrever, por muito estranho e inverosímil que possa parecer, é a realidade. Com efeito, é vulgar ver-se, a cada momento, que a moda do sapato alto usado pelas senhoras foi inventada só para arrebatar daquelas que usam tal calçado, pois, dada a espessura dos saltos na base (a rivalizar com um prego...), sucede que se enterram constantemente nas frinchas dos empedrados dos passeios e das ruas.

É ver, então, as senhoras detidas no seu passo firme e desemba-

raçado, com o sapato arrelhiadoramente preso, enquanto outras ficam com o pé fora do sapato, não para lhe tirar a pedra, porque não a levavam... Por vezes, lá aparece um ou outro transeunte solícito e amável, a auxiliar a senhora detida na sua marcha, quer a ampará-la, quer a ajudá-la a desencravar o sapato. Até aqui, isto nada pode ter de novidade, porque se trata de cenas vulgares e até pitorescas, a que algumas pessoas acham graça; outras, porém, ficam aborrecidas...

Mas o pior é que não são só estes contratempos que as senhoras correm. Senão vejamos:

No Tribunal de Polícia, em audiência presidida pelo juiz sr. dr. Betencourt da Camara, foi julgado o guarda-freio dos eléctricos sr. Manuel Gonçalves, acusado de, em 17 de Julho do ano findo, ter feito uma manobra perigosa, pretendendo, na Avenida Almirante Reis, ultrapassar um automóvel. Interrogado pelo magistrado, declarou:

— O automóvel é que ia a meu lado e pretendia ultrapassar-me...

As testemunhas, que viajavam no mesmo eléctrico, e um subchefe da Polícia esclareceram, porém o caso. Nem o condutor do automóvel, nem o do eléctrico tiveram a menor responsabilidade. Ambos com a manobra evitaram um acidente grave: a uma senhora que ia a atravessar aquela avenida prendeu-se-lhe o salto do sapato no empedrado, e ficou tão atrapalhada e hesitante que, se os condutores dos referidos veículos não tomassem a resolução que tomaram, o caso podia assumir proporções graves.

O arguido foi, deste modo, absolvido e mandado em paz. Mais um episódio, portanto, a comprovar o perigo e os inconvenientes dos saltos altos. Será caso para precauções futuras?...

IMPRENSA

«Jornal do Algarve»

Entrou no seu 9.º ano de publicação o nosso prezado colega «Jornal do Algarve», que se publica em Vila Real de Santo António, dirigido pelo jornalista José Barão, e ocupa posição de relevo na imprensa regional, a elevado nível, distinguindo-se como vigoroso e brilhante defensor dos valores e dos interesses do Algarve.

As nossas felicitações, com desejos de largo e próspero futuro.

A comercialização

dos produtos siderúrgicos

Um despacho do ministro da Economia fixa os preços máximos de venda a consumidores dos ferros nacionais e estrangeiros a partir de amanhã e introduz modificações nas regras de comercialização dos produtos siderúrgicos.

Forças terrestres

e navais de Macau

Os orçamentos privativos das forças terrestres e navais ultramarinas da província de Macau, para o ano corrente, foram fixados, respectivamente, em 22 413 e 830 contos.

VIDA SOCIAL

EMBAIXADOR DA ALEMANHA

O embaixador da Alemanha, dr. Herbert Schaffarczyk, partiu para o Algarve, onde permanecerá durante uma semana em gozo de férias.

CAFÉ DE ANGOLA

Um grupo de exportadores ultramarinos, interessados em dar maior impulso ao desenvolvimento das suas vendas na Metrópole, pretende que os seus cafés não sejam vendidos a preços inferiores a 250/260\$00 por arroba, para os tipos de 3.º CC e DD, mas com melhoria de qualidade.

Em contrapartida, na eventualidade de uma muito possível alta de preços, pretendem eles que aqueles mesmos tipos de café não sejam vendidos a preço superior a 275/285\$00 por arroba, sobre balança nos Entrepósitos de Lisboa.

BRUXELAS



em

Caravela



com início em 1-4-65

3

VOOS SEMANAIS
4" 5" e
Sábados

partidas de Lisboa às 16.30

CONSULTE O SEU AGENTE DE VIAGENS OU

TAP

TRANSPORTES
AÉREOS
PORTUGUESES

(EM COLABORAÇÃO COM A SABENA)

DIVERSÕES

TEATROS ★ CINEMAS

CIRCO ★ VARIEDADES ★ ÓPERA ★ BAILADO ★ TV ★ RÁDIO

ATRÁS DO REPOSTEIRO

- Começou esta semana os ensaios da peça de estreia do Teatro Popular de Lisboa, dirigido por Augusto de Figueiredo, que a meio do mês se estreia na Estufa Fria.
- Diz-se que vai mudar de direcção artística a Companhia Nacional de Teatro.
- Francisco Seabra Cardoso está a dirigir, na Faculdade de Letras, os ensaios dum «intermezzo» que escreveu para ser apresentado no I Festival Português de Teatro Universitário.
- A peça «O rei está a morrer», de Ionesco, a subir à cena do Avenida, em interpretação de Amélia Rey Colaço, Mariana Rey Monteiro, Canto e Castro e Varella Silva, vai ser encenada por José Luiz Alonso, director do Teatro Espanhol.

SUSAN HAYWARD BETTE DAVIS

Do INSIGNE EDWARD DMYTRYK,
uma nova obra de arte
cinematográfica
de extraordinária intensidade
e diversidade
de acontecimentos!

PARA ONDE FOI O AMOR

(WHERE LOVE HAS GONE)

UM FILME QUE VAI
ATÉ ONDE NENHUM
OUTRO OUSOU IR!

TU TENS
A CULPA
DA TUA
FILHA.
SER UMA
CRIMINOSA!

O teu conceito
do amor é in-
qualificável!

com MICHAEL JOEY
CONNORS · HEATHERTON

Produção de JOSEPH E. LEVINE · EDWARD DMYTRYK

Realização de JOHN MICHAEL HAYES

Argumento de HAROLD ROBBINS
Baseado na obra "Where Love Has Gone" de HAROLD ROBBINS
TECHNICOLOR® TECHNISCOPÉ® Um Filme Paramount

AMANHÃ
RETUMBANTE ESTREIA NO

Bilhetes à venda para as duas primeiras semanas

JACK JONES
CANTA
A CANÇÃO TEMA
DO FILME GRA-
VADO EM DISCO
KAPP À VENDA
NAS BOAS
DISCOTECAS



**GRILL
FLÓRIDA**

ALMOÇOS, JANTARES E CEIAS

ESPECIALIDADE EM COZINHA PORTUGUESA

TODAS AS NOITES (EXCEPTO 2.ª-FEIRAS), DAS 21.30 AS 3.30

MÚSICA DE DANÇA PELO CONJUNTO Engelmann Malanza

(Maiores de 15 anos)

HOTEL FLÓRIDA

Telef. 5 41 71

NO MONUMENTAL

«Entre Marido e Mulher...»
— engraçada comédia francesa

A engraçada comédia «Entre Marido e Mulher...», que se representa no Teatro Monumental, é uma peça que faz rir a bom rir, pelas peripécias desenroladas durante as duas horas da sua exibição. No elenco destacam-se Aida Baptista, José Viana e, pela primeira vez em teatro declamado, Carlos Coelho. Com bilhetes a preços acessíveis a todas as bolsas, «Entre Marido e Mulher...» é o espectáculo que se recomenda a todos os maiores de 17 anos.

NO ABC

A grande revista popular
«Zona Azul»

Aplaudida pelo público, continua vitoriosa, na sua 2.ª semana de representações e encontros, no elegante e popular teatro ABC, a grande e alegre revista popular do momento — «Zona Azul» —, o irresistível êxito desta temporada. Espectáculo colorido e engraçadíssimo «Zona Azul» tem como seus principais intérpretes: Herminia Silva, Badaró, Yvone Silva, Spina, Maria Adelina, Braga Santos, Maria da Nazaré, Octávio de Matos e Linda



António Silva

Hoje
em 2 sessões
às 20.45
e 23 h.
NO
ABC

Telef. 366745
José Miguel
apresenta
a vitoriosa
revista popula-

ZONA AZUL

com HERMINIA SILVA — BA-
DARÓ — YVONE SILVA — SPI-
NA — M. ADELINA

e ainda

ANTÓNIO SILVA

A FRENTE DO MAIOR E ME-
LHOR ELENCO DA ACTUALI-
DADE !!!

M/17 ANOS

TRINDADE

(F. N. A. T.)

(Sub. pelo Fundo de Teatro)

TODAS AS NOITES, às 21.45

(ADULTOS)

Em últimas representações

O GRANDE ÊXITO DA TEM-
PORADA DELIRANTEMENTE

APLAUDIDO PELO PÚBLICO

O CENTRO DO MUNDO

Um original português de

Américo Durão

com BRUNILDE JÚDICE

ao lado dum GRANDE ELENCO



Silva, além de um elegante frizo de jovens e bonitas artistas, discípulas, bailarinas e «girls» e, ainda, em sensacional reaparição, o grande e querido actor cómico António Silva. «Zona Azul», que é uma nova e brilhante realização plástica de Pinto de Campos, tem luxuosa guarda-roupa dos afamados «ateliers» Paiva.

NO MARIA VITÓRIA

Ainda esta semana, estreia-se
a revista «Sopa no Mel»

Mereceu todos os cuidados, do jovem empresário Eduardo Damas, a reabertura do Teatro Maria Vitória com a nova revista de que ele é autor, juntamente com Anibal Nazaré e António Cruz, e que foi musicada por Manuel Paião e João Vasconcelos. O elenco que vai interpretar «Sopa no Mel» — assim se chama a revista — foi cuidadosamente escolhido e reúne algumas das mais populares figuras do nosso teatro ligeiro, destacando-se Florbela Queirós e Camilo de Oliveira — recentemente distinguidos com o Prémio da Imprensa — Mariema, Susana Prado, Deolinda Rodrigues, Manuela Novais, António Anjos, Oscar Acúrcio e, ainda, como actor con-

vidado, o notável artista cómico Ri-beirinho, ao lado de prestigiosas atracções internacionais que por certo vão conquistar os aplausos do nosso público: Sacha Alexander, nome famoso da TV italiana, suíça e francesa, a cantora Christina Martini e Aureliano com o seu grande ballet «The King Dancer's». A encenação do espectáculo é de Rosa Mateus e a montagem, de categoria invulgar para o nosso meio artístico, é dirigida por Manuel Lima e Mário Alberto que, com Laerte Neves, desenharam os figurinos para o novo e luxuoso guarda-roupa confeccionado nos «ateliers» Paiva, sob a direcção da mestra Josefina Soares.

NO VARIEDADES

O êxito continua
com a comédia «Mary-Mary»

Continua o êxito com a comédia «Mary-Mary», que faz afluir, ao Teatro Variedades, o público que gosta de se divertir, pois este espectáculo é o mais cómico que actualmente se apresenta em Lisboa. Com magistral desempenho de Eunice

(Continua na 6.ª página)

NO VARIEDADES

AS 21.45 H. — (ADULTOS)

VASCO MORGADO apresenta

O MAIOR SUCESSO
DA ACTUALIDADE
NOS PALCOS DO MUNDO

Mary Mary

COM

EUNICE MUÑOZ
IGREJAS CAEIRO
HENRIQUETA MAYA
ROLANDO ALVES
RODOLFO NEVES

Domingo à tarde às 16 h.

NO MONUMENTAL

HOJE — AS 21.45 H.

(ADULTOS)

VASCO MORGADO apresenta

UMA COMEDIA FRANCESA
de CLAUDE MAGNIER

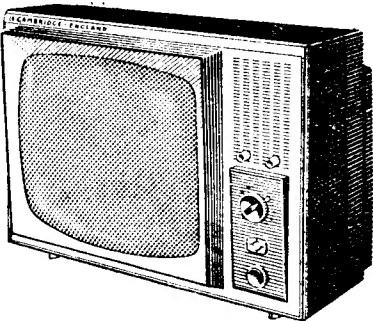
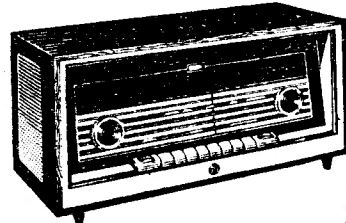
Entre Marido e Mulher...

com AIDA BATISTA
JOSÉ VIANA
CARLOS COELHO

2 HORAS SÓ A RIR!

Domingo à tarde às 16 h.

o maravilhoso mundo...



A sua qualidade excep-
cional impôs a aparelha-
gem PYE nos mercados mundiais.
Quer se trate de televisores,
rádios, transistores ou ins-
talações de alta fidelidade
a marca PYE é um símbolo
de garantia que deve in-
fluenciar a sua escolha.

PROCURE O AGENTE PYE MAIS PRÓXIMO

AMANHÃ

AS 21.30

NO ODEON EM ESTREIA



FRANK VILLARD

HELENE CHANCEL

MICHEL ROUX

MARIA VINCENT

NATHALIE MATIER

LOUIS SEIGNER

LEVADA PARA TANCIGER

EXCLUSIVO DE FILMITALUS

UM FILME QUE VEM NA HORA EXACTA DE UMA REVELAÇÃO SOBRE A FALSIDADE DAS «TOURNÉES» ARTÍSTICAS!

Um aviso corajoso a todas as raparigas perante um perigo que não suspeitam ser o disfarce de uma infame mentira!

TAUROMAQUIA

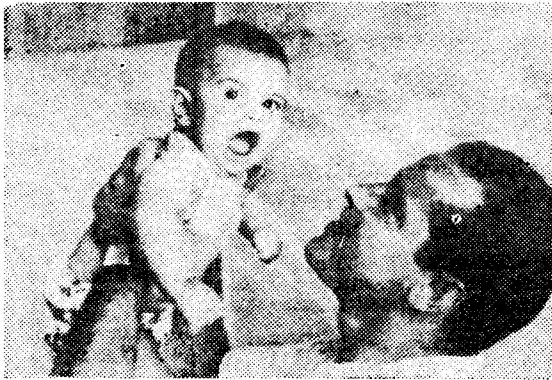
Que faz Francisco Mendes?

Que faz Francisco Mendes? — perguntam os que não podem esquecer o nosso finíssimo matador de touros, a arte com que lanceava de capa, a graça com que a movia em farol e a passava para as costas, a beleza dos seus passes de «muleta», a estética com que se caracterizou no toureiro.

Sabe-se que Manuel dos Santos é empresário do Campo Pequeno e que Diamantino Vizeu tem cultura de café em Angola, mas de Francisco Mendes poucos sabem e muitos desejam saber o que faz depois de que se retirou como os dois primeiros.

Pudemos vê-lo agora em Madrid e satisfazer a curiosidade nacional, começando por atenuar a afirmação dos que de Espanha vieram com a notícia de Francisco Mendes estava muito gordo, que pesava 98 quilos. A verdade é que já não pesa tanto, e que se atingiu a quase centena foi só nos primeiros tempos após a retirada da profissão que lhe não permitia comer como o alentejano apetite lhe pedia. Mas depressa perdeu peso porque logo começou ajudando seu sogro, o sr. António Castro, construtor de alguns dos arranha-céus madrilenos e de quem Francisco Mendes é hoje o braço direito. Assim já construiu seis dos modernos edifícios e habita num deles, num último andar, rodeado por amplo terraço de onde se domina todo Madrid e que tem até uma piscina coberta pelo céu. Em todas as divisões predominam materiais nobres — madeiras caras e pedras raras — e um bom gosto que denuncia o da senhora da casa, a gentil espanhola que escolheu para esposo o nosso compatriota.

E das divisões da casa destacam-se, pela decoração e apropriados móveis, as dedicadas ao estudo e recreio dos filhos do casal, porque Francisco Mendes já tem cinco filhos, um por cada ano de casado, e o mais novo apenas com dois meses. Com o primeiro, que, como todos, muito se lhe parece, está Francisco Mendes na fotografia que publicamos, que depois não houve tempo nem para os retratar. Com António Castro, grande aficionado à festa de touros e íntimo amigo de André Gago, que foi apoderado de Mendes, e de Carlos Arruza e «Manolete», costumava ir o casal às corridas da Feira de Sevilha, mas nos últimos cinco anos porque têm coincidido com os nas-



Francisco Mendes e o filho

cimentos. No Verão já podem levar os filhos para uma casa que possuem em Villalba, a quarenta quilómetros de Madrid, com o bom ar da serra, ou com o do mar, numa praia do Sul. A casa da serra pode Francisco Mendes ir diariamente após os seus trabalhos na cidade, e até caçar aos domingos, mas na da praia passa apenas curtas temporadas.

Francisco Mendes não esquece Portugal nem os amigos portugueses, mas há dois anos que os afazeres de Madrid não lhe permitem mais que rápidas fugidas a Évora, para ver sua mãe e para presenciar as tentas da ganaderia brava que ali possui o seu grande amigo eng.º Joaquim Grave.

E aqui têm os leitores, especialmente os aficionados que não esquecem o nosso toureiro-artista, a resposta à pergunta que a tantos temos ouvido. Que faz Francisco Mendes? Pois já sabem, Francisco Mendes trabalha, constrói arranha-céus, e é feliz, muito feliz, que bem o mereceu e merece.

«El T. P.»

O pregão de Lisboa num grande concurso

O empresário Serafim Gonçalves vai promover, em Junho próximo, um original concurso denominado «I Festival do Pregão de Lisboa».

Este interessante certame, destinado a premiar os melhores pregoeiros de Lisboa, conta com a participação dos vendedores ambulantes de frutas e legumes, galinhas e perus, fava-rica e mexilhão, limões, petrolinos e amoladores, funileiros e cauteleiros, ardinas e aguadeiros, ferro-velhos e todos os outros tradicionais tipos das ruas de Lisboa, incluindo peixeiros e varinas, os quais se deverão apresentar no espectáculo, a decorrer numa das melhores salas da capital, com o traje e todos os pormenores usuais no desempenho das suas funções, estando em disputa, além de 5000 escudos para o primeiro classificado, variadíssimos e valiosos prémios.

Assim, todos os interessados em participar no concurso poderão solicitar pelo correio, as suas inscrições e quaisquer esclarecimentos para a Praça da Alegria, 20, 4.º, em Lisboa.

Com esta iniciativa, Serafim Gonçalves marca mais uma vez um cunho de originalidade nas suas organizações, sempre orientadas no sentido de criar novas formas de espectáculo e divulgar os variados aspectos da vida do nosso povo. As características eminentemente populares deste concurso justificam a certeza do grande apoio do público à sua realização.



Lançada com todas as habituais tubas da fama de que Hollywood se serve em tais casos, Carroll Baker procura, se não totalmente, ocupar pelo menos um bocadinho do vazio deixado pela morte de Marilyn. O seu novo filme, após o êxito de «Os Insaciáveis», é uma produção de Martin Poll, a película «Sylvia», realizada por Gordon Douglas. «Sylvia» — Carroll Baker — será, neste filme, uma mulher que percorreu toda a escala social, desde a adolescente de porte duvidoso até à alta sociedade. A certa altura, um jovem detective particular (George Maharis) é encarregado de investigar o passado de «Sylvia»... o que dará motivo a uma série de aventuras em que a sedutora loura mostrará os seus dotes de mulher e envergará encantadores modelos criados propositadamente para ela por Edith Head, a mais categorizada personalidade da moda de Hollywood.

Artes plásticas

Visitas guiadas no Museu Nacional de Arte Antiga

Amãhã, às 21 e 45, haverá no Museu Nacional de Arte Antiga uma visita guiada pela directora do Museu Nacional dos Coches, dr.ª Maria José de Mendonça, subordinada ao tema «O traje na pintura portuguesa do século XV».

CALEM

BRANDY

VELHOS AMIGOS

...Faça com ele novos amigos!

PORTO LISBOA
e
SILENO ALGARVE
Tel. 393955 Tel. 861891

CASINO ESTORIL

APRESENTA TODAS AS NOITES



ELLARES SISTERS

EXUBERANTE DUO VOCAL FILIPINO

I FREDIANI

GRANDE NOME DO «MUSIC-HALL» MUNDIAL

MARIA DO ESPÍRITO SANTO

APRECIADA INTERPRETE DA CANÇÃO NACIONAL

BALLET STAFFORD

ELEGÂNCIA, «CHARME» E BELEZA PLÁSTICA

PREÇOS: Sábados, consumo mínimo, 60\$00; Nos outros dias, consumo mínimo, 40\$00. Todos os dias, jantar 65\$00. (Estes preços não compreendem taxas nem impostos)

No CINEMA, às 17 e 21.30:

«HISTÓRIA PARISIENSE»

A tarde e à noite para maiores de 17 anos

TODOS OS DOMINGOS, «MATINEE», ÀS 17 HORAS, COM O «SHOW» HABITUAL

Chá completo — 25\$00 (Taxas e impostos não incluídos)

ELLARES SISTERS, I FREDIANI e MARIA DO ESPÍRITO SANTO actuam também todas as noites no

Terraço das Estrelas do Hotel Embaixador

(MAIORES DE 17 ANOS)



Sarau dos Estudantes da Tuna Académica de Coimbra

Realiza-se no dia 10 de Abril, às 21 e 45, no Coliseu dos Recreios, um sarau totalmente preenchido pela Tuna Académica da Universidade de Coimbra.

A natureza do espectáculo e as características inéditas que os estudantes da Tuna de Coimbra sa-

bem dar aos seus saraus, permitem esperar um retumbante êxito.

Tem este espectáculo a finalidade de prestar uma justa homenagem aos soldados que estão em serviço no Ultramar.

No programa do sarau, estão incluídos numerosos variados de música clássica e folclórica.

Os bilhetes encontram-se à venda no Coliseu dos Recreios.

TEATROS ★ CINEMAS

CIRCO ★ VARIEDADES ★ ÓPERA ★ BAILADO ★ TV ★ RÁDIO

(Continuação da 4.ª página)

Muñoz, na protagonista, e Igrejas Caeiro, secundados por Henriqueta Maya, Rolando Alves e Rodolfo Neves, «Mary-Mary» continua a atrair todos aqueles que gostam de passar duas horas divertidas. Espectáculos para adultos.

NO CAPITÓLIO

Evocação das grandes operetas num dos melhores quadros da revista «É Canja!»

Todas as noites, insistentemente, o público aplaude um dos melhores quadros da sensacional revista «É Canja!», onde fielmente se evocam algumas das operetas que ainda hoje constituem uma verdadeira saudade para os amantes de teatro. Anita Guerreiro, com o seu poder interpretativo e a sua bonita voz, revive a personagem «Estrela de Opereta», conquistando mais um triunfo para a sua brilhante carreira de comediante. O cartaz reunido no Teatro Capitólio, nesta magnífica produção de Giuseppe Bastos, oferece largos motivos de gáudio para quantos gostam de revistas bem modernas e bem alegres: Salvador, Humberto Madeira, Emílio Correia, Anita Guerreiro, Carlos Nascimento, as jovens discípulas Dina Maria, Simone Maria, Dora Leal, Odete Antunes, Aurora Cruz e Mitó, os magníficos bailarinos in-

ternacionais Arturo, Esteban, Ribas e Bastos, as bailarinas francesas Jacqueline, Michele e Lilia, as bailarinas portuguesas Mira, Matilde, Vitaliana, Carmen, Clementina, Gina Canado e Fátima Verde, as modelos Belinha, Anita Roma, Tó e Virginia, a grande orquestra dirigida pelo maestro-compositor Carlos Dias, a fabulosa atracção brasileira Trio Bossa Nova (que se exhibe em danças e melodias do Carnaval do Rio de Janeiro), o agrupamento Cantares de Portugal e, sobretudo, a excepcional atracção portuguesa Maria Alice Ferreira, porventura o maior nome da moderna vanguarda artística nacional.

SÃO LUIZ E ALVALADE

«As últimas 36 horas» — um dos mais empolgantes filmes do ano

O cinema traz-nos, às vezes, agradáveis surpresas. Quando seria de esperar que os filmes de espionagem, desenrolados nos bastidores da última guerra, já nada pudessem oferecer de imprevisto — eis que o São Luiz e o Alvalade nos brindam com «As últimas 36 horas», um espectáculo de emoção e «suspense», que pode considerar-se verdadeiramente sensacional, pelo ineditismo das situações, pela novidade das peripécias, pelo empolgante interesse do argumento.

A espionagem e a contra-espionagem, nas vésperas do «Dia D», quando os aliados se preparavam para desembarcar nas praias da Normandia, jogam as últimas cartas numa luta apaixonante de ardis e de violências, num encaidear de cenas verdadeiramente arrebatadoras.

Lisboa, com a sua fotogenia incomparável, é outro atractivo de «As últimas 36 horas», pois parte da acção decorre na capital e as sequências respectivas foram rodadas no nosso País.

Interpretes admiráveis, com relevo para James Garner, Eva Marie Saint e Rod Taylor, imprimem a esta empolgante história — primorosamente realizada — o alto nível das produções fora de série.

NO IMPÉRIO

«Casablanca» com Bogart e Ingrid na sessão clássica de amanhã

O «Monthly Film Bulletin», do British Film Institute, ao criticar o filme de Michael Curtiz «Casablanca», afirma:

«Esta brilhante produção mantém a atmosfera de desespero, esperança, corrupção e calor, durante todo o seu desenrolar.

A realização é primorosa e a iluminação e a fotografia muito efectivas. Humphrey Bogart é admirável como Rich e Ingrid Bergman, apresenta-se com um encanto e uma frescura que não são habituais.

Paul Henreid confere uma especial sensibilidade ao desempenho que resume o idealismo de Victor Lazlo. Conrad Veidt faz um major Strasser com elegância e uma pretensa antipatia. O desempenho de Claude Rains no papel do capitão Renault é de alto preço.

Tanto elogio, numa publicação tão severa como a citada, é prova segura do alto mérito desta película que quando foi produzida em 1943, era como que um estandarte contra a tirania.

«Casablanca», exactamente porque é um clássico mantém hoje todo o sentido da sua mensagem, todo o vigor da sua realização. É esta a película que preencherá a 42.ª sessão clássica do Império, amanhã, às 18 e 30.

FOLHA-DE-FLANDRES
SEMPRE A PREÇOS MUITO ACESSÍVEIS
CICC, LDA. - RUA D. JOÃO V. 7-11
LISBOA - TELES. 68 41 41/2/3

SINTRA ESPERA-O
NO DOMINGO

Para a sua deslocação utilize os
COMBOIOS ELÉCTRICOS

COLISEU

Emp. Ricardo Covões, Herds.

A M A N H Ã, às 21.30

(Maiores de 12 anos)

ESTREIA

DA SUPERPRODUÇÃO
CINEMATOGRAFICA

ESQUADRILHA
HERÓICA

com Richard Todd
e Michael Redgrave

Novos corpos gerentes da Associação de Propaganda e Defesa das Belezas e Costumes de Monte Real

MONTE REAL, 30 — Com a presença de muitos sócios, efectuou-se, na sede provisória da Associação de Propaganda e Defesa das Belezas e Costumes de Monte Real, a cerimónia da posse dos novos corpos gerentes desta agremiação regionalista.

Por impedimento do presidente eleito, sr. Olímpio Duarte Alves, governador civil do distrito de Leiria, ficou a exercer o cargo o vice-presidente, sr. Joaquim Ascenso Rita, que será o representante da Associação na Comissão Regional de Turismo de Leiria.

Na primeira reunião de trabalhos, a nova direcção tomou conhecimento da situação financeira da colectividade, tomando a seguir as seguintes deliberações:

Efectuar as reuniões no edifício da Junta de Freguesia, cedido para o efeito, enquanto a Associação não possuir sede própria; providenciar para a actualização da cobrança de quotas em atraso e promover uma campanha para angariação de novos sócios, não só entre os Montrealenses, mas também nos amigos e

frequentadores desta estância termal; organizar uma biblioteca, solicitando livros a particulares e entidades oficiais; activar os trabalhos para ser editado, o mais breve possível, o jornal «Monte Real», criado pela Associação; oferecer à direcção da Casa do Povo local a sua colaboração, a bem da localidade; apresentar cumprimentos ao presidente da Câmara Municipal de Leiria, oferecendo-lhe os melhores préstimos, e solicitar-lhe a instalação urgente da rede de esgotos de Monte Real e o abastecimento de água à parte alta (antiga vila) que nem sequer tem um fontenário para se abastecer; e que as reuniões da Sociedade passem a ser na primeira segunda-feira de cada mês.

Terminada a reunião, algumas dezenas de pessoas inscreveram-se como sócios da associação da qual se espera venha a pugnar pelos interesses daquela progressiva e histórica vila que dispõe de uma afluente estância termal única no seu género.

Centro de Estudos

Vasco da Gama

Uma portaria hoje publicada cria, na Junta de Investigações do Ultramar, um agrupamento científico que funcionará junto da Sociedade de Geografia de Lisboa e será denominado Centro de Estudos Vasco da Gama.

O condicionamento

do plantio da vinha

Um decreto-lei publicado pelo Ministério da Economia estabeleceu normas transitórias a observar no plantio da vinha e revoga diversas disposições legislativas.

* AVENIDA *

AS 21.45 (ADULTOS)

A peça de
SOMERSET MAUGHAM

«CICLONE»

em

ULTIMAS REPRESENTAÇÕES

SABADO — ESTREIA DE
«DUAS DÚZIAS DE ROSAS
VERMELHAS»

com MARIANA REY MONTEIRO, VARELA SILVA e CANTO E CASTRO, nos principais papéis

TEATRO VEJA HOJE
CAPITÓLIO A REVISTA

É CANJA!

As 20.45 e 23 h.

Adultos

UM LUXUOSO, ALEGRE E COLORIDO
ESPECTÁCULO COMANDADO POR

SALVADOR e HUMBERTO MADEIRA

à frente de um notável cartaz internacional

40 RAPARIGAS DE RARA
BELEZA!

M. Alice Ferreira

Cedida gentilmente pelo «CHICOTE» a atracção nacional MARIA ALICE FERREIRA arrebatou o público

TODAS AS NOITES O RESTAURANTE TURISTICO REGIONAL

O CHICOTE

(P. DO AREIRO, 3)

lhe oferece, no decorrer de um jantar-espectáculo da melhor comida regional do País e Ultramar, um conjunto de artistas privativos tais como Eugénia Lima, Max, Maria Dilar, Cantares de Portugal, Amélia Maria, Ildelfonso Frade, Miguel Silva, o Prof. Karma e Bett e a grande vedeta-espectáculo

MARIA ALICE FERREIRA

que, temporariamente, trabalha no Capitólio, com extraordinário êxito, por cortesia do CHICOTE

No «snack-bar» refeições regionais a 25\$00 com sobremesa. Serviço especial para banquetes e casamentos com espectáculo privativo

Marcação de mesas pelos telef. 720672 e 711672

(Maiores de 12 anos)



Maria Alice Ferreira

FESTA DOS PRÉMIOS DA IMPRENSA

Sábado, 3 de Abril, às 22 h.

no Pavilhão dos Desportos

Os «Melhores de 1964» proclamados num espectáculo em que participam os melhores de 1965

Bilhetes á venda: Sucursais do «Século» e «Diário de Notícias». Agências dos Restauradores, Portas de St.º Antão e Avenida de Roma.

faça as suas compras
na

BAIXA

DE - TUDO - PARA - TODOS

GRANDES ARMAZÊNS DO CHIADO

RUA DO CARMO • 2 • LISBOA Telef. 321071/2

FLORES
DE GRENOVILLE

UMA COLÓNIA PARA SI,
UMA COLÓNIA DIFERENTE

A VENDA NAS BOAS CASAS

Lopes & Lopes (Filho), Lda

PELARIAS-FINAS

PARA CALÇADO
MALAS E VESTUÁRIO

12-C — Praça da Figueira — 12-D
Telf. 86 87 82 — 86 87 31



SECÇÕES DE:

LIVRARIA
TABACARIA
PAPELARIA
BRINQUEDOS

ARTIGOS PARA BRINDES
ARTIGOS FOTOGRÁFICOS

RUA DA PRATA, 148

ELETRIGIA, LDA.

Rua de St.º Justa, 87 a 93
LISBOA

Telefs.: 321221 - 33446

MATERIAL ELECTRODOMÉSTICO — RÁDIO — T. V. — GIRA-DISCOS — GRAVADORES — DISCOS

PERFUMARIA

Quintans

R. DA PRATA, 196—Telef. 322020

COSMÉTICA

PERFUMARIA

NOVIDADE

BIJUTARIAS



R. DA MISERICÓRDIA, 2-1.º - LISBOA

TÉCNICA E MORAL

(Continuação da 1.ª página)

para os grupos humanos a que se referem, porque toda a valoração é também um facto social.

As técnicas e os valores que elas procuram realizar são duas linguagens diferentes que traduzem o estado social. O sentido das aplicações técnicas depende, assim, da natureza dos valores dominantes, e por consequência, dos factores políticos que estruturam a sociedade e lhe traçam as directrizes. Geralmente predominam os valores económicos: a abundância, a riqueza, o poderio — aparecendo a moralidade apenas como critério justificativo. No entanto, parece incontestável que o problema tecnológico é, acima de tudo, um problema humano e portanto um problema social.

O puro tecnicismo é uma aberração perigosa. As tentativas tecnocráticas de Howard Scott e da sua escola (1932-1935) falharam completamente, bem como as soluções administrativas preconizadas por Burnham. Uma transformação técnica de certa monta afecta o modo de vida e o sistema de relações sociais dos indivíduos que nela colaboram e, indirectamente, toda a sociedade. Por isso não pode abstrair-se do factor humano, quer se trate de produção, de administração, ou de distribuição, e é preciso recorrer às ciências humanas. As transformações técnicas fazem surgir novos problemas sociais, que exigem novas soluções.

Efectivamente, vimos a máquina a vapor transformar profundamente as condições de trabalho, o sistema de relações sociais e os costumes. E quando a manufatura foi substituída pela grande fábrica electrificada, que realiza maior concentração industrial e exige grandes investimentos de capitais, as repercussões sociais tornaram-se mais extensas e mais profundas. Em século e meio, a vida humana modificou-se inteiramente. Surgiu um mundo novo, um mundo artificial. O trabalho despersonalizou-se, perdeu o valor pessoal e o significado social, tornou-se colectivo sem ser comunitário, solitário e mecânico. A racionalização técnica desumanizou o homem convertendo-o em instrumento anónimo de produção, fazendo-o perder a iniciativa criadora, a liberdade e o interesse do antigo artesão dos ofícios unitários, em contacto directo com a natureza, através dos materiais que trabalhava e sobre os quais aplica todos os recursos do espírito e da habilidade manual. A produção em série dilacerou o trabalho.

O tecnicismo forjou um novo homem. As motivações da conduta modificaram-se. Estabeleceu-se uma nova hierarquia social, determinada pelo nível técnico que se ocupa; a separação de funções directivas e executivas avolumou as desigualdades económicas e sociais. As relações de classe adquiriram maior importância do que as de parentesco e de vizinhança. Surgiram novas necessidades, outras modificaram-se; o nível médio das aspirações humanas elevou-se, ao mesmo tempo que se produzia uma depressão nos meios de realização, porque o aumento considerável da produtividade do trabalho não correspondeu aos fins sociais que lhe competiam.

O progresso técnico, orientado em função do lucro, esqueceu o aspecto social dos seus benefícios. Para moralizar a técnica é indispensável moralizar as instituições sociais e políticas em que ela se insere. Ora, a moral consiste essencialmente no dever de dar aos outros aquilo que desejamos para nós, segundo o belo preceito cristão que em dois mil anos de apostasia ainda parece desconhecido. A sociedade é uma dimensão da vida individual, de modo que as forças morais enfraquecem na medida em que ela se corrompe. Se o pro-

gresso técnico vem acompanhado de uma degradação moral que ameaça subverter a nossa civilização, o remédio não consiste em condenar a técnica, mas sim em reformar a sociedade e melhorar o homem. Pois havíamos de decepar as mãos só porque elas podem agredir e matar, ou destruir? O valor das técnicas depende do uso que se lhes dá, da maneira como se aplicam, da extensão dos benefícios que permitem alcançar. A moral prática é uma moral de posição, informada pelos costumes, preconceitos, interesses e paixões. A moral abstracta, a moral pura, geralmente serve apenas de cartaz. Por isso, numa sociedade de castas, cada uma tem o seu tipo de moralidade. Os sociólogos da escola de Durkheim, impressionados por este facto, reduziram a moral teórica a uma «ciência dos costumes». Assim se explica que a escravatura fosse admitida como instituição natural pelos grandes pensadores gregos e até por apóstolos como S. Paulo, já depois do encontro na estrada de Damasco.

Na Roma imperial, a moral do senhor era inconfindível com a do escravo e a do libertado: na sua forma instintiva, o sentimento moral tem por conteúdo os interesses e as paixões pessoais. Enquanto a moral do senhor assentava no privilégio, como num direito natural, a do escravo aceitava a submissão, como um dever, resignada ou hipocritamente. A moral do escravo nunca pode triunfar, porque a libertação converte-a logo na moral do libertado, que funde o surdo rancho do antigo escravo com a base agressiva do novo senhor.

Em todas as épocas, porém, a generosidade, a abnegação, a coragem, o sacrifício foram inscritos entre os mais altos valores humanos. E temos, na nossa época, a par dos monstruosos crimes que nos envergonham, abundantes e admiráveis exemplos dessas virtudes nas multidões que passaram pelos campos de concentração, suportaram estóicamente as maiores violências e horrores; naqueles que sacrificaram a vida na defesa do espaço aéreo para impedirem os bombardeamentos de populações indefesas, ou fizeram dos corpos murais contra os invasores; nos que foram espoliados do seu pecúlio moral, que perderam tudo o que prende à vida e vale mais do que ela.

A moralidade que se exprime nas leis e nas instituições sociais traduz o ponto de vista do legislador e não pode confundir-se com a moral teórica — conjunto de valores que ultrapassam os costumes, apontam objectivos mais altos e, em todas as épocas, são directrizes e estimuladores, imperativos de consciência, incoercíveis, ainda que praticamente ineficazes.

Com todos os riscos que comporta o mau uso da técnica, é incontestável que ela melhorou consideravelmente as condições de trabalho e da vida humana e é ainda susceptível de prestar melhores serviços quando se libertar dos condicionamentos que a desviam da função social que lhe compete. Enquanto as necessidades primárias não estiverem amplamente satisfeitas, o aperfeiçoamento moral é impossível, porque a miséria degrada.

Não pode dizer-se, porém, que as instituições sociais se não tenham aperfeiçoado. Além da legislação social promulgada pelos Estados, os psicólogos têm-se ocupado insistentemente, por parte das grandes empresas, no estudo dos problemas relacionados com o trabalho, incluindo o aproveitamento dos ócios na valorização do operário. As técnicas psicossociais introduzidas ou adaptadas pela teoria da *human relations* corrigem alguns inconvenientes da racionalização industrial, mas sofrem do pecado original: representam o ponto de vista do empresário.

A facilidade e a rapidez dos meios de transporte e de comunicação tornaram o mundo mais pequeno e mais familiar, aceleraram o ritmo da vida. Todos os homens se tornaram vizinhos. Mais ainda: o extraordinário poder destruidor dos engenhos atómicos e teleguiados tornou-os solidários nos riscos comuns. A máquina invadiu todos os meios, graças à facilidade de transporte da energia eléctrica, colabora em todas as formas de actividade humana: a indústria, o comércio, a agricultura, o lar e as repartições públicas, a cidade o campo.

Quando se acusa o progresso técnico de ser fonte de corrupção, é preciso ver em que medida ele beneficiou aqueles que o tornaram possível e foi aproveitado para resolver os problemas candentes da justiça social, a fome a miséria, porque isso pode explicar a onda de ressentimentos que alastra e se alastra ameaçadora. Cada vez se torna mais urgente formar um escol-

de consciências livres, de homens de boa-vontade, dispostos a defender os mais altos valores humanos desacreditados pela cupidiz de uns e pela indiferença de outros. A moral só se prega pelo exemplo: os fariseus que negam nos actos as mensagens que anunciam pertencem àquela raça de víboras já condenada nos Evangelhos.

As leis morais não têm a fatalidade das leis físicas: implicam ao mesmo tempo liberdade e responsabilidade. A sua obrigatoriedade é autónoma. Pretender impô-las exteriormente é desconhecer-lhes a natureza e negá-las nos seus fundamentos. A aprendizagem da virtude torna-se impossível quando os meios que se empregam a desmentem e os fins aparecem sofismados. Conta Max Picard que o próprio Hitler acabou por ter medo da juventude que o seu regime educou: «Vi o homem novo, é intrépido e cruel: tive medo dele». O sentimento da justiça é uma força viva da conduta que pode orientar-se pela persuasão, mas nunca pela violência. Que significa falar de deveres quando se não respeitam direitos? A moral positiva de Augusto Comte proclama como supremo direito do homem o de cumprir o seu dever.

O futuro da humanidade tornou-se imprevisível e sombrio, porque pode depender de uma imprudência ou de um capricho. Daí a necessidade imperiosa de uma fiscalização eficiente do poder. As técnicas industriais não compete melhorar o homem, mas apenas as condições da sua vida material, permitir o bem-estar e as comodidades que dignificam a vida e podem servir de esteio ao aperfeiçoamento moral. Viu-se, ao longo dos séculos, o progresso técnico facilitar o progresso moral, ainda que o não implique. Ele é tão evidente que nos permite confiar no futuro, no poder inesgotável das forças criadoras, na capacidade humana de redenção. Vivemos numa época trágica, mas podemos ser optimistas, se acreditarmos no sentido moral da vida, se admitirmos que o homem é um ser ascendente, apesar de tudo.

L. V.



«As cartas de amor são sempre ridículas... Não seriam ridículas se não fossem cartas de amor...» Assim diz o nosso Fernando Pessoa. No entanto... há também quem afirme que sobretudo «nas cartas de amor se revela sem reservas o eu profundo de um escritor ou até de um homem de estado». Em Portugal, terra de amores, e amores infelizes, não abunda a correspondência amorosa. É diferente, o amor, em Portugal... Tomemos D. Pedro e D. Inês. Só esses provam com clareza que os nossos maiores amadores se entregam a sua paixão instintivamente, «apaixonadamente», (primariamente). Vivem-na, não a analisam nem discorrem sobre ela. Quando o fazem é já na transposição e na sublimação poética. No nosso céu da poesia temos, pois, uma verdadeira galáxia de poesia amorosa, e Camões como estrela de primeira grandeza. «Contigo em toda parte me não de achou; / Que a chama que me abraça é de tal fogo, / Que, enquanto eu vivo for, há-de durar;» — Mas o grito directo á amada, ao amado, a exaltação da plenitude amorosa, e seus hosanas, ou os úlbos de um coração ferido subitamente de morte, ou ainda a lenta agonia de amores julgados eternos, repito, não os vemos observados por penas atentas, penetrantes, mórbidas, nervosas, justas ou injustas, e sobretudo, lucidas. Cartas que «nos ajudam a conhecer Diderot e Bonaparte,

Mirabeau e Stendhal, — que escreve às mulheres (ainda e sempre) para falar de si próprio e para tentar em vão conhecer-se a si próprio melhor», não as temos nós que se lhes equiparem, a não ser as de Mariana Alcoforado, cuja autenticidade é exactamente contestada por estudiosos.

Sim, dá as de Almeida Garrett, António Nobre, Manuel Laranjeira, e meia dúzia mais, que farão parte de um volume a aparecer em breve, composto pela tradução de cartas que vão de Voltaire a Benjamin Constant, de Ninon de Lenclos a Baudelaire e a Victor Hugo. — E fica o anúncio feito.)

Da epistolografia amorosa da Idade-Média também em França não permaneceram abundantes exemplos. Basta porém as quatro cartas trocadas entre «Helotisa» e «Abelardo» para enriquecerem a literatura amorosa não só medieval, como de todos os tempos.

Abelardo (1079-1142) foi teólogo e filósofo escolástico. O pai destinara-o à carreira das armas, mas a sua paixão pelos estudos fez-o renunciar a essas pompas e glórias (não esqueçamos que se trata da Idade Média), e a fortuna paterna, assim como aos direitos de primogénito, para se dedicar ao estudo aprofundado da filosofia. Tornou-se um teólogo e filósofo famoso. A escola que fundou em Paris, frequentavam-na 5000 alunos, entre os quais 19 cardeais e 50 bispos. Com 36 anos enamorou-se de uma donzela de 17, sua aluna particular, cuja beleza inteligência e cultura eram célebres. Então, «com o pretexto de (se) entregar(em) ao estudo, entregavam-se) de todo em todo ao amor... Tinha(m) diante de (si) abertos os livros, e todavia praticava(m) mais de amores que de ciência, e eram mais os beijos que os preceitos.» Nasce um filho e casam secretamente. Mas o cônego Fulbert, tio da donzela que aceitara entusiasmado as lições de Abelardo, não lhe perdoa a afronta e decide vingar-se. Um criado comprado a peso de ouro ajuda-o a introduzir-se de noite, e a outros «parentes ultrajados», no quarto do mestre. Então, conta ele, «mutilaram-me por onde havia pecado». E não vê outra solução senão retirar-se para um convento, exigindo que Helotisa faça o mesmo. Passado tempo é de novo chamado a ensinar, de novo sofre denúncias e perseguições, agora da parte de invejosos que, esses, não lhe perdoavam a fama e a posição de destaque alcançada por seus méritos próprios. Decorridos dez anos, Helotisa e Abelardo tornam a encontrar-se, por questões relacionadas com a administração dos respectivos conventos. Separados então para nunca mais se verem, é Helotisa a primeira a escrever ao seu bem-amado esposo. Lera a «Carta a um Amigo», documento em que Abelardo narra as suas desditas em exortação a alguém que lhe escrevera a pedir-lhe conselho para o remédio de males que, comparados, se afiguram bem mesquinhos.

Essa leitura reanima a paixão que afinal nunca se desvanecera no coração de Helotisa.

As quatro epístolas trocadas, por muito longas, não poderão ser aqui publicadas na íntegra, tal como outras cuja extensão ultrapasse as colunas que lhe estão reservadas. Mas é nosso propósito escolher os trechos de mais interesse e mais directamente apreensíveis numa leitura semanal.

ISABEL DE NÓBREGA

bom apetite

Chicote
RESTAURANTE
TURÍSTICO
REGIONAL
P. do Areeiro, 3-B — Tel. 720672
Amanhã: especialidades da culinária da saborosa cozinha do Ribatejo, almoço-mesa redonda, e jantar espectáculo. (M. 12 anos).

Samba
RESTAURANTE
BAR
Folclore Brasileiro
Todas as noites musica para dançar sempre com atrações
AMANHÃ AO ALMOÇO
VERDADEIRA FEIJOADA
A BRASILEIRA
R. Duque Palmela, 27-A-Fone 41953
(Maiores de 17 anos)

BIFES À CORTADOR
«OH LACERDA»
HOTEL D. FUAS
Tel. 46351 — NAZARÉ

COZINHA ALENTEJANA
AV. DO AEROPORTO, 56
Tel. 727071
Unico Restaurante Provincial em Lisboa
Servem-se lanches de casamento e banquetes
ENCERRADA ÀS 2.ª-FEIRAS

RESTAURANTE RESTAURAÇÃO
ALMOÇO E JANTE UMA VEZ E FICARÁ CLIENTE CERTO
VINHO ESPECIAL
RUA 1.ª DE DEZEMBRO, 105
Telef. 369495

BÓLIDE
(COZINHA REQUINTADA)
AS SUAS ESPECIALIDADES
BÓLIDE
2 ANOS CONSECUTIVOS
PREMIADOS PELO S. N. L.
AV. DE ROMA, 7-A

CAMÕES... O MAIOR
CAMÕES
RESTAURANTE — SNACK-BAR
... O MELHOR
PRAÇA LUIS DE CAMÕES, 45

café CANAS
RESTAURANTE
CERVEJARIA — SNACK BAR
PASTELARIA
R. SARAIVA DE CARVALHO, 145-A — Telef. 672229 - 666532

O «Diário de Lisboa» vende-se no Porto

O «Diário de Lisboa» encontra-se à venda nas tabacarias de Leça, Matosinhos, Foz, Avenida da Boavista, Carvalhosa, Carvalhido, Rotunda da Boavista, Praça Marquês de Pombal, Rua de Costa Cabral, Constituição, Praça da República, Bonfim e Antas, a partir das 19 e 30 e na Tabacaria do Bar-Restaurante do Aeroporto, em Pedras Rubras, a partir das 20 horas.

O 9.º Festival Gulbenkian de Música promete alcançar êxito sem precedentes na vida musical portuguesa

O 9.º Festival Gulbenkian de Música, cujo programa foi agora tornado público, inclui manifestações de grande nível e interesse artístico. O programa foi elaborado de maneira a satisfazer todos os gostos, desde o puro amador de música ao profissional mais exigente, e apresenta características de um verdadeiro festival internacional.

O Festival inicia-se em 15 de Maio próximo, no Coliseu dos Recreios, com um espectáculo de Danças e Cantares da Arménia pelo Grupo Folclórico Arménio do Líbano, cuja presença em Lisboa, pouco antes da sua apresentação no Festival de Balneque, adquire um significado especial, neste ano em que se comemora o 10.º aniversário da morte do grande benemérito que foi Calouste Gulbenkian. Em 17 de Maio, haverá um concerto coral sinfónico dedicado à estrela em Portugal de Zoroastro, na recente versão de concerto de François Gervais — obra que, pode dizer-se, constituiu o fulcro das comemorações francesas do bi-centenário de Jean Philippe Rameau. Para este efeito, deslocam-se ao nosso País alguns dos mais conceituados artistas da Ópera de Paris que, juntamente com cantores portugueses, o Coro Gulbenkian e a Orquestra Sinfónica da Emissora Nacional vão interpretar, sob a regência do maestro Serge Baudo, a magnífica e imponente obra do compositor que é justamente considerado o maior músico e teórico francês do século XVIII e o criador do sistema harmónico no qual se apoiaram os compositores do classicismo e do romantismo musical. Inaugurar-se-á, nessa data, uma Exposição, estando também integradas nas comemorações uma conferência proferida por Guy Mollet do Jourdin e um ciclo de audições de música de câmara de Rameau.

Passa este ano o 20.º aniversário do falecimento de Béla Bartók, pelo que, em homenagem a um dos vultos mais significativos da música contemporânea, o Festival inclui quatro das suas obras mais representativas nos domínios da ópera, do ballet, da música sinfónica e da música de câmara.

Assume, também, carácter comemorativo a inclusão, no repertório da Orquestra Nacional da Bélgica, sob a direcção de Cluytens, da *Suite alentejana N.º 2*, de Luís de Freitas Branco, no ano do 10.º aniversário da sua morte, além da conferência «Recordações de meu Pai», por João de Freitas Branco, e da audição dos «Madrigais Camoneanos». Outro facto de significativa relevância para a música portuguesa é a estreia absoluta, na revisão de Pierre Salzmann (que está a ser editada pela Fundação Gulbenkian) da ópera setecentista «La Spinalba», de Francisco António de Almeida, que vai ser cantada por artistas portugueses e italianos, sob a regência do maestro Gianfranco Rivoli e encenada por G. de Bosio, com cenários e figurinos de Luca Sabatelli. Esta execução será, pouco depois, gravada em disco editado também pela Fundação.

Ainda no que respeita à música portuguesa importa salientar o interesse manifestado pela Fundação Gulbenkian no sentido de revitalizar a cultura organística em Portugal, onde uma fortíssima tradição, especialmente viva nos séculos XVI e XVII, se foi perdendo, pouco a pouco, e que urge, agora, estimular.

Como vem sendo hábito, haverá concertos dedicados à música antiga.

Em relação aos anteriores, no 9.º Festival Gulbenkian de Música, o elemento novo mais significativo foi a importância dada às duas principais criações da Fundação Gulbenkian destinadas a desenvolver as infraestruturas da música em Portugal — o Coro e a Orquestra Gulbenkian — que este ano, pela primeira vez, asseguram, com índice de qualidade idêntico ao de conjuntos congêneres do estrangeiro, a realização de obras de vulto, como «A Criação», de Haydn, «Zoroastro», de Rameau, «La Spinalba», de F. A. d'Almeida, sinfonias e concertos de Mozart e Haendel. O apoio a estruturas de base nacional, que funcionam durante todo o ano, e a progressiva descentralização do Festival — que este ano se reparte por 13 cidades do Continente e se prolonga até à Madeira e Açores — constituem autêntica obra de fundo nos sectores da criação e da interpretação. Representam, sem dúvida, os primeiros resultados de uma esclarecida política de investimento cultural cujos

efeitos se farão sentir no decorrer dos próximos 10 e 20 anos.

Concurso de Piano do Pro Arte em Viseu

Despertou grande interesse nos meios musicais o concurso que a Pro Arte vai promover na 2.ª quinzena de Abril em Viseu, iniciativa que tem alto patrocínio do Instituto de Alta Cultura, do S. N. I., da Fundação Calouste Gulbenkian. Fundo de Turismo, das autarquias locais, da Pro Arte, da Casa Olavo Cruz e da Orquestra Filarmónica de Lisboa.

O programa do concurso é o seguinte: — Bach — Um Prelúdio e Fuga do Cravo Bem Temperado, à escolha do concorrente; II — Chopin — «Estudo» Op. 25, N.º 2; III — Uma Sonata escolhida entre as seguintes: Beethoven — Op. 13 («Patética») — Op. 27 («Clair de Lune») — Op. 31, N.º 2 e 3 — Op. 53 («Aurora») — Op. 57 («Appassionata») — Op. 78 — Op. 81 — Op. 101 — Op. 109 — Op. 110 e Op. 111. — Mozart — Sonatas KV — 284 — 310 — 457 e 576; IV — Uma obra à escolha entre as seguintes: Schubert — Um Improviso. — Schumann — Um arabesco — Uma das «Peças de Fantasia», Op. 12. Brahms — Um Intermezzo — Uma Rapsódia — Ravel — «Jeux d'eau» — «Ondine» — «Toccata» — Debussy — Um prelúdio — «Reflets dans l'eau» — Mouvement; Uma obra portuguesa ou brasileira.

São atribuídos prémios aos três concorrentes mais distinguidos pelo júri; mas, além destes, foram criados pela Pro-Arte dois prémios especiais, no valor de 1000\$00 cada, oferecidos a esta organização, e que se destinam aos melhores intérpretes da prova portuguesa e da prova brasileira.

Para o concurso já estão inscritos trinta concorrentes de todo o País, pelo que é de esperar um elevado nível nas interpretações das obras que constituem o programa.

Linha de CASCAIS

Associação dos Bombeiros Voluntários de Oeiras

Reune-se esta noite, às 21 horas, na respectiva sede, em sessão ordinária, a assembleia geral da Associação Humanitária dos Bombeiros Voluntários de Oeiras, para discussão e votação do relatório e contas da direcção e parecer do conselho fiscal relativos ao ano findo.

Cinemas

PAREDE — Royal-Cine — A's 21: «Sahará» — Posto 6 (17 anos). ESTORIL — Casino — A's 21 e 30: «História parisiense» (17 anos). CASCAIS — S. José — A's 21 e 30: «Os quatro agentes secretos» (17 anos).

Farmácias de serviço

ALGES — Nifo — Av. Comb. G. Guerra 64 (Tel. 212070). CAXIAS — Nova — Rua Bernardino Ribeiro, 1-A (Telef. 242839). PAÇO DE ARCOS — Trindade Brás — R. Costa Pinto, 186 (Tel. 2420034). OEIRAS — Godinho — R. Candido dos Reis, 98 (Tel. 2430090). PAREDE — Macau — R. J. Elias Garcia, 62 B (Tel. 2471785). ESTORIL — Costa — Av. Sabola, 29-B — Monte Estoril (Tel. 260085). CASCAIS — Misericórdia — R. Regimento 19, 41 (Tel. 280141). Cascais — R. Conde Monte Real — Bairro Caixas (Tel. 282407).

DEIXOU O TEJO

O contratorpedeiro «Cony» deixou hoje de manhã o Tejo, onde se encontrava há cinco dias, o contratorpedeiro «Cony», da Armada dos Estados Unidos da América, do comando do capitão-de-fragata C. A. Guthrie.

Em ALVERCA o «DIÁRIO DE LISBOA» encontra-se à venda na TABACARIA CAMPINAS, R. Joaquim Sabino Faria, 18-A.

Diário da

OUTRA BANDA



Ultrapassaram 6660 contos as receitas do ano findo do Município do Seixal

O Relatório da Gerência do ano de 1964 da Camara do Seixal — já aprovado pelo respectivo Conselho Municipal — é um documento relevante, em que se analisa, com bastante pormenor e diversas interpretações estatísticas, a vida daquele concelho, muito em especial quanto respeito aos sectores mais de perto ligados à edilidade. Da sua leitura, ressalta a ideia, aliás já confirmada noutras ocasiões, de que a acção do Município se tem processado perante a necessidade absoluta de manter um regime de grandes economias, o qual — segundo se afirma no mesmo relatório — terá de continuar no ano em curso.

Deste modo, as obras de grande envergadura de que o concelho necessita (e são muitas) têm de ser encaradas com a maior prudência, por parte dos edis, atendendo à capacidade financeira daquela autarquia. A criação de novas indústrias e o desenvolvimento de uma ou outra das existentes fazem prever, contudo, a melhoria do nível de vida da população e a entrada no concelho do Seixal de novas famílias, atraídas pelas condições de trabalho que se lhes possam oferecer, implicando, portanto, para o Município um aumento das suas obrigações.

A este propósito, salienta-se no trabalho em apreço: «A Camara tem que estar atenta a este problema, tem que preparar-se para satisfazer uma população a aumentar em ritmo apressado, tem que fazer um esforço extraordinário de molde a não se atrasar mais do que está e, em vez disso, conquistar algum atraso. Se são grandes as nossas preocupações em relação ao futuro, não são mais pequenas quanto ao passado, pois os encargos que contraímos são enormes e só compensados, digamos mesmo largamente compensados, pela alegria de vermos nascer no concelho uma Escola Técnica que já vinha a ser falada há vários relatórios, sem que nunca passasse de hipótese. A alegria de vermos outra pretensão, a restauração da comarca, também nos faz pensar em melhores dias».

As finanças municipais

Alude-se, depois, no relatório, à localização de uma nova zona industrial e à promessa do ministro das Obras Públicas de abreviar a aprovação dos anteprojectos do Seixal e de Amora e à autorização, por parte do mesmo membro do Governo, de estudar várias zonas que ainda não estavam abrangidas por anteprojectos de urbanização.

Noutro passo, afirma-se que se situou em 4966 contos a receita ordinária, excluída a consignada, cobrada em 1964. A quebra de cerca de 200 contos relativamente à cobrança do ano anterior resultou do imposto de comércio e indústria, devido a duas empresas industriais não terem pago, até ao fim do ano, o imposto que lhes coube.

«Infelizmente, no ano em curso

— assinala-se —, a cobrança deve sofrer mais um duro golpe, como consequência da entrada em vigor do novo Código da Contribuição Industrial, aliada à posição deficitária ou pouco rentável de algumas indústrias localizadas no concelho. E de esperar, no entanto, que esta baixa de receita venha a ser compensada em breve, não só pelo fortalecimento da indústria existente, como ainda pela localização no concelho de novas unidades industriais e pelo incremento da actividade da construção civil, que já não deve tardar muito, conforme parece ser legítimo supor-se neste momento».

No capítulo das despesas, anota-se em primeiro lugar que o montante da despesa ordinária efectuada em 1964 foi superior a qualquer dos quantitativos despendidos nos dois anos anteriores, com a rubrica da mesma natureza. Em relação a 1963 o aumento verificado atingiu 649 contos. «Tal crescimento da despesa só se tornou possível à custa da diminuição substancial do saldo que transitou da gerência anterior e do aumento da dívida passiva a curto prazo. Mas trata-se de solução que não pode ser utilizada indefinidamente, como é óbvio».

Comparações...

Não deixa de ter interesse um rápido relancear pelos mapas do documento que estamos tratando, dos quais se tiram algumas ilações esclarecedoras. Assim, por exemplo, verifica-se que o total das receitas (ordinária, consignada e extraordinária) em 1962 foi de 7 063 823\$20, vindo a decrescer no ano seguinte (6 292 433\$90) e registando alguma recuperação em 1964 (6 666 113\$30). No entanto, o abaixamento mais espectacular verificou-se no sector respeitante a obras particulares, cujo rendimento (licenças, mais-valias e outras taxas) se cifrou, em 1962, em 1 427 668\$00, sofrendo depois uma queda vertical: 356 491\$90, em 1963, e 378 298\$80, no ano findo, que ultrapassou, apesar de tudo, o anterior, em mais 21 806\$90.

Quanto à evolução da despesa nos últimos três anos, regista-se que os montantes mais altos pertencem aos capítulos respeitantes a Secretaria, Águas e Saneamento e Obras, os quais, em 1964, inscreveram, respectivamente, as seguintes verbas: 1 150 896\$60, 1 121 632\$50 e 955 792\$10. Com a Instrução, nos três anos em causa (1962 a 1964), gastou-se, sucessivamente, 1 437 756\$80, 1 033 300\$40 e 400 951\$30. Os dispêndios com o pessoal, no ano findo, atingiram a importante verba de 1 681 630\$80, ligeiramente superior às das gerências antecedentes.

O montante da dívida passiva a longo prazo passou de 5 036 372\$50, em 31 de Dezembro de 1963, para 5 291 576\$70, em igual dia e mês do ano seguinte, apesar das amortizações feitas durante a gerência finda terem totalizado 487 530\$70. «Espera-se — diz-se no relatório — que a quantia e 3600 contos que ainda fal-

As fainas marítimas e fluviais — a pesca e a construção naval — justificaram a fundação da típica vila do Seixal. Ainda hoje, apesar da sua feição industrial, que se acentua cada vez mais, o mar continua presente na sua vida quotidiana, por intermédio da frota bacalhoeira e das secas de bacalhau. Além disto, ainda persistem alguns curiosos estaleiros de pequenas embarcações de madeira e o tráfego fluvial de mercadorias diversas resiste ao tempo... na gravura, podemos ver, por cima dos telhados do casarão antigo e ribeirinho daquela vila, ancorados no chamado «saco» do Seixal, alguns navios da pesca do bacalhau, que se aprestam para largar, em demanda dos bancos da Terra Nova e da Gronelândia

ta para completar o pagamento da Quinta do Conde seja finalmente paga em 1965, à custa de um empréstimo cuja contracção, na Caixa Geral de Depósitos, já foi autorizada (...), bem como a contracção de um outro empréstimo de 576 150\$00, destinado à construção de um bloco no lugar das Paivas, para realojamento de famílias cujas habitações foram demolidas por virtude das obras de acesso à ponte sobre o Tejo».

Cinemas

BARREIRO — Cine-Barreirense — A's 21 e 15: «Um cantinho junto do céu» e «Adão e Eva» (17 anos).

Farmácias de serviço

ALCOCHETE — Gameiro — L. António dos Santos Jorge, 15 (Tel. 234100). ALHOS VEDROS — Gusmão — R. Candido dos Reis, 30 (T. 224020). ALMADA — Centra — R. de Oliveira, 11-B (Tel. 270504). BAIXA DA BANHEIRA — Alhagá — Estrada Nacional, 174. BARREIRO — Pimenta — Rua Conselheiro Joaquim A. Aguiar, 258 (Tel. 2273012). COVA DA PIEDADE — Atlântico — Quinta do Pombal, 1 (T. 274365). MOITA — Silva Rocha — P. da República, 16 (Tel. 234029). MONTIJO — Moderna — R. Buícho Pato, 60 (Tel. 230156). SESIMBRA — Leão — Av. Salazar (Tel. 229025). SETUBAL — Soromenho — P. Machado dos Santos (Telef. 22946); Alice — P. do Quebedo (Tel. 23743). SEIXAL — Godinho — Largo da Igreja, 51 (Tel. 2218580).

PENHORES

T. 274878 ALMADA Cruzamento D. Nuno-O. Salazar PARAGENS: PANÇÃO E AQUÁRIO

Novos corpos gerentes

Sociedade de Instrução Guilherme Cossoul

Foram homologados por despacho do ministro da Educação Nacional de 24 de Fevereiro último os corpos gerentes da Sociedade de Instrução Guilherme Cossoul. Presidem à mesa da assembleia geral, a direcção e ao conselho fiscal, respectivamente, os srs. Florentino Luís Guerreiro, Francisco Frazão e José da Fonseca Pinheiro.

Foram declarados «zona de guerra» os Estados do Rio Grande do Sul do Paraná e de Santa Catarina

para permitir que o Exército elimine
as guerrilhas de rebeldes armados

PORTO ALEGRE, 30 — Os Estados do Paraná, do Rio Grande do Sul e de Santa Catarina foram declarados «zona de guerra», para permitir ao Exército eliminar as guerrilhas de rebeldes armados.

Um bando de cerca de quarenta comunistas atacou três pequenas guarnições da milícia estadual na região. Cerca de vinte já foram presos, incluindo o seu chefe, o antigo coronel das milícias Jefferson Gardim Osório.

O Exército sofreu uma baixa durante essas operações.

O comandante do Terceiro Exército, general Justino Alves Bastos, ordenou o reforço das patrulhas ao longo da fronteira com a Argentina, para evitar incursões de guerrilheiros comunistas.

O general Alves Bastos diz que as suas tropas têm ordens para «atirar a matar» e que cerca de quinze bandidos, que conseguiram escapar ao cerco do Exército, abandonaram armas e munições e estão a ser perseguidos pelo Exército e por civis.

NOVA FASE DA LUTA CONTRA A INFLAÇÃO

RIO DE JANEIRO, 30 — (R.) — O Brasil, um ano depois da revolta militar que derrubou o Governo esquerdista do presidente João Goulart, vai entrar numa nova fase da sua luta contra a inflação.

Os peritos económicos do Governo calculam que o aumento dos preços começará a diminuir em Abril e que em meados de 1966 a economia nacional gozará de relativa estabilidade.

Contudo, muitos brasileiros, que há vinte anos vivem em regime de inflação, duvidam que o Governo consiga o que até mesmo um ministro classificou de «milagre».

O Governo sabe que terá de do-

Estudantes marroquinos ocuparam em Moscovo a embaixada do seu país

MOSCOVO, 30. — (F. P.) — Estudantes marroquinos, que ocuparam a embaixada de Marrocos em Moscovo, abandonaram o local sem que a Polícia soviética tenha tido necessidade de intervir.

Os cinquenta estudantes que se encontravam desde manhã nos arredores da embaixada, dirigiram-se para as instalações universitárias onde habitam.

Tudo se passou sem incidentes, declarou um informador da embaixada.

Os estudantes ocuparam a embaixada em sinal de protesto contra a repressão sangrenta das desordens dos estudantes de Rabat.

Dez hospedeiras da extinta «Panair» estão acampadas há doze dias sob as janelas de Castelo Branco para que este as receba

RIO DE JANEIRO, 30. — (F. P.) — O presidente Castelo Branco está a travar uma curiosa prova de força com uma dezena de encantadoras jovens acampadas há doze dias, no jardim presidencial das Laranjeiras, sob as janelas do chefe de Estado.

As jovens — hospedeiras do ar da «Panair do Brasil», companhia dissolvida por decreto presidencial — juraram usar de todos os meios para serem recebidas pelo presidente, a fim de expor a este a situação cada dia mais dramática dos milhares de pessoas que a dissolução da companhia lançou no desemprego.

O marechal Castelo Branco, porém, mantém-se inflexível. Quanto às dez jovens, fiéis ao juramento feito, estão decididas a ir até ao fim, e nem a chuva torrencial conseguiu dissuadi-las dos seus propósitos. Ontem, resolveram até fazer greve da fome, embora metade delas se encontre engripada.

minar a inflação para conquistar o povo com vista às próximas eleições.

O presidente Castelo Branco, logo que subiu ao Poder em Abril do ano passado, iniciou um programa de austeridade reduzindo as despesas e limitando o crédito mas ele e os seus ministros sabem que as tentativas de estabilização não serão bem sucedidas se os comerciantes não abandonarem a sua actual mentalidade inflacionária, adquirida durante os últimos vinte

anos em que os preços subiram constantemente.

As pessoas mais afectadas pela inflação — os preços registaram uma subida de 86 por cento no ano passado — são os trabalhadores e todos aqueles que vivem de um salário fixo, mas o círculo das pessoas afectadas pela subida dos preços aumentou desde que o Governo pôs cobro aos aumentos automáticos de salários que durante o Governo de Goulart atingiam os 100 por cento.

16 mortos e 142 feridos — é o primeiro balanço do atentado à bomba contra a embaixada dos E. U. A. em Saigão

SAIGÃO, 30 — (F. P. e R.) — Dezanove mortos (dez vietnamitas e seis americanos, incluída a secretária da embaixada americana), 142 feridos (90 vietnamitas e 52 norte-americanos), encontrados em estado grave — é o primeiro balanço oficial, comunicado nesta cidade, do atentado à bomba contra a Embaixada dos Estados Unidos.

Por outro lado, Alexis Johnson, embaixador adjunto, conta-se entre os feridos, com lanhos na cara. Pouco depois da deflagração, várias pessoas, com o rosto ensanguentado, saíram do edifício, gravemente atingidas. Nos arredores da Embaixada, vários outros edifícios foram danificados por estilhaços, ficando com todas as vidraças quebradas, nomeadamente dois restaurantes chineses, recendo-se que no interior destes haja numerosas vítimas.

No que respeita à explosão propriamente dita, ainda não se conhecem exactamente as características do engenho utilizado, embora tudo leve a crer que foi uma bomba de grande potência.

Aparentemente, a bomba foi colocada no exterior do edifício de cinco andares, pois na rua ficaram estendidos doze corpos de transeuntes, uns mortos, outros gravemente feridos. No interior da Embaixada, no andar térreo, vários funcionários americanos e vietnamitas foram atingidos pela violência da explosão.

O edifício da Embaixada americana fica a curta distância do Palácio presidencial e estava a ser estudada a sua substituição por outro edifício, pois este não possui saída de emergência e fica numa rua muito movimentada, tornando-se difícil a sua protecção contra este género de ataque.

**UMA PEQUENA CRATERA NA
RUA MARCA O LOCAL DA
EXPLOÇÃO**

Testemunhas oculares dizem que os dois soldados de guarda à porta

do edifício abriram fogo contra os terroristas pouco antes de se dar a explosão.

Uma hora depois, ainda havia fogo no terceiro andar do edifício. Um carro dos bombeiros que ocorreu ao local, devido à confusão, passou por cima de dois feridos que estavam deitados em macas na rua.

A Polícia disse que a bomba foi colocada por dois homens, um dos quais foi morto e o outro preso. A bomba foi transportada num automóvel que foi estacionado numa rua lateral da Embaixada.

As secções da Embaixada mais atingidas foram a secção consular e as instalações dos fuzileiros navais que guardam o edifício.

Uma pequena cratera no meio da rua marca o local onde se deu a explosão.

Os primeiros jornalistas a chegar ao local viram muitas funcionárias americanas com a cara a escorrer sangue auxiliando os feridos mais graves que eram retirados em macas.

Numa área de trinta metros em redor da embaixada o chão ficou juncado de corpos.

ORDENS PARA REFORÇAR A VIGILÂNCIA NAS DEPENDÊNCIAS AMERICANAS

Foram dadas ordens para reforçar a vigilância em todas as instalações americanas no Vietnam do Sul.

Este mês, já tinha havido dois outros incidentes com bombas envolvendo americanos. Em 13 de Março, um grande edifício de apartamentos foi evacuado por ter sido encontrada uma bomba de plástico, a qual foi desarmada apenas dez minutos antes da hora marcada para a explosão. Seis dias mais tarde, uma grande escondida dentro de um pão explodiu junto de um «jeep» ferindo quatro marinheiros americanos e o seu motorista vietnamita.

Em 10 de Fevereiro, uma poderosa carga de demolição destruiu o quartel de Qui Nhon matando ou ferindo 40 militares americanos.

OFENSIVA COMUNISTA CONTRA UM AQUARTELAMENTO

Entretanto guerrilheiros comunistas atacaram um aquartelamento governamental perto de Quang Tri, a 680 quilómetros ao norte de Saigão, e mataram pelos menos 24 soldados do Vietnam do Sul.

Esta ofensiva foi considerada pelos observadores militares americanos como a maior desencadeada pelo «Vietcong» nas últimas semanas.

Não há, por enquanto, mais pormenores sobre o ataque, o qual se seguiu ao bombardeamento ontem efectuado por 42 aviões americanos contra as instalações de radar da ilha de Bac Long, a 190 quilómetros de Hanoi. Essa ilha já tinha sido anteriormente bombardeada tendo-se ontem o primeiro alvo atacado duas vezes desde que começaram as operações americanas contra o Vietnam do Norte.

O despacho do ministro da Educação

(Continuação da 1.ª página)

sectores, que encontram da parte das autoridades compreensão, incentivo e auxílio. Pode asseverar-se, sem qualquer sombra de exagero, que estas se debruçam todos os dias sobre projectos mais ou menos entusiastas de jovens, em especial de estudantes, e, depois de cuidadosamente examinados, os aprovam na sua larga maioria e lhes proporcionam todas as possíveis condições favoráveis, vencendo obstáculos, criando facilidades, concedendo auxílios, em particular subsídios, que sobem no seu conjunto a verbas muito elevadas.

«Situam-se nessa ordem de ideias diversíssimas manifestações, como actividades desportivas, viagens de estudo, excursões, realizações culturais, incluindo frequentes deslocamentos de numerosos estudantes dentro do território nacional, nomeadamente entre o Portugal europeu e o Portugal ultramarino, e ao estrangeiro. Ainda recentemente (é um simples exemplo, além de tantos outros) o Ministério da Educação Nacional autorizou e subsidiou o I Festival Nacional do Teatro Universitário, que se projecta realizar proximamente, com a participação de estudantes de Lisboa, Coimbra e Porto.

«Julga-se avisada esta orientação, consistente em patrocinar tudo quanto possa contribuir para o desenvolvimento das qualidades de iniciativa dos jovens e afirmação da sua personalidade, mas dentro das indispensáveis regras, no respeito da hierarquia, da ordem, da legalidade, e dos mais valores a que devemos obediência, como membros de uma comunidade ocidental e cristã.

«Manifestações que, pelo seu teor ou pelo seu espírito ou pelos seus fins mais ou menos disfarçados, se não conformem com esse mínimo sobre o que seria ilegítima qualquer transigência, não as autorizamos, com firmeza igual à solicitude que pomos no patrocínio das demais.

«2. Vem isto a propósito do chamado «dia do estudante». É esta uma manifestação que pertence ao número das que não autorizamos nem podemos autorizar, esclarecidas as suas origens, patenteado o seu significado, conhecido o seu simbolismo.

«Não nos opomos à realização do «dia do estudante», porque os estudantes e os seus problemas nos mereçam menos aprego. Pelo contrário, merecem-nos o maior, como testemunham as atitudes atrás recordadas e muitas outras que poderiam invocar-se. O Ministério da Educação Nacional existe essencialmente para os estudantes, que constituem a sua primordial razão de ser, e é assim particularmente sensível a quanto lhes respeita.

«A razão da nossa discordância está, sim, em a referida manifestação ser, afinal, contrária aos reais interesses dos estudantes, como expressão, que é, de uma concepção política em que estes aparecem desintegrados da escola, formando uma classe contraposta às outras, do mesmo modo que os operários constituíram uma classe contraposta às demais.

«Não aceitamos o «dia do estudante» por motivo paralelo ao que leva a repudiar o «dia do operário», ou manifestações análogas, como formas de exteriorização de um espírito de luta de classes, contrário à harmonia que deve reinar na escola ou na empresa ou nos outros grupos sociais.

«O «dia do estudante», na sua intenção e no seu significado, tem cunho marcadamente político, orientado no sentido negativista que fica assinalado, e tanto basta para que não possamos consentir-lo. Não se trata de realização que se mova em plano puramente académico, que obedeça a verdades e genuínas preocupações estudantis, como as mais que, não inquinadas na origem, vêm merecendo a aprovação e o apoio das autoridades.

«Não podemos admitir que a sociedade e, antes de mais, a escola se desagreguem pela instilação de uma filosofia corrosiva, semeadora de divisões, de ódios, de lutas, tendente a substituir ao imprescindível espírito de concórdia o de choque entre os diversos elementos sociais.

«3. Foi o «dia do estudante» que esteve na origem dos graves acontecimentos académicos ocorridos em 1962, e o clima que por força de tais acontecimentos se gerou à volta dele seria suficiente para desaconselhar a sua realização.

«O seu verdadeiro significado patenteou-se então claramente, e por mais de uma vez tive já ensejo de sublinhar esse mesmo significado. Foi-o em despacho de 14 de Março de 1963, depois em despacho de 7 de Março de 1964, e por último no discurso que proferi em 9 de Novembro de 1964, sobre «Problemas da Juventude», por ocasião da entrada em funções do subsecretário de Estado da Juventude e Desportos.

«Tenho sido insistente na definição de uma posição e no esclarecimento das suas razões, sempre em conformidade com a linha de pensamento que fica expressa, e não podem assim os interessados alegar ignorância acerca do ponto de vista oficial sobre o assunto.

«Designadamente, no meu mencionado discurso julgo ter posto bem em relevo como o denominado «dia do estudante» se encontra impregnado de espírito sindicalista, é uma bandeira do sindicalismo estudantil, concebido como organização dos estudantes que se processa, ou pretende processar, à escala mundial, à margem da escola, e intenta ser verdadeiramente um instrumento de luta, na sua real oposição a mestres e autoridades, sem embargo de possíveis alianças transitórias, ditadas por acidentais conveniências tácticas.

«Lapidar a síntese insuspeita, que citava nesse discurso, extraída do livro de um professor brasileiro, partidário do referido tipo de organização estudantil, obra com que há anos estreara a sua editorial a União Nacional dos Estudantes, do Brasil, extinta pelos actuais governantes. Diz o autor, referindo-se às agitações verificadas na vida universitária dos vários países: «temos de admitir, como única explicação científica das dissidências universitárias, o reflexo nos recintos do ensino superior do antagonismo entre as classes».

«4. Embora com inevitável risco de repetição, não quis deixar de marcar mais uma vez, muito claramente, a posição do Ministério da Educação Nacional.

«Mas ela era já bem conhecida, e por isso não pode deixar de merecer forte reparo o anúncio que se vem fazendo da próxima realização do «dia do estudante» e a comunicação que os seus promotores me endereçaram da intenção de o levar a efeito.

«Como manifestação colectiva de estudantes de mais de uma Universidade, dependeria essa iniciativa, nos termos expressos da lei, de autorização do ministro da Educação Nacional. Dados aliás os antecedentes recordados, antecipadamente se sabia que ela seria denegada, como efectivamente o é.

«5. Em vista do exposto, chama-se formalmente a atenção dos aludidos promotores, e dos interessados em geral, para que a realização do «dia do estudante» não é autorizada, e para que a desobediência a esta determinação envolverá a aplicação inflexível das sanções previstas na lei».

O salvamento do iate «S. Fernando»

Os sete homens da tripulação do iate «S. Fernando», quando chegaram hoje a Lisboa, traziam ainda marcadas, na expressão, as horas amargas que viveram, desde o momento em que se avariou o motor, quando se encontravam ao largo do Cabo Sardo, até aparecer, para lhes prestar providencial socorro, o rebocador «Praia Grande», da Sociedade Geral, de que é capitão o sr. Altino Gomes.

No meio da infelicidade, acabaram por ter alguma sorte. Primeiro, porque não apanharam vento muito perigoso que os atirasse para as rochas. Depois, porque tendo dado uma localização muito distante, o rebocador «Praia Grande» conseguiu descobri-los.

O mestre do iate «S. Fernando», sr. João dos Santos, na comunicação que emitiu, disse que se encontrava a 25 milhas a Oeste do Cabo Sardo, quando, na verdade, se encontrava a treze milhas. Com esta diferença, seria difícil encontrá-lo, tratando-se, sobretudo, de um barco pequeno, mas, pouco tempo decorrido, o comandante Altino Gomes descobria-o e lançou-lhe o cabo de reboque.

Turismo de «élite» ou turismo de massas?

por MARIO BAPTISTA

Tomando como base a prévia inventariação das estruturas e das potencialidades das diferentes zonas do País, torna-se fundamental, na definição da política turística a adoptar, decidir se deve ser dada preferência à captação de um turismo de «élite» ou considerar também a importância do aproveitamento das modernas tendências do turismo de massas. Se o problema pudesse ser posto em termos de pura economia de empresa, diríamos que interessaria o maior lucro com o menor esforço, o que equivaleria a ter apenas frequentadores de hotéis de luxo, utilizando diversos produtos de luxo, adquirindo produtos de luxo. Encarada desde já esta hipótese sob o ponto de vista de utilidade social, poderíamos admitir que os rendimentos assim obtidos, na medida em que mais provavelmente beneficiavam classes com menor propensão ao consumo, teriam efeitos indirectos na actividade económica, através do mecanismo do multiplicador, inferiores aos que seriam obtidos com a mesma receita global distribuída por um número maior de visitantes com menores gastos individuais.

É evidente que este raciocínio comparativo não deve ser levado até às suas últimas consequências, como aconteceria se admitíssemos que o caudal de turistas seria apenas constituído por campistas de baixo nível económico, hipótese tão absurda como a que consideramos em primeiro lugar.

Há um aspecto que convém desde já apontar: até agora o nível relativamente elevado do rendimento médio dos turistas estrangeiros em Portugal (a encarar aliás com reservas quanto à sua exactidão, dadas as dificuldades de apuramento nesta matéria) parece resultar sobretudo de ser ainda pouco elevado o número de turistas que estão dispostos a suportar os incómodos ou o custo do transporte até ao nosso País. Este raciocínio conduz imediatamente a outro: ou aumentamos substancialmente a nossa propaganda junto dos clientes tradicionais (se conseguirmos encontrar os meios publicitários adequados) e os atractivos que os mesmos cada vez mais exigem (o que deve ser difícil, a curto prazo, por razões conhecidas), no sentido de estimular um sector de procura aparentemente rígido — ou haverá que adaptar-nos rapidamente para satisfazer as necessidades correntes do tráfego turístico, aquelas que engrossam os caudais dos milhões que banham outros países.

Convém, no entanto, acrescentar que na realidade não seria possível equacionar o problema com a rigidez teórica que admitimos a propósito da hipotética preferência pelos clientes tradicionais, pois não se vê processo de evitar a afluência das correntes que se avizinham, salvo se, voluntária ou involuntariamente, contribuirmos para que não lhes seja agradável a permanência no nosso País — circunstância em que nos arriscamos a perder esse tipo de clientes e muitos outros, por evidentes efeitos da má propaganda que de tal facto resultaria.

Não basta alojamento e sol quente para satisfazer turistas habituados a outros esquemas de vida

As reservas postas não significam naturalmente que deva dar-se preferência ao turismo de massa. Pretendem apenas ser uma chamada ao bom senso, ao equilíbrio com que o problema deve ser encarado. Temos presente uma afirmação espanhola citada na Assembleia Nacional pelo deputado Alberto Meireles: «ativemos a sorte imensa de poder jogar com o argumento de preços reduzidos junto de uma clientela especialmente disposta a conceder prioridade na programação das suas viagens às condições económicas. Se tivéssemos orientado o nosso esforço para receber clientela puramente aristocrática e tivéssemos desprezado o factor preço, o fracasso seria certo».

Atente-se ainda em que o turista hoje considerado de massa não tem o mesmo nível económico e social que tinha há dez anos ou terá daqui a cinco. A progressiva democratização do turismo significa isso mesmo: progressiva igualização das capacidades de gasto e de exigências de conforto, embora o turista francês não tenha o mesmo nível do turista alemão ou norte-americano.

Este fenómeno de igualização verifica-se, digamos, em duas frentes: por um lado, clientes que anteriormente se hospedavam em hotéis de certo nível mas de preço mais acessível estão hoje dispostos a recorrer a outros sistemas como sejam campismo confortável ou mesmo aldeias de férias ou casas de camponeses. Para além de motivações de carácter económico, há ainda a preocupação de fugir às multidões do turismo moderno, de contactar com a Natureza, numa ânsia que é simultaneamente desportiva e de libertação de movimentos, esta tanto mais desejável quanto mais numeroso é o núcleo familiar em férias. Não prescindem, em qualquer caso, de condições de higiene e de conforto, além de meios de diversão e cultura. Por outro lado, o progressivo aumento de nível de vida torna a actividade turística extensiva a camadas profissionais antes alheias a tal actividade. Assim o operário alemão que vem passar férias ao Algarve prefere normalmente instalações económicas e não exclusivas, provavelmente, muitas das nossas pensões se soubesse que são superiores a muitos estabelecimentos classificados como hotéis noutros países.

A complementaridade dos motivos de atracção ao serviço de diferentes categorias de turistas

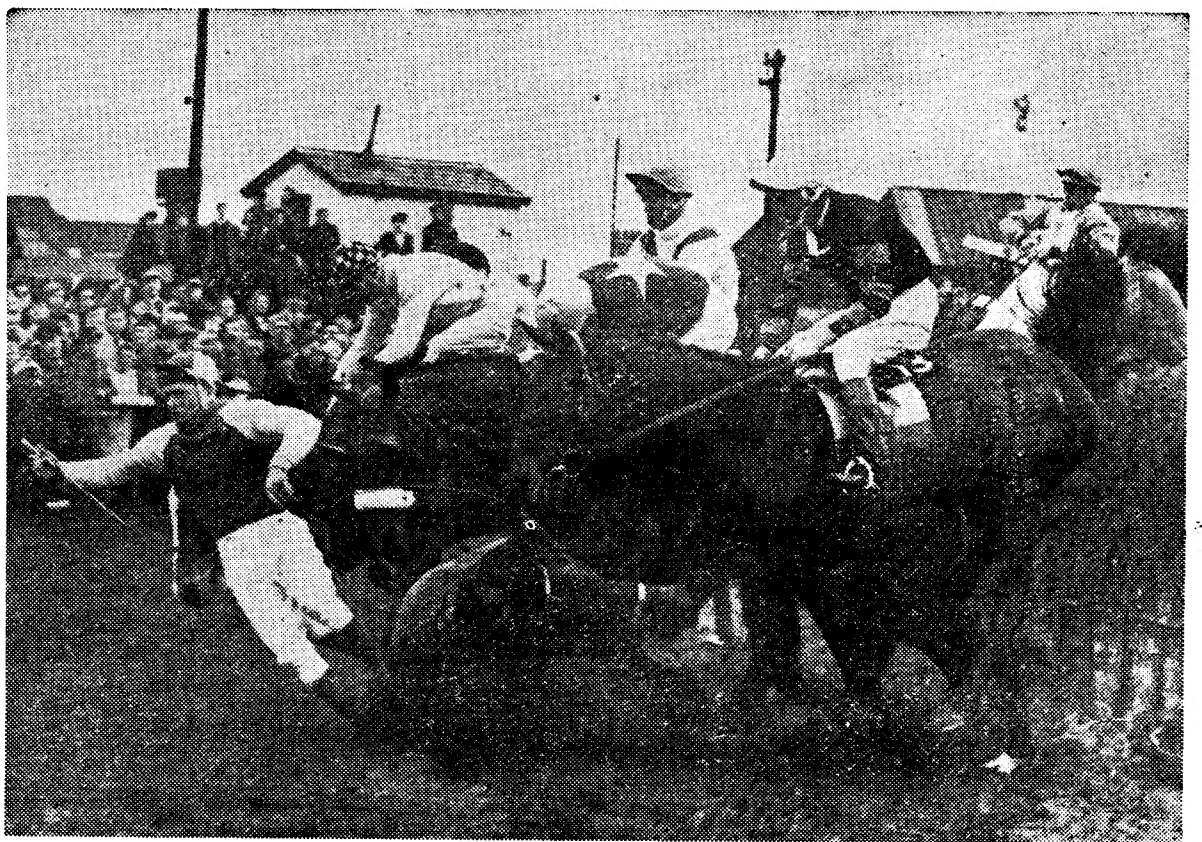
É, portanto, dentro deste condicionamento imediato e previsível que a política turística portuguesa terá que ser estabelecida. Lembremos, mais uma vez, que não basta ganhar a batalha do turismo a curto prazo; interessa não a perder a médio prazo.

Podemos, no entanto, contar com um sector para o qual deveríamos atrair essencialmente o turismo médio e rico; referimo-nos, novamente, aos castelos, palácios, quintas e solares espalhados desde o Minho ao Algarve e susceptíveis de adaptação a fins turísticos. Quanta originalidade e riqueza turística não poderia ser assim mobilizada, quer em instalações, quer em decoração e mobiliário autenticamente portugueses. E quantas economias de investimento não seriam assim possíveis, em confronto com dispendiosos hotéis.

Será de fácil concretização esta ideia? Pensamos que sim, desde que o Estado a tenha em atenção na sua política e utilize as prerrogativas da sua função: coordenar os vários interesses em causa e pôr em prática os incentivos necessários.

Recordando o que sobre este assunto já referimos, acrescentaremos que este tipo de turismo teria que iniciar-se como turismo de passagem, apoiado em circuitos das agências de viagens, na realização de autênticos festivais de folclore, no pleno aproveitamento dos museus de arte e etnográficos, na utilização das albufeiras das barragens, etc. Admite-se que seja possível conseguir gradualmente estadias mais demoradas, como evolução natural do conhecimento das atracções ambientais e melhoria dos meios de diversão, cultura e desporto.

Além das vantagens que traria ao desenvolvimento regional, seria ainda possível utilizar todos estes elementos como motivos de atracção complementar para o turismo costeiro, o que constituiria um processo de dinamização deste último e, consequentemente, um inegável apoio na luta contra a concorrência de outros países com idênticas ou melhores condições climatéricas — M. B.



O perigo da varíola é o motivo do tema do Dia Mundial da Saúde

A Organização Mundial de Saúde promove, à semelhança dos anos anteriores, a celebração, no dia 7, do Dia Mundial da Saúde, ao qual o nosso País presta, como de costume, larga colaboração.

Foi escolhido este ano o tema «Varíola — alerta permanente» e a O. M. S. empenha-se em dar a maior amplitude à sua divulgação com o objectivo de despertar a atenção do público quanto aos perigos que podem advir de uma invasão de varíola, mesmo nos países que conseguiram, como sucedeu entre nós, erradicá-la, desde há muitos anos.

Em ABRANTES o «DIÁRIO DE LISBOA» é vendido pela firma CA-SACA & MARTINS, LDA.

De facto, Portugal tem correspondido ao apelo da O. M. S., mantendo-se alerta, para vacinação e revacinação das suas populações, como garantia da erradicação da varíola, que já conseguiu há muitos anos.

Esta erradicação e a segurança contra uma importação casual de varíola, trazida de outras paragens, como aconteceu, recentemente, a diversos países da Europa Ocidental, só podem ser garantidas desde que as populações continuem a receber regularmente a vacinação e revacinação antivariólica.

Daí a importância do tema escolhido, este ano, pela Organização Mundial de Saúde, com o objectivo da máxima divulgação no Dia Mundial da Saúde.

Momento difícil e de confusão durante a corrida de obstáculos em Aintree, Liverpool, para o Grande Prémio da Grã-Bretanha. O cavalo «Nedsmar» um dos favoritos, tropeçou e cuspiu o «jockey» J. Hudson, enquanto os outros cavaleiros procuravam safar-se do perigo. A corrida viria a ser ganha pelo cavalo americano «Jay Trump», conduzido por M. Stephenson.

A visita oficial da Escola Naval de Brest a Lisboa

Chegam ao Tejo na próxima sexta-feira, em visita oficial ao nosso País, o porta-helicópteros «Jeanne d'Arc» e a fragata «Victor Schoelcher», ambos da Armada francesa, trazendo a bordo uma parte do corpo de alunos da Escola Naval de Brest.

Comanda o «Jeanne d'Arc» o grupo naval, o capitão-de-mar-e-guerra Alfred Postec.

No dia da chegada, este oficial receberá a Imprensa, às 11 e 30, a bordo do porta-helicópteros, atracado no cais da Rocha do Conde de Óbidos.

No dia seguinte, às 22 horas, há uma «soirée» dançante na Embaixada da França, oferecida pelo embaixador conde de Rose e por sua esposa.

«E porque não?»

Teve repercussão na Imprensa estrangeira a «Nota do dia» que consagramos às relações entre o nosso País e a China continental com o título «E porque não?». Os jornais espanhóis «Vanguardia», «Ya» e outros informados pela agência Logos referiram-se a ela pela pena do seu correspondente em Lisboa, sr. Palazon Olivares, transcrevendo alguns trechos e pondo em relevo o seu significado.

ZEBÚ

JÓIAS
ANTIGAS E MODERNAS
Compra, cobrindo todas as ofertas
OURIVESARIA PIMENTA
Rua Augusta, 253 — Telef. 324564

SINTRA ESPERA-O NO DOMINGO
Para a sua deslocação utilize os COMBOIOS ELÉCTRICOS

LOTARIA DA PRIMAVERA



O muito é feito de poucos.
Ganhando menos consegue-se mais.

GRANDE OURIVESARIA DA MODA
RUA DA PRATA, 257

O posto clínico de Aljustrel foi esta manhã inaugurado pelo ministro das Corporações

BEJA, 30 (Do nosso enviado especial) — O sr. prof. dr. Gonçalves de Proença, ministro das Corporações e Previdência Social, terminou hoje, neste distrito, a sua visita de trabalho ao Alentejo, onde se deslocou para inaugurar vários melhoramentos de interesse social e tomar contacto com os serviços dependentes do seu Ministério.

O ministro, que pernitoou em Serpa, começou por se deslocar a Beja, onde chegou cerca das 11 horas, acompanhado do chefe do distrito, sr. dr. Marques Fragoso, e de funcionários do seu Ministério. Entre os quais os srs. dr. José Carlos Ferreira, director-geral do Trabalho; eng. Santos Costa, vice-presidente da Federação das Habitações Económicas; dr. Mário Roselira, presidente da Comissão Política Social Rural; dr. José Navega, vogal da Junta da Acção Social; dr. Sá e Oliveira, vice-presidente dos Serviços Médico-Sociais da Previdência; e dr. Serafim Cunha, delegado do I. N. T. P.

Nesta cidade, aguardavam o titular da pasta das Corporações as autoridades locais, e os deputados srs. drs. Quirino Mealha e Lopes Vasques, e Francisco António da Silva; presidentes da Junta Distrital e do Município; etc.

No edifício do Governo Civil, o sr. prof. dr. Gonçalves de Proença visitou as instalações da delegação do I. N. T. P. e do Tribunal de Trabalho, inteirando-se das suas necessidades.

Observou, depois, a sede da Caixa de Previdência e um terreno escolhido para a construção do mesmo organismo e dos Serviços Médico-Sociais.

O ministro seguiu, depois, para Aljustrel, onde procedeu à inauguração, em ambiente festivo, de um posto clínico, que foi benziado pelo representante do prelado da diocese. Assistiram a este acto todas as

autoridades concelhias e muito povo.

A inauguração foi assinalada com uma sessão solene, em que usaram da palavra o vice-presidente da Câmara Municipal, o médico-chefe do posto e o sr. dr. Sá e Oliveira.

O discurso do ministro das Corporações

O sr. prof. Gonçalves de Proença, que falou a seguir, começou por dizer:

«Um dos aspectos do seguro social português mais fortemente beneficiado pela recente reforma da previdência foi, sem dúvida, a protecção na doença, não só em virtude do seu alargamento quantitativo e qualitativo, mas também pelo desdobramento que nele se operou passando a tratar autonomamente a tuberculose e a maternidade. Na sua formulação geral, a protecção na doença é realizada mediante a concessão de assistência médica e medicamentosa e de subsídio pecuniário durante o impedimento.

Como inovações mais importantes, em relação à assistência médica e medicamentosa podem referir-se: 1) — a concessão do direito às prestações correspondentes a todos os beneficiários e seus familiares que tenham descontado contribuições durante oito dias em qualquer dos três meses anteriores à verificação da doença. Pela lei anterior era necessário que esse desconto de contribuições tivesse tido lugar no mês anterior ao da «baixa»; 2) — a assistência médica e medicamentosa será concedida enquanto durar a doença dos beneficiários, quer activos, quer pensionistas de invalidez ou velhice e aos respectivos familiares. Isto é, as prestações em espécie não estão sujeitas a limite de tempo. Como nota importante é de acrescentar que

têm também direito à assistência médica e medicamentosa os cônjuges dos beneficiários falecidos que não exerçam profissão remunerada e se mantenham no estado de viuvez; 3) — o critério do salário-base adoptado para cálculo do subsídio de doença é mais favorável aos beneficiários do que o da lei antiga, já porque se reporta a um período mais recente (os 12 meses que precedem o segundo mês anterior ao da baixa), já por atender apenas aos meses com entradas de contribuições, o que necessariamente vai favorecer os trabalhadores sem regularidade de ocupação; 4) — o chamado «período de espera» foi reduzido de 6 para 3 dias, pelo que o subsídio começa a ser pago logo no 4.º dia após a verificação da doença; 5) — uma vez verificado o impedimento por doença, o trabalhador não mais é abandonado, e assim durante 360 dias seguidos receberá o subsídio de doença a que tem direito, por inteiro (a lei antiga estabelecia um período inferior), após o que, se se mantiver o impedimento por doença, o subsídio, embora reduzido a metade, prolongar-se-á durante três anos, findos os quais, e se o beneficiário continuar com baixa, se fará a sua conversão em pensão de invalidez por todo o tempo que o justificar.

A importância das inovações

E acrescentou:

«Foi esta, sem dúvida nenhuma, a mais significativa e valiosa inovação introduzida no regime do seguro-doença, acabando com as situações dramáticas a que o regime anterior, por vezes, dava lugar, ao mandar cessar o subsídio de doença decorridos nove meses sem qualquer protecção subsequente. Com razão se dizia que precisamente quando o doente ou os seus familiares mais necessitavam de protecção, pela baixa prolongada do seu chefe, este era deixado sem o apoio do seguro social.

Hoje já isso não se verifica, não só pelo alongamento do período de concessão do subsídio que pode ir até 4 anos, mas também pela articulação do seguro-doença com o seguro-invalidez que não mais abandonará o trabalhador impedido por doença.

O ministro disse depois que a nova lei, porém, abre ainda outras perspectivas cuja entrada em vigor será progressiva, a medida que as possibilidades de execução o permitam, pois quando se fala em pos-

(Continua na 17.ª página)

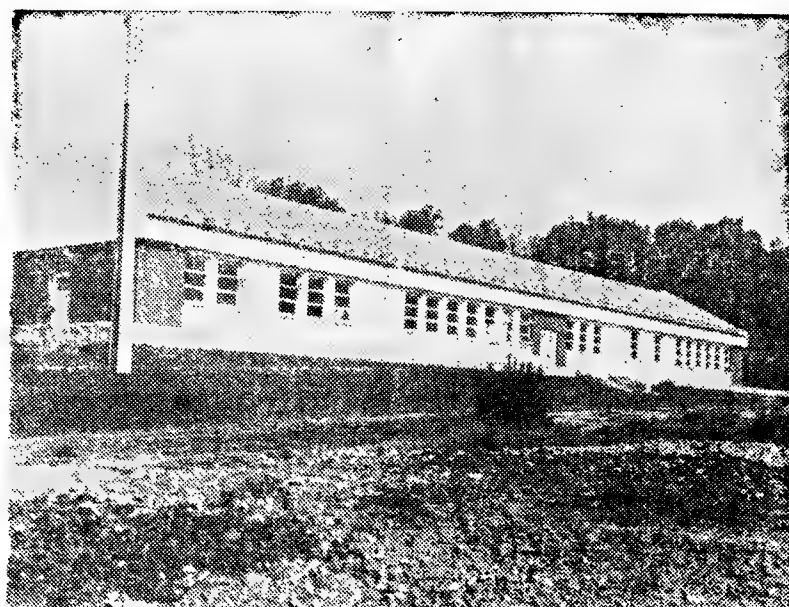
Seis anos na presidência da Câmara Municipal

Completam-se hoje seis anos sobre a posse do sr. general França Borges na presidência da Câmara Municipal de Lisboa. Durante este período demonstrou o general França Borges uma dedicação completa aos interesses da cidade e uma compenetração perfeita com eles, procurando resolver os principais problemas que afectam o Município; e alguns deles já foram, com efeito, solucionados, porque o presidente os encarou de frente.

A data do aniversário da posse não teve qualquer cerimónia a assinalá-la, porque o presidente não quis. Como já é costume seu, dispensou os cumprimentos. Mesmo assim, nos Paços do Concelho, foram muitos os telegramas e muitas cartas e cartões recebidos. Muitas pessoas lá se dirigiram pessoalmente a deixar os seus cartões, e não apenas entidades oficiais, senão que também o município anónimo compareceu, a dizer que a acção do general França Borges á frente da Câmara Municipal tem sido devidamente apreciada por todos.

Marinha Mercante Chegou o «Quanza»

Procedente dos portos de Angola, S. Tomé e Cabo Verde, chegou hoje ao Tejo o paquete «Quanza», da Companhia Nacional de Navegação, com 389 passageiros, entre os quais 233 cabo-verdianos (homens e mulheres) que vão emigrar para a Holanda. Trata-se, principalmente, de operários para a construção civil.



O novo pavilhão

ESTÁ JÁ A FUNCIONAR UM PAVILHÃO DESTINADO AO ESTUDO DO CAFÉ E DE OUTRAS PLANTAS TROPICAIS

Encontra-se já em funcionamento, na Tapada da Ajuda, um pavilhão mandado construir pela Missão de Estudos Agronómicos do Ultramar, destinado à análise química do café e de outras plantas tropicais.

vestigações de interesse para bem da economia agrícola das nossas províncias ultramarinas.

Compõe-se de três laboratórios: um de entomologia, um segundo de fitopatologia e um terceiro de tecnologia. Há um fotomicroscópio — orgulho da Missão — que custou 95 contos ...

Biólogos, físicos, químicos e agrónomos desempenham-se ali de tarefas delicadas. Trabalham no novo pavilhão cerca de quarenta pessoas, vinte e duas das quais com formação universitária.

Carl Schmidt, um professor americano, procede a investigações sobre a eliminação de certos insectos e parasitas que atacam de preferência plantas tropicais como o café, o cacau, etc. Aquele professor pensa aplicar a esterilização a um dos sexos, impossibilitando assim os insectos de se reproduzirem. Semelhante resultado será obtido através da utilização de bombas de cobalto.

Actualmente, ainda se procede aos acabamentos do novo pavilhão. Os laboratórios encontram-se parcialmente montados — e nos dez hectares pertencentes à Missão de Estudos Agronómicos procede-se à construção de um outro pavilhão, destinado a outras in-

Engenheiros da Junta Autónoma das Estradas visitaram as obras da ponte sobre o Tejo

Um grupo de cerca de 60 engenheiros da Junta Autónoma das Estradas, acompanhados pelo seu presidente, general Flávio dos Santos, visitaram, esta manhã, demonstradamente, as obras de construção da ponte sobre o Tejo.

Os engenheiros da J. A. E. eram ainda acompanhados pelos directores de serviço de pontes, de conservação e de construção daquele organismo. Foram recebidos pelo director do Gabinete da Ponte sobre o Tejo, eng.º Canto Moniz, e por outros engenheiros do mesmo gabinete.



Os fabricantes franceses de bicicletas estão a tentar lançar, para as próximas férias, a chamada «bicicleta familiar», com três lugares. E para fazer concorrência ao «tender» dos namorados, arranjam raparigas bonitas para a respectiva propaganda

NA SAPATARIA

ZEBÚ

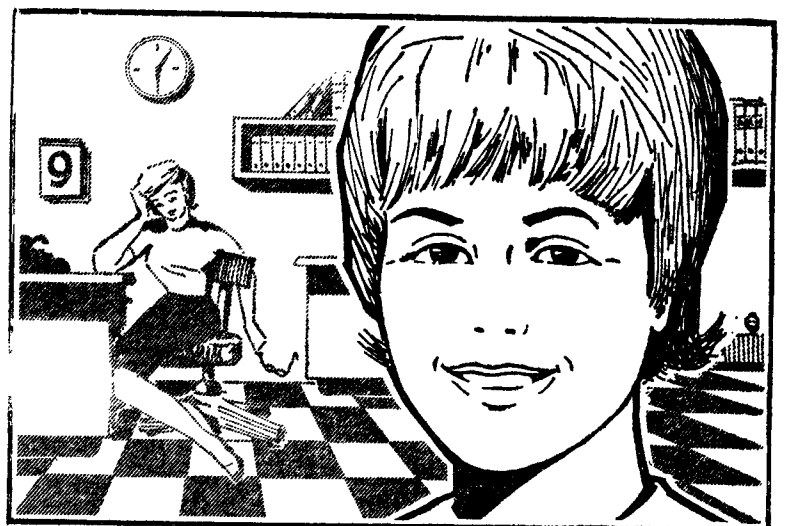
NÃO PAGA LUXO...
PAGA SÓ QUALIDADE

RUA DA ASSUNÇÃO, 51

Produção e comércio de óleos comestíveis

Um decreto-lei publicado pelos Ministérios da Economia e da Saúde e Assistência estabelece novas disposições legais para a produção e o comércio de óleos comestíveis e revoga várias disposições do Decreto n.º 17 774 e dos Decretos-Leis números 26 777 e 45 620.

ZEBÚ



SAÚDE • ENERGIA • CONFIANÇA

NESTA ÉPOCA DE PRIMAVERA EM QUE SE PROCURAM NOVAS ENERGIAS, APIFORTYL — SERÁ A SUA FONTE DE VITALIDADE

Uma ou duas cápsulas por dia e rapidamente verá desaparecer os sintomas de fadiga, esgotamento, etc.

Verdadeiro suco nutritivo das abelhas, APIFORTYL é um produto alemão estudado e preparado cientificamente



APIFORTYL

GELEIA REAL

DISTR. FARMACIA INTERNACIONAL, LDA. — R. DO OURO, 228/230 LISBOA

Terminou hoje uma jornada de estudo

Na Associação Industrial Portuguesa, terminou hoje a jornada de estudo sobre «realizações de formação nas empresas», organizada pela COPRAI e tendo como monitor o sr. Y. Thireau da CORT. Esta manhã, foram apresentados experiências e casos vividos de formação de quadros de operários e vendedores no nosso País, respectivamente pelos srs. Carlos Mendonça, da Administração dos Portos do Douro e Lezírias e Marques Maria, da Nacional Rádio.

Participaram nesta jornada especialistas da CP, da Lener Portuguesa, das Companhias Reunidas de Gás e Electricidade, do Centro de Prevenção de Acidentes de Trabalho e Doenças, da MAGUE, da Ford Lusitana, da Stan-

da COPRAI

dard Eléctrica, da Gráfica Monumental e da Companhia Portuguesa de Tabacos. De 5 a 7 do próximo mês, a COPRAI promove um curso sobre «Movimentação dos materiais nas empresas industriais», de que será monitor o sr. Sherce del Vilar, da COC (Consórcio de Organizadores — Conselheiros).

Em ALMADA, o «DIÁRIO DE LISBOA» vende-se na TABACARIA AMADEU, SILVA & VERISSIMO, Praça da Renovação, 12-C

CAMINHO DE FERRO

Com a mudança da hora em Portugal e entrada em vigor do horário de Verão, inicia-se o serviço directo internacional Lisboa-Corunha-Lisboa, a partir de 4 de Abril, utilizando-se uma carruagem mista de 1.ª e 2.ª classes.

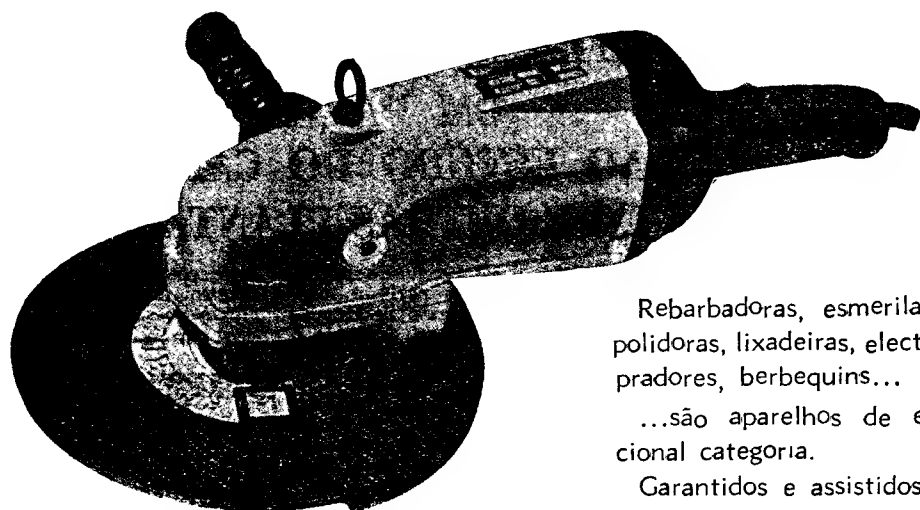
PIANOS VERTICAIS E DE CAUDA

ALUGAM-SE

Estabelecimentos

VALENTIM DE CARVALHO
Comércio e Indústria, S. A. R. L.
95, Rua Nova do Almada, 99
LISBOA

FERRAMENTAS ELÉCTRICAS PORTÁTEIS «RUPES»



Rebarbadoras, esmeriladoras, polidoras, lixadeiras, electro-sopradores, berbequins...

...são aparelhos de excepcional categoria.

Garantidos e assistidos,

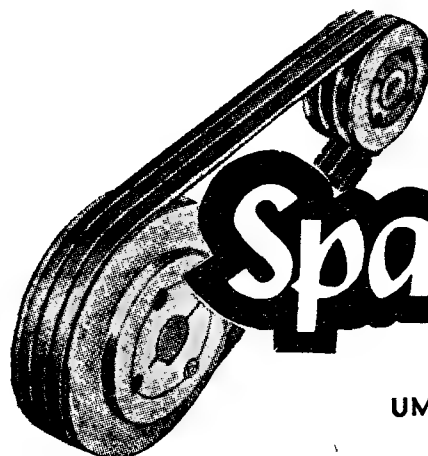
DISTRIBUIDORES EXCLUSIVOS:

H. CABRAL & SARZEDAS, LDA.

LISBOA

Telef. 63 97 37

RUA DA CORRENTEZA, 35-A



UM NOVO TIPO DE CORREIAS TRAPEZOIDAIS DE SECÇÃO PARA INDÚSTRIA

Spacesaver

UM PRODUTO FENNER

MAIS LEVES * MAIS PEQUENAS * MAIS ROBUSTAS
MAIS ECONÓMICAS

PEÇA O MANUAL DE APLICAÇÕES
SPACESAVER

REPRESENTANTES EXCLUSIVOS:
AUTO - LUSITÂNIA
ALFREDO DUARTE, LDA.

AV. DA LIBERDADE, 73-77
LISBOA 2

VISITE

AS NOVAS INSTALAÇÕES DA

CASA FIGUEIROA

RUA MACAU, 8-B em LISBOA
Telefones 847835 e 832556

pois, temos o grato prazer de lhe proporcionar momentos agradáveis pela observação de inovações que a tornam a melhor da Europa, entre as quais o

CIRCUITO FECHADO DE TELEVISÃO

Se quiser dar-lhe a sua preferência poderá comprar aproveitando as NOVAS CONDIÇÕES DE VENDA, que são as melhores do mercado, quer a pronto quer a prestações para toda a aparelhagem ELECTRO-DOMÉSTICA

ATÉ 30 DE ABRIL UMA SURPRESA INÉDITA E ATRAENTE

II CURSO

DE ACTUALIZAÇÃO PEDAGÓGICA

O II Curso de Actualização Pedagógica, que vai funcionar em Lisboa, na sede do Instituto de Novas Profissões, na Avenida Duque de Loulé, 47-1.º (Edifício Cytirama) ao sábado à tarde, terá carácter prático e constará de exposições e colóquios sobre os seguintes temas: Esquema de uma estrutura escolar portuguesa. Colaboração da Família e da Escola; Associações de Pais. Situação Pedagógica do Ensino Particular em Portugal (perspectivas actuais e caminhos futuros). Psicopedagogia dos Meios Audio-Visuais-Telescola. A necessidade de um Estatuto do Professor. A Educação Física e os Desportos numa educação integral. Elementos para uma revisão do Estudo do Ensino Particular.

Estes temas serão tratados pelos srs. dr. Manuel Breda Simões, professor Manuel Calvet de Magalhães, dr. António José Viegas Ávila, inspector José Baptista Martins e dr. Manuel dos Santos Lourenço.

O curso começará no próximo sábado, dia 3, pelas 15 horas, falando o sr. dr. Manuel Breda Simões sobre «Esquema de uma estrutura escolar portuguesa».

SINTRA ESPERA-O NO DOMINGO

Para a sua deslocação utilize os

COMBOIOS ELÉCTRICOS

ASSEMBLEIA GERAL ORDINÁRIA

1.ª E 2.ª CONVOCAÇÕES 2.ª PUBLICAÇÃO

Nos termos dos Estatutos, convocamos todos os Senhores Associados a reunirem em Assembleia Geral Ordinária, na sede da Cooperativa, Rua Castilho, n.º 61, 4.º andar, esquerdo, no dia 31 de Março corrente, pelas 20 horas e 30 minutos, com a seguinte

ORDEM DE TRABALHOS:

Apreciação, discussão e votação do Relatório e Contas da Direcção e Parecer do Conselho Fiscal, respeitantes ao ano de 1964;

Dar execução aos artigos 24.º c) e 43.º d) dos Estatutos.

Não havendo á hora marcada número suficiente de sócios, reunirá a Assembleia Geral, em 2.ª convocação, no mesmo dia e local, pelas 21 horas, com a mesma Ordem de Trabalhos.

Lisboa, 11 de Março de 1965.

O Vice-Presidente da Mesa da Assembleia Geral — Dr. Manuel Martins da Cruz,

JAGUAR II 3,8

E I-41-01. Vende particular—

Estado impecável. Ver garagem

Central do Parque. Rua Padre

António Vieira, 4 - C.

Prédio sito na Rua Senhora da Glória, à Graça, n.º 5

Rendimento: 225.480\$00 — Base: 2.650.000\$00

— Isento 6 anos

LEILÃO JUDICIAL

Dia 2, às 15 horas

Por determinação do Meritíssimo Corregedor da 3.ª Vara Cível de Lisboa, nos autos de execução pendentes na 1.ª Secção, contra Joaquim Garcia, será posto em praça, no próprio local, o imóvel acima indicado, composto de lojas, caves, r/c. lados direito e esquerdo e 1.º, 2.º e 3.º andares, para 4 inquilinos cada.

A LEILOEIRA, LDA.

AV. 5 DE OUTUBRO, 23-1.º

LISBOA

TEL.: 4 59 34 - 4 62 59



DOUTOR CARLOS BARBOSA

A Sociedade Portuguesa do Acumulador Tudor, SARL, com profundo desgosto participa que foi Deus servido chamar A Sua presença no passado dia 25 o Excelentíssimo Doutor Carlos Barbosa, que nos últimos trinta e três anos foi Ilustre Presidente da Mesa da Assembleia Geral desta Sociedade.

Não se fizeram outras participações por expressa determinação do Finado.

A Missa do Sétimo dia será rezada na Igreja de São Sebastião da Pedreira, na próxima Quarta-feira, dia 31, pelas 12.30.



Dr. Carlos Barbosa

Os Corpos Gerentes da SIPE — Sociedade Industrial de Produtos Eléctricos, SARL, participam o falecimento do seu querido Amigo e Ilustre Presidente da Mesa da Assembleia Geral, Exmo. Senhor Dr. Carlos Barbosa, ocorrido nesta cidade, no passado dia 25 de Março.

I CONGRESSO NACIONAL DO ENSINO PARTICULAR

Conforme já oportunamente noticiámos, efectua-se, de 20 a 25 de Abril próximo, o I Congresso Nacional do Ensino Particular cujos trabalhos de organização entraram agora na sua fase final, uma vez que o prazo para a aceitação de inscrições terminou no passado dia 20. Segundo o regulamento a comissão executiva poderá ainda autorizar novas inscrições. Mas estas contam-se já por algumas centenas e, para além do interesse que os temas das comunicações e exposições não deixarão, por certo de

despertar, tudo leva a pensar que este empreendimento vai constituir facto da maior relevância.

Por intermédio e a expensas da O. C. D. E., está já assegurada a participação, no Congresso, do eminente professor da Universidade de Lausanne, dr. Pierre Jaccard, que, numa das sessões plenárias, dissertará sobre «A Sociologia da Educação».

O programa de actividades do congresso inclui uma recepção oferecida aos congressistas pelo presidente da Câmara Municipal de Lisboa, no restaurante de Montes Claros. A Fundação Calouste Gulbenkian, além do apoio material que dá à organização, dedica também aos congressistas um espectáculo de arte cujo programa está a ser cuidadosamente elaborado.

Durante o congresso estará patente, não só aos congressistas, mas também ao público, uma exposição que compreenderá livros da especialidade, material didáctico e mobiliário escolar apresentados por firmas especializadas. Serão também exibidos gráficos, fotografias e outros meios demonstrativos de quanto em Portugal se tem feito nestes últimos anos no sector do ensino privado.

COLÓQUIOS da Universidade Técnica

Prossegue depois de amanhã, às 18 horas, no Instituto Superior de Ciências Económicas e Financeiras, com a 4.ª sessão, o colóquio sobre «Evolução de estrutura escolar portuguesa. Aspectos relativos à Universidade Técnica».

Na sessão anterior discutiram-se os objectivos propostos à Universidade Técnica; na próxima, discutir-se-ão os meios para atingir tais objectivos.

Actuará como relator o sr. prof. dr. Manuel Jacinto Nunes.

COIMBRA

A récita dos sextanistas da Faculdade de Medicina

As récita do quinto ano eram, em tempos, as festas dos finalistas da Universidade de Coimbra, ficando célebres algumas dos cursos de Direito, como, por exemplo, a de Bruno Carreiro, «Véspera de Feriado». Depois as récita começaram a deixar de se fazer e só de vez em quando um ou outro curso realiza a sua récita, apesar

de saberem que o êxito de bilheiteira está certo.

Este ano, os finalistas de Medicina realizam a sua récita, que será como as outras uma farsa em que a vida da Faculdade e alguns factos serão apontados com ironia, com aquela irreverência própria dos estudantes.

«Afim de contas, sómente, aliás, principalmente...» — é o título da peça — será como tantas outras récita a ocasião de se trocarem entre alunos, mestres e discípulos, algumas saudações e proporcionar algumas horas de boa disposição. Pelo menos, segundo diz o programa haverá «injecções de musica electro-corrente em modulações expressamente encomendadas no Vietnam; luz: pela primeira vez se utilizarão os infra-vermelhos e ultra-violetas; odores: para dar mais vivência ao espectáculo será empregue o «odorris corporis» para o que pedimos a colaboração do publico; coreografia: intra-venosa intermitente ligeiramente ascendente, tendendo para o extase colectivo; encenação: inéditas e revolucionárias concepções de dar á luz uma farsa em três actos — verdadeiro parto sem dor do teatro.

Agredido por um cunhado

Hoje pela manhã, foi transportado, num automóvel particular, para os Hospitais da Universidade, o agricultor José Melo dos Santos, de 33 anos, casado, residente em Alpalhão (Mealhada), e que ontem á noite, após uma discussão, foi agredido por um cunhado com uma vasilha de madeira. Depois de tratado pelo médico de serviço, recolheu em estado grave, a uma enfermaria.

Conferência por um professor holandês

No salão nobre dos Hospitais da Universidade, o sr. prof. Anders, de Groning (Holanda), profere amanhã, pelas 18 horas, uma conferência subordinada ao tema «Genética clínica e bioquímica».

Em AGUEDA o «DIÁRIO DE LISBOA» vende-se na AGENCIA CONDE, Rua Vasco da Gama, 12.

IV Ciclo Sinfonia

Vai realizar-se amanhã pelas 21 e 30 no Teatro Académico Gil Vicente, o II Concerto do IV Ciclo Sinfonia, organizado pela Tuna Académica com o patrocínio da Fundação Calouste Gulbenkian. Neste concerto, colabora a Orquestra Sinfónica do Porto, dirigida pelo maestro Silva Pereira, tendo como solistas Saul Silva, oboé; Américo Aguiar, clarinete; Armindo Ferreira, trompa; Alvaro Machado, fagote; e, ainda, Edgar Wilson, guitarra.

O programa será constituído por «As Bodas de Fígaro» (abertura) e «Quarteto Concertante» e «Mozart e Concerto n.º 1» e «Scherzo e Marcha Nupcial» de Mendelssohn.

Sarau dos finalistas da Escola Brotero

Os finalistas da Escola Industrial e Comercial Brotero, levam a efeito no próximo sábado, pelas 21 e 30 no ginásio daquele estabelecimento de ensino, um sarau em que cidade Central de Cervejas, o Colaboram o Grupo Cénico da Soral e danças do Orfeão Misto da Academia de Coimbra

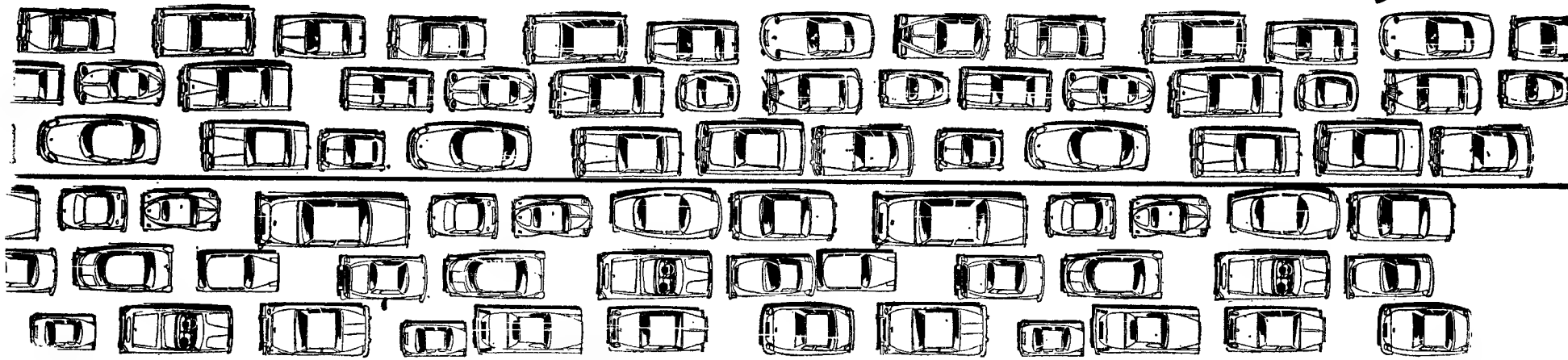
Espectáculos para hoje

AVENIDA — As 21 e 45: Récita de despedida dos finalistas de Medicina (12 anos).
TIVOLI — As 21 e 30: «A conquista do Oeste» (12 anos).

Farmácias de serviço

Rainha Santa — Rua d Figueira da Foz (Tel. 24737).
Donato — Rua da Figueira da Foz (Tel. 22603).
Cruz Viegas — Rua do Brasil (Tel. 22961).
Cruz e Costa — Rua Dr António de Vasconcelos (Tel. 22715).

8 milhões de kms. de avanço



BP LONGLIFE excede todas as recomendações dos fabricantes de automóveis sobre lubrificação. Pode ser usado em todos os carros e é particularmente indicado para os automobilistas que percorram grandes quilómetros.



MENOS AÇUCAR para os americanos

O Departamento da Agricultura fixou em 9 200 000 toneladas o açúcar destinado, no ano corrente, ao consumo nos Estados Unidos da América do Norte, contra 9 300 000 lançados no mercado em 1964.

O volume máximo das importações para satisfação das necessidades actuais será de 500 000 toneladas para o primeiro trimestre e de 1 200 000 para o segundo trimestre. Os produtores americanos fornecerão 5 815 000 toneladas.

Linha de SINTRA

Cinemas

VENDA NOVA — Cine-Portugal — A's 21 e 15: «Gigantes do mar» (17 anos).
AMADORA — Recreios Desportivos — A's 21: «Ela e os seus maridos» (17 anos).
QUELUZ — Queluz-Cine — A's 21 e 15: «O bandoleiro» (12 anos).
MEM MARTINS — Cine-Chaby — A's 21: «Guerra e paz» (12 anos).

Farmácias de serviço

AMADORA — Campos — R. Elias Garcia, 185 (Tel. 930072); Claret — R. António Sardinha, lote 5, loja B (Tel. 931551).
QUELUZ — Correia — L. do Mercado, 3 (Tel. 950905); Zeller — R. da Republica, 83 (Tel. 950043).
CACÉM — Central — Rua Elias Garcia, 55 (Tel. 2940034).
MEM MARTINS — Quimica — Est. Mem Martins, 285 (Tel. 2910012).
S. PEDRO DE SINTRA — Valentim (Tel. 980456).
SINTRA — Misericórdia — Largo Dr. Gregório de Almeida, 2 (Tel. 980391).
VENDA NOVA — Nova — R. Elias Garcia, 10 (Tel. 933920).
COLARES — Colares — Abreja (Tel. 299088).

HÁ 30 ANOS

O «Diário de Lisboa» de 30 de Março de 1935 publicava:

«PARIS, 30. — A França continua a dar provas de estar possuída de uma grande inquietação, em virtude de Hitler ter recentemente decretado o rearmamento da Alemanha.

«O Ministério da Guerra francês, ante a ameaça de uma guerra e prevendo as consequências graves e funestas que ela pode trazer, ordenou que fossem enviados urgentes reforços de tropas coloniais para a fronteira franco-alemã.»

UM TESOURO

para os filatelistas

Por motivo do jubileu de 125 anos dos selos, em 6 de Maio próximo, os três selos mais antigos da Alemanha serão cunhados em ouro, no tamanho natural e numa tiragem limitada.



O «PALMARÉS»

de uma equipa de nadadores...

Um técnico de natação, ao serviço de uma escola superior norte-americana, resumiu assim o que a sua equipa fizera durante o ano:

— Não ganhámos nenhum desafio, mas ninguém morreu afogado!

EFEMÉRIDES

Março

- 1889 — Dia 30 — Termina a construção da torre Eiffel em Paris.
- 1922 — Gago Coutinho e Sacadura Cabral partem para a famosa viagem aérea Lisboa-Rio de Janeiro.

O DISFARCE DOS NOIVOS

Em viagem de nupcias, os recém-casados chegam ao hotel de uma pequena e pitoresca cidade provinciana.

— É preciso, ou antes convém — diz ela —, que não descubram que somos noivos...

— Nada mais fácil — responde-lhe o marido —. Carrega tu com as malas!...



— Isto, meu caro estagiário, é o que se chama um caso bocado.

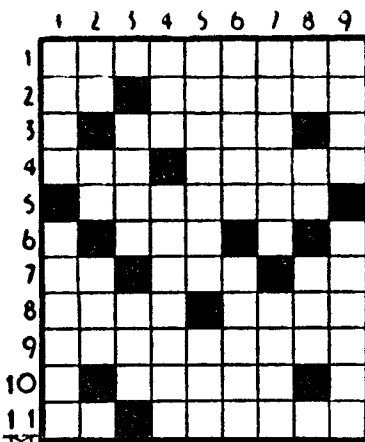
NOVIDADES NA FEIRA DE PARIS

Surge em plena Primavera a tradicional e aliciante Feira de Paris, que será inaugurada, como de costume, na Porta de Versailes, em 19 de Maio, para se encerrar no dia 31.

O famoso certame inclui os salões de Campismo e Desporto, adornos femininos, energia nuclear e mercado textil internacional, com as mais recentes novidades. Haverá ainda os atractivos dos espectáculos «Som e Luz», concertos, concursos hipicos etc.

PALAVRAS CRUZADAS

(COM PROVÉRBO)
Problema n.º 3700



HORIZONTAIS: 1 — Assunto de um discurso com todas as suas minúcias. 2 — Artigo (pl.). Ratarás. 3 — Cidade da Itália, capital de província. 4 — Conheço. Torce. 5 — Abrandar. 6 — Escarnecer. 7 — Atmosfera. Desfavorável. Lo-briguei. 8 — Zomba. Hora canónica (pl.). 9 — Início. 10 — Baliza. 11 — A si. Reequipa.

VERTICAIS: 1 — Nação. Ladeiras. 2 — Pertences. Preposição. Grande quantidade. 3 — Agravado. Termo. 4 — Cólera. Provir. 5 — Sugara. Acredita. 6 — Recear. Exclusiva. 7 — Mentiras. Objectar. 8 — Apellido. Unidade de peso (abrev.). Dirige-se. 9 — Permanece. Galhofa.

Resolveu completamente este problema?

Procure agora, em segundo pas-satempo, o provérbio nele inscrito.

Solução do problema n.º 3699

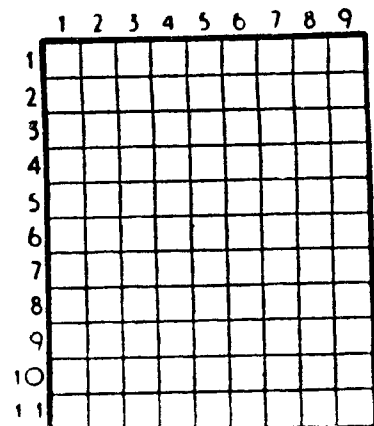
HORIZONTAIS: 1 — Empalma-va. 2 — Oviário. 3 — Anuías. 4 — Cem. Paz. 5 — Vai. Fé. 6 — Lã. TANTA. 7 — Antro. 8 — Usou. LIDA. 9 — PARA. 10 — Ano. TÃO. 11 — Só. Alteou.

VERTICAIS: 1 — Eras. Lautas. 2 — Vens. 3 — POUCA. Topa. 4 — Aviei. Ruana. 5 — Liam. Tô. Rol. 6 — Más. Fã. Lã. 7 — Ar. Penei. Te. 8 — VIDA. Deão. 9 — Ao. Zoa-da. Ou.

(Provérbio: TANTA LIDA PARA TÃO POUCA VIDA).

NOVA MODALIDADE

Problema n.º 7545



HORIZONTAIS: 1 — Átiro. Em-prega. 2 — Rã (pop.). Cinchos. 3 — Esteiro. Canção. 4 — Município. Viração. 5 — Acaricia. 6 — Larva das feridas dos animais. Ferro temperado. 7 — Ave trepadora. 8 — Batráquio. Mistura. 9 — Sobrecarrega. Oásis. 10 — Divisão de uma casa. Içai. 11 — Guarneço de asas. Sementes de cereais.

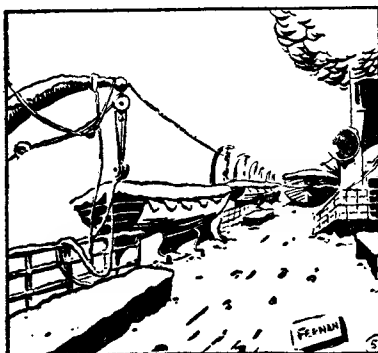
VERTICAIS: 1 — A morte. Fre-guesia do concelho de Guimarães. 2 — Cantiga. Mulheres de baixa es-tatura. 3 — Urdira. Gavinha. 4 — Seguia. Poisara no mar (o avião). 5 — Prefixo que designa três. Go-vernanta. 6 — Guarneçera de ar-mes. Atmosfera. 7 — Boi selvagem. Emparelha. 8 — Tunda. A Tailân-dia. 9 — Planta vivaz medicinal. Cidade de França.

Solução do problema n.º 7544

HORIZONTAIS: 1 — Trás. Omar. 2 — Báltico. 3 — Oia. Oc. 4 — Aal. 5 — Tragaras. 6 — Amir. Irôs. 7 — Acamaras. 8 — Ois. 9 — Os. Cai. 10 — Lagarto. 11 — Amos. Aral.

VERTICAIS: 1 — Tô. Ata. Sola. 2 — Parma. Sam. 3 — Ab. Laico. Go. 4 — São. Grã. Cãs. 5 — Liga. Muar. 6 — Ota. Ria. Ita. 7 — Ml. Carro. Or. 8 — Aço. Soais. 9 — Ko-ca. SSS. UL.

FACTOS REAIS GRANDES TRAGÉDIAS MARÍTIMAS



5 — Quando, em 29 de Janeiro de 1895, o «Elba» abandonou o Weser com destino ao porto de Nova York, completava a sua centésima sagazíssima oitava travessia. Este navio, com os 65 000 cavalos-vapor dos seus motores, que lhe imprimiam uma velocidade de dezasseis nós e meio, era um dos melhores paquetes da Marinha Mercante alemã e, nesse dia, levava a bordo cento e noventa e cinco passageiros, além de uma equipagem de oito homens. O «Elbe» passou, na tarde de 29 de Janeiro, pelo navio-farol de Haak, e, naquela noite de Inverno, prosseguiu a sua rota na direcção do canal da Mancha. O frio era de tal modo intenso que os marinheiros de quarto tremiam nos seus postos.

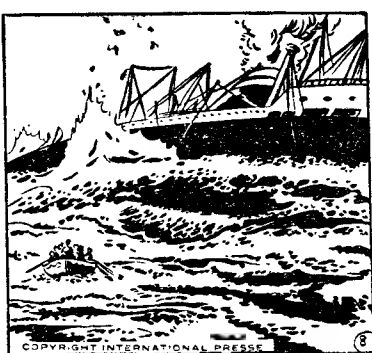


6 — Os tripulantes do «Crathie», um cargueiro britânico que nesse mesmo dia deixara Rotterdam com rumo a Aberdeen, e navegava durante a noite, também tinham frio. Cerca das cinco horas da madrugada, o oficial de quarto e o vigia desceram à messe, para beberem café, e deixaram o navio nas mãos do homem do leme. Este, por sua vez, com os olhos semicerrados e a cabeça metida na gola do sobretudo, não via praticamente nada. E no mesmo instante, o «Elbe» aproximava-se a bombordo, a todo o vapor. O timoneiro do «Crathie» não se apercebeu do facto e, por isso, manteve o rumo. A bordo do «Elbe», no entanto, os tripulantes viram o que se passava, mas, no oceano, tal como nos centros urba-



nos, o veículo que se apresenta á direita tem prioridade de passagem, e os homens do paquete estavam convencidos que o cargueiro se desviaria.

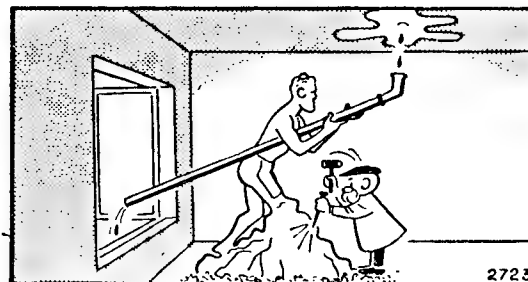
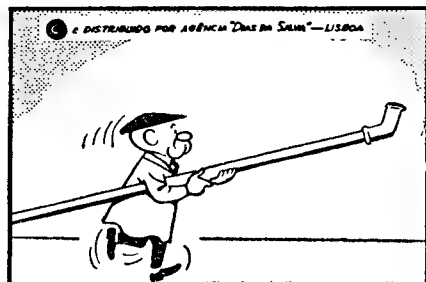
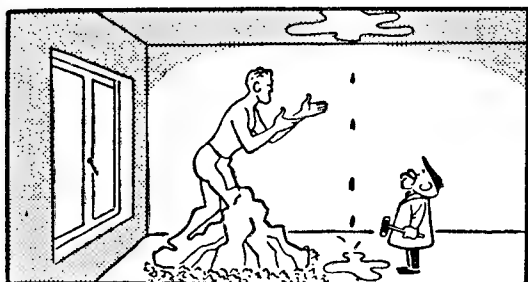
7 — A fatalidade quis que estivessem barcos de pesca nas proximidades, de modo que o «Elbe» não podia virar a estibordo, sem correr o risco de esmagar essas embarcações. Além disso, o oficial de quarto do paquete calculou mal as distancias e, quando tentou fazer uma manobra de emergência, era demasiado tarde. Quanto ao homem do leme do «Crathie», viu surgir, subitamente, diante dos seus olhos, a silhueta maciça de um grande navio, mas já nada podia fazer. No meio de um fragor inten-



so, a proa do cargueiro entrou no flanco do paquete abrindo-lhe uma brecha enorme, por onde a água começou a entrar em grande quantidade.

8 — O capitão do «Elbe», que fora acordado pela violência do embate, tentou organizar o salvamento, mas a tragédia desenrolava-se com uma rapidez incrível: o navio afundava-se; os passageiros, arrancados ao sono, corriam como loucos na coberta; lutava-se junto dos salva-vidas; uma chalupa esmagada, outra voltada... Vinte minutos depois da colisão, o «Elbe» naufragava. E sómente um salva-vidas escapou á tragédia, que custou a vida a trezentas e trinta e duas pessoas. (Continua)

AVENTURAS DO TIO CARLOS



BAMBINA

AS MELHORES Lãs PARA O SEU TRICOT

Av. Duque Ávila, 65 r/c. LISBOA

Enviam-se amostras gratuitas e lãs à cobrança para a Província e Ilhas.

VITÓRIA-BENFICA

Carreiras entre CACILHAS-SETÚBAL e volta

No intuito de facilitar a deslocação de adeptos e simpatizantes, manter-se-ão DURANTE TODO O DIA carreiras consecutivas, além do horário normal ao preço de Esc.: 19520 ida e volta.

A GERÊNCIA da Empresa João Cândido Belo & C., Lda.

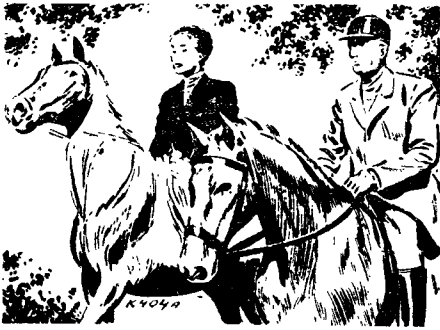
DINHEIRO

S/ AUTOMÓVEIS
TELEFONE 44602

FOLHA DE FLANDRES
SEMPRE A PREÇOS MUITO ACESSÍVEIS
CICC, LDA. - RUA D. JOÃO V, 7-1,
LISBOA - TELEFS. 68 41 41/2/3

RESUMO — Bruno Cicaldi vai viver com o irmão, o grande pianista Paul Cicaldi, depois de ter passado uma temporada numa casa de saúde, onde recolhera por sofrer de obsessões constantes, e tornar o irmão responsável pelos seus desaires. Entretanto, Paul começa a interessar-se por Elisabeth, que estivera noiva de Bruno noutros tempos. Aimée, a mulher do pianista, apercebe-se do facto.

5 — Seria um bom começo de Verão, se não se sentisse uma enorme tensão na atmosfera... Arthur Blenner era o primeiro a sentir essa angústia. Que se passaria em casa dos Cicaldi? Ele encontrara Paul nos Estados Unidos, na Primavera passada, e ficara espantado com o extraordinário virtuosismo do pianista, que, agora, parecia estar numa ansiedade constante. Arthur surpreendera muitas vezes o olhar insistente de Bruno fixado no irmão. «Toca piano?» — perguntara o compositor ao rapaz. Este respondera-lhe secamente: «Não, eu não sou músico!» E havia ainda outra coisa: Bruno bebia, às escondidas. Mas no meio de tudo aquilo estava Aimée, que inspirava uma enorme piedade ao compositor, porque este via que a vida que ela levava não era muito divertida... O marido enganava-a... E havia Elisabeth... Todos os dias Arthur e Aimée cavalgavam pelas áreas do parque, e nesses momentos, a rapariga sorria alegremente.



6 — Na véspera do recital único que ia dar a favor das obras sociais, Paul deitou-se muito cedo. Aimée ficara a ler no salão, Elisabeth e Bruno tinham-se eclipsado. Arthur decidira ir dar um passeio, mas, quando se preparava para sair, um barulho de vozes proveniente do terraço reteve-o. «Não há necessidade de me enganares mais tempo» — gritava Bruno. «Sei que não queres casar comigo...» A rapariga nada dizia. «Elisabeth, toma cuidado...» A voz do jovem soava angustiada: «Toma cuidado porque... Paul tirou-me tudo, e se é por causa dele...» A rapariga perguntou: «Por que falas de Paul?» Bruno fez um movimento brusco. Era visível, agora, o seu rosto deformado por um ódio incrível, desumano... «Ele tirou-me tudo, tudo...» — repe-

O ÚLTIMO CONCERTO

por STÈVE DAMONT

tiu o rapaz. «O talento, o dinheiro, a glória... e, por fim, o amor... Mas eu vingarei-me! entendes? Lavarei a minha honra com o meu sangue, se a tanto me obrigarem!» «Bruno!» — gritou Elisabeth, ao mesmo tempo que o tentava impedir de abandonar a sala. Arthur viu, depois, a rapariga titubear, levar as mãos à cara e dizer: «Ele vai fazer uma desgraça...»

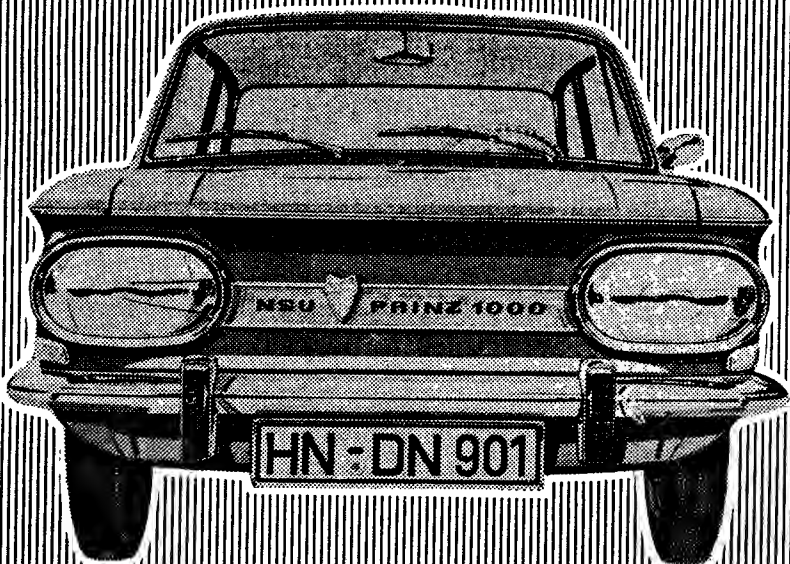
7 — A partir daquela noite, a angústia pareceu tomar corpo naquela casa. Bruno não estava curado, e todos sabiam isso, embora ninguém ousasse intervir. O rapaz era um paranóico, que tinha a mania da perseguição. Arthur Blenner tinha a sensação absurda de desenrolar-se diante dos seus olhos um filme angustioso, sem que nada se pudesse fazer, para deter a marcha dos acontecimentos. Numa tarde, Aimée decidiu que iam banhar-se ao rio. A grande propriedade dos Cicaldi compreendia uma enorme extensão de terreno, que descia na direcção do curso de água. Uma cabana, situada nas imediações, servia de barraca de praia. Arthur sentou-se ao lado de Aimée. Tentou falar-lhe, mas a jovem não ouvia nada, pois olhava para o marido que, naquela altura, conversava alegremente com Elisabeth; depois, resolveram dar um passeio de barco. «Paul é ignóbil», — pensou Arthur com furor — «e comporta-se como uma criança. Bruscamente, Aimée empalideceu, porque Bruno, que fazia a sua aparição, olhava também, para Paul e Elisabeth, que continuavam muito divertidos, na margem do rio...



8 — Arthur estava nos bastidores, na companhia de Aimée. No palco, Paul, sentado ao piano, tocava o «Concerto em Ré», de Mozart... A rapariga fechou os olhos... O compositor reparou que ela vibrava a cada compasso. «Ama-o assim tanto?» — perguntou. Aimée abriu os olhos e afirmou: «Não, não é por causa disso... No verdadeiro sentido da palavra, já não o amo, Arthur... Sei que ele me enganou...» «Então, minha amiga, por que não se divorcia? Se você quisesse, Aimée... Não há razão para que suporte essa vida infernal...» «É impossível, Arthur» — disse a rapariga «Quando o ouço tocar deste modo, verifico que não posso deixá-lo... Escute... Nestes momentos, ele está muito acima das coisas mesquinhas da vida...» «Você procede erradamente, Aimée, e sei que se aproxima um drama» — afirmou o compositor.

(Continua)

O novo Grande PRINZ 1000



- 5 Espaçosos lugares
- fogoso: de 0-100 kms/h em 18,5 segundos
- suspensão melhorada
- motor de 4 cilindros a 4 tempos
- arrefecido por turbina de ar
- potência 51 hp (SAE) - 12,2 kgs/hp
- vel. máxima 135 kms/h
- manobrável como um pequeno carro
- travões de disco à frente

em exposição

nos distribuidores exclusivos e seus agentes em todo o país

Soc. Lusolanda, Lda.

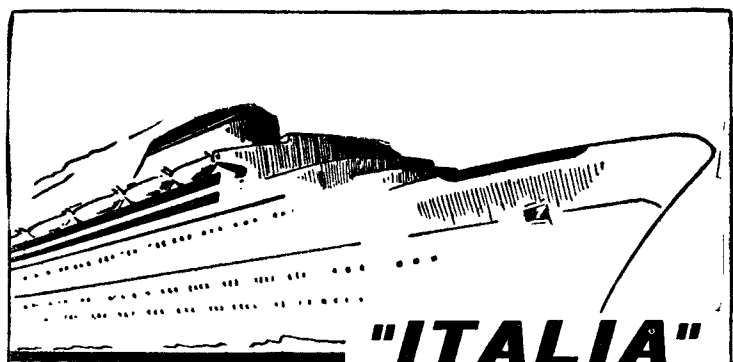
Stand NSU

Av. António Augusto de Aguiar, 25-C Telef. 537077

ESQUENTADORES
PEQUENO ANÚNCIO
GRANDES DESCONTOS
A. SANTOS SILVA
4-A — R. Passos Manuel — 4-A

LUSTRES

Fazemos novos, reparamos, transformamos ao gosto do cliente. Fábrica, Av. 5 de Outubro, 203, r/c., Esq. Tel. 771639.



SOCIETÀ DI NAVIGAZIONE - GENOVA

PARA:

AMÉRICA DO SUL

«GIULIO CESARE»

3 de Abril

RIO DE JANEIRO
SANTOS
MONTEVIDEO
BUENOS AIRES

PARA:

MEDITERRÂNEO

«AUGUSTUS»

11 de Abril

BARCELONA
CANNES
GÉNOVA
NÁPOLES

OS AGENTES:

Em Lisboa:
AGÊNCIA MARÍTIMA
TRANSATLÂNTICA, LDA.
Rua do Alecrim, 20-F, 1.
Telefone 32 72 64

No Porto:
KENDALL, PINTO BASTO
& C., LDA.
Rua Nova da Alfândega, 12
Telefone 2 84 21



ALUGAM-SE

SEM TRESPASSE

CONSULTÓRIOS, ESCRITÓRIOS,
ATELIERES, OU QUALQUER COMÉRCIO

1.800\$00 E 2.000\$00 POR MÊS

RUA JOSÉ RICARDO — À RUA CARVALHO ARAÚJO

(Gaveto) à PRAÇA DO CHILE

Prédio novo com 2 elevadores 2 salas-hall-c. banho-cozinha-marquise
Águas quentes e frias. Acabamentos de 1.ª qualidade

MOSTRA NO LOCAL A PORTEIRA



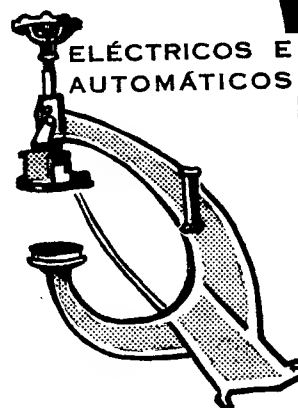
ORGANIZAÇÃO BRANCA LUCAS

ANTÓNIO RODRIGUES DA BRANCA LUCAS

Rua D. Antão de Almada, 5, 2.º, Dt.º - Telef. 320063-320047-Lisboa

Duro

Vulcanizadores



ELÉCTRICOS E AUTOMÁTICOS

PARA
CÂMARAS DE AR
E OUTROS ARTIGOS
DE BORRACHA

SUORTE DE
VÁLVULAS
FERRAMENTAS

REPRESENTANTE EXCLUSIVO:

AUTO-LUSITANIA
AV. DA LIBERDADE, 73-79
LISBOA

Carrier
REFRIGERAÇÃO
INDÚSTRIAS TÉRMICAS
NUNES CORREIA
S.A.R.L.
LISBOA — R. DO ALECRIM, 29 — TEL. 30901/4
PORTO — R. DA FIMBEZA, 482 — TEL. 28034

RUA DO CENTRO CULTURAL EDIFÍCIO PARA FÁBRICA OU ARMAZÉM VENDA JUDICIAL

RECEBEM-SE PROPOSTAS NO NOSSO ESCRITÓRIO ATÉ AO
PRÓXIMO DIA 5 DE ABRIL PARA A VENDA DO EDIFÍCIO
ACIMA REFERIDO QUE SE SITUA NO N.º 35 E TEM A ÁREA
COBERTA DE 500 m2. RESERVANDO-NOS O DIREITO DE ABRIR
LICITAÇÃO VERBAL, EM DATA A MARGAR, ENTRE OS
SRS. OFERTANTES E O DE O ENTREGAR OU NÃO.

A LEILOEIRA, LDA.

Av. 5 de Outubro, 23-1.º

LISBOA

Tel. 4 59 34 - 4 62 59

INIMITÁVEL



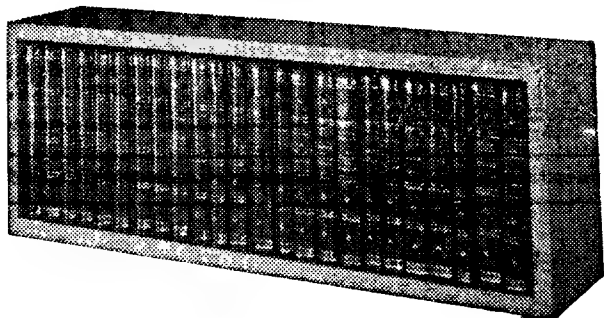
2 cv. CITROËN

COM FACILIDADES



UMA OPORTUNIDADE

Valorize a sua biblioteca comprando uma série de 24 volumes no formato 16,5x11 cm, encadernados em balacuir e apresentados numa ESTANTE DE MADEIRA, tudo por Esc. 500\$00



ou, 48 volumes no mesmo formato igualmente encadernados e apresentados numa ESTANTE DE MADEIRA, DUPLA tudo por Esc. 1000\$00

Obras de Almeida Garrett, Jane Austen, Balzac, Benoit, Bourget, Charlotte e Emily Bronte, Camões, Agatha Christie, Dostoevsky, Dumas, Goethe, Goldini, Victor Hugo, Sheridan, Stevenson, Tolstói, Mark Twain, Oscar Wilde e outras poderão ser adquiridas na modalidade de PAGAMENTOS SUAVES em 20 prestações mensais de 25\$00 ou 50\$00 respectivamente.

ENTREGA IMEDIATA DAS OBRAS CONTRA O PRIMEIRO PAGAMENTO

O interessado deverá solicitar um impresso-proposta à

LIVRARIA CIVILIZAÇÃO - PORTO

ou à FILIAL EM LISBOA

AV. ALMIRANTE REIS, 102 R/C DTO — LISBOA 1

RECORTAR ESTE
CUPÃO E REMETTER A
LIVRARIA CIVILIZAÇÃO
R. Alberto Aires
Gouveia, 27
PORTO

Agradeço me enviem um impresso-proposta e lista de obras para aquisição de 24 ou 48 volumes na modalidade de PAGAMENTOS SUAVES com direito a uma estante de madeira.

NOME (Bem legível)

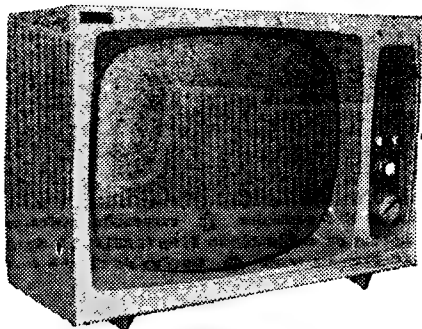
ENDEREÇO

Em FORNOS DE ALGODRES o «DIÁRIO DE LISBOA», vende-se no CAFÉ MONDEGO (Sr. Carlos Melo).

pelo preço do
café e do brandy



AGORA PODE TER UM "TV" NO CONFORTO DA SUA CASA



120\$00 mensais

com antena normal incluída

SEM FIAADOR

EKCO
modelo 810

O famoso Televisor inglês
de visão perfeita!

INFORME-SE DAS NOSSAS CONDIÇÕES DE VENDA

Bardo TV

AV. DA LIBERDADE, 131
RUA DE S. BENTO, 53 A 57
AV. ALMIRANTE REIS, 124-B

DESPORTOS

O Vasas, adversário do Benfica apresenta uma dificuldade imprevista em relação a 7 de Abril

Quando menos se esperava, o Vasas Gyor, próximo adversário do Benfica nas meias-finais da Taça dos Campeões Europeus, apresentou dificuldades sobre a utilização do dia 7 de Abril para o jogo da 1.ª «mão». Em telegrama enviado ontem, o clube húngaro alegou ser impossível efectuar o encontro naquela data, em virtude do Neptadion estar ocupado com o desafio Ferencvaros-Atlético de Bilbao, a

HOJE, À NOITE

ACTIVIDADES DA F. N. A. F. — Campeonato de handebol de 7, no campo sul do Parque de Alvalade: Guerin-Cervejas e T. A. P. H. Vaul-tier, às 20 e às 21 e 15; no campo norte: Rod. Lácteos-Móveis Olão, às 21 horas.

— Campeonato de ténis de mesa: C. S. «O Alentejo-Mague», na mesa da F. N. A. T., às 19 e 30; Lisgás-Olaio e Celcat-B. Encarnação, nas mesas dos primeiros, às 21 e 15.

— Campeonato de voleibol (1.ª jornada): Montepio-Aut. Elect. Portuguesa e Sorefame-I. N. Estatística, no ginásio da E. «Nuno Gonçalves», a partir das 18 e 45.

HÓQUEI EM PATINS — 4.ª jornada do torneio de reservas do C. Ourique, a partir das 21 horas: Lisgás-Sporting, Belenenses-C. U. F. e C. A. O.-Benfica.

VOLEIBOL — Campeonatos de Lisboa — feminino: Lisboa Ginásio-C. I. F. na Escola Josefa de Óbidos, às 20 e 45; Juniores e aspirantes: Belenenses-Benfica, na Escola Francisco de Arruda, a partir das 18 e 30.

Os jogos de futebol começam às 16 horas no próximo domingo

Em virtude da mudança de hora, os jogos de futebol marcados para domingo, relativos aos Campeonatos nacionais organizados pela F.

UMA OPINIÃO DE P. MOROZOV

ROMA, 30 — (A. N. I.) — O seleccionador nacional soviético de futebol, Petrovic Morozov, é de opinião que no próximo campeonato do mundo de futebol, que se disputará na Inglaterra, as equipas británicas terão muitas possibilidades de ganhar o título, tendo em conta a influência que pode ter o factor de jogar no seu campo próprio.

Morozov encontra-se em Grottaferata com a equipa da União Soviética, que na quarta-feira, à noite, vai enfrentar o Lazio, depois do encontro disputado em Livorno.

Ao referir-se aos restantes participantes do torneio, Morozov disse que, como sempre, o Brasil figura na lista dos favoritos, sem esquecer a Rússia, que se está preparando intensamente para obter a melhor classificação possível no campeonato do mundo, dando entrada a novos elementos com o objectivo de conseguir um conjunto de maior profundidade e eficácia na marcação de golos do que a selecção russa que foi vencida em Madrid, pela Espanha, na final da última edição da Taça da Europa de seleções nacionais.

Petrovic Morozov substituiu, no cargo de seleccionador unico soviético, Konstantin Beskov, que foi obrigado a apresentar a demissão do seu cargo depois do «rímfo da selecção da Espanha na Taça da Europa».

contar para a Taça das Cidades com Feira, pelo que propunha os dias 21 ou 28 de Abril.

Imediatamente, a direcção do Benfica agiu na defesa dos seus legítimos interesses, pedindo a intervenção da F. P. F., a qual, também ontem, se apressou em telegrafar á sua congénere magiar, inteirando-a das dificuldades inamovíveis em que se debate o Benfica, cuja maioria dos elementos estarão ao serviço da selecção nacional desde 8 a 26 de Abril.

Aguarda-se que a Federação húngara e o Vasas considerem o problema na sua dimensão exacta, isto é, com o indispensável desportivismo, não recorrendo, portanto, a subterfúgios que, no fundo, tentam tirar partido da sinceridade dos dirigentes portugueses.

O presidente da direcção da F. P. F., em opinião pessoal confiada ao bissemanário «Record», diz que o dia 8 de Abril poderá resolver

o subitito oostáculo levantado pelo Vasas, mas tal não significa que se considere desde já válido o argumento alegado pelo clube magiar, que parece estar a jogar com um pau de dois bicos, ciente de que a razão só a ele lhe pertence.

A U. E. F. A. deverá agir, se acaso persistir a teimosia do Vasas, tendo em vista as evidentiíssimas dificuldades criadas não só pelo calendário oficial português como pelos jogos da selecção nacional.

A sugestão do aproveitamento do dia 21 constitui uma fantasia, que não deixa de suscitar reacção enérgica. Nessa altura, o «onze» nacional estará a quatro dias de enfrentar a Checoslováquia, não sendo, por conseguinte, admissível que os elementos do Benfica fossem dispensados para deffrontar o Vasas, regressando, depois, á equipa das «quinas».

Aguarda-se, pois, a evolução deste palpitante caso.

O «onze» militar de Portugal já se encontra em Las Palmas

LAS PALMAS, 30 — (F. P.) — Chegou ontem, á tarde, ao aeroporto de Gandio a selecção militar portuguesa de futebol, que no Estádio Insular desta capital, vai disputar o encontro de segunda mão das meias-finais do Torneio Militar Internacional. A caravana portuguesa foi recebida por oficiais das Forças Armadas espanholas e de-

legados da Federação dos Desportos.

O seleccionador português, tenente José Vicente, declarou aos jornalistas que a sua equipa terá dificuldade em vencer o adversário. «A selecção espanhola — disse — é magnífica, e joga com rapidez e entusiasmo. Preocupa-me a inclusão de Ufarte, que muito me impressionou quando o vi jogar, em Córdoba, contra a equipa «B» de Portugal.

Indigitados os novos presidentes do F. C. Porto

Para os novos corpos gerentes do F. C. Porto foram indigitadas as seguintes individualidades, aliás, figuras de prestígio no elenco associativo da popular colectividade nortenha:

Dr. Cesário Bonito (direcção). Pinto de Magalhães (conselho fiscal) e dr Ponciano Serrano (assembléa geral).

Em breve, estes elementos terão a sanção oficial.

CAMPISMO

Uma organização do C. C. L.

Continua a despertar o maior entusiasmo entre os praticantes do caravanismo, a realização da «Jornada Caravana 65», numa organização do C. C. L. com a colaboração dos núcleos campistas do Entroncamento «Amanhecer» e «Amigos do Amanhecer». Do programa fazem parte provas de periferia com caravanas e uma gincana, além de outros atractivos.

Actividades desportivas da Mocidade Portuguesa Feminina

* Estão aprovadas as equipas para os campeonatos nacionais

Terminaram em todo o País os campeonatos de zonas da Mocidade Portuguesa Feminina, que movimentaram 50 equipas, das quais ficaram apuradas para disputar os campeonatos nacionais as seguintes:

1.ª Zona — Voleibol: Liceu de Braga (cadetes) e Colégio de Nossa Senhora da Bonança, de Vila Nova de Gaia (juniores). Handebol: Liceu de Braga (cadetes) e Escola Comercial Filipa de Vilhena (juniores). Badminton: Escola Industrial Aurélia de Sousa, em pares e singulares (cadetes e juniores).

2.ª Zona — Voleibol: Liceu de

Lamego (juniores) e Colégio da Imaculada Conceição, de Lamego (cadetes). Handebol: Liceu de Castelo Branco (juniores) e Liceu de Coimbra (cadetes). Badminton: Escola Técnica de Aveiro, em pares e singulares (cadetes e juniores). Basquetebol: Escola Técnica de Aveiro (cadetes) e Liceu de Coimbra (juniores).

3.ª Zona — Voleibol: Instituto de Odivelas, (cadetes e juniores). Basquetebol: Liceu de Oeiras (cadetes). Handebol: Liceu de Oeiras (cadetes) e Liceu D. Filipa de Lenastre (juniores).

4.ª Zona — Voleibol: Escola Técnica de Portalegre (juniores).

O ministro das Corporações na vila de Aljustrel

(Continuação da pagina central)

sibilidades de execução não há referência apenas á previdência propriamente dita, mas sim á necessidade que esses novos benefícios impliquem de acordos ou ajustamentos a outros ordenamentos ou serviços, os quais só poderão ser postos em prática depois de convenientemente apreciados e ajustados.

E prosseguiu:

«É evidente que, pelo seu próprio condicionalismo, a simples celebração do acordo em causa não bastará para que desde logo fiquem resolvidos todos os problemas que se prendem com a prestação da assistência hospitalar aos beneficiários da previdência, ligados como estão tais problemas ás próprias possibilidades existentes a esse respeito. Mas também a este propósito as perspectivas são favoráveis mercê do entendimento existente entre os departamentos competentes».

Em defesa da saúde

O prof. Gonçalves de Proença disse depois que, entre as inovações introduzidas pela nova legislação da previdência, se incluíram os desdobramentos que permitiram a autonomização dos seguros de tuberculose e maternidade, pois com efeito, pelo regime anterior, a tuberculose era tratada ao nível da generalidade das doenças, não constituindo, como agora, um risco autónomo. Acrescentou que, nesse sentido, foi celebrado entre a Previdência e o I. A. N. T. um acordo, pelo qual este organismo se encarrega de exercer a acção da assistência médica e medicamentosa incluída no seguro de tuberculose, potenciando assim, de forma considerável, a capacidade da sua intervenção, acordo que está em vigor, desde 1 de Janeiro, nos distritos de Lisboa, Setúbal, Coimbra e Porto, esperando-se que o seu alargamento se possa ir fazendo á medida que a experiência o permita.

O ministro acentuou que, enquanto se encontrava integrado no seguro-doença, o subsídio que correspondia ao trabalhador afectado de tuberculose era igual a qualquer outro, ou seja 60 % do salário base, enquanto agora atinge os 80 % desse mesmo salário quando o doente se encontra em regime de tratamento domiciliário ou ambulatório. Pelo que respeita ao seguro-maternidade, a sua autonomização do seguro-doença em geral teve, pelo menos — disse — duas vantagens: uma, igual á referida para a tuberculose, na maior atenção que pode ser prestada á assistência devida na gravidez e no parto das suas beneficiárias; outra, traduzida pelo maior subsídio concedido por ocasião do parto, o qual passa a ser igual ao salário e poderá ser prestado durante 60 dias consecutivos, sem quaisquer encargos para as entidades patronais, ao contrário do que até aqui sucedia.

E acentuou:

«Para melhor se poder avaliar a importância destes benefícios bastará dizer que o seu custo implica um aumento de despesas para a previdência da ordem dos 250 000 contos anuais. Vem tudo isto a propósito da inauguração a que estamos a proceder de um novo posto médico da previdência, destinado a servir uma população beneficiária de 5000 pessoas e cujo custo orçou pelos 800 contos».

Novo sistema de colaboração médica

O ministro acrescentou:

«Finalmente, espera-se poder em breve anunciar um novo sistema de colaboração médica que melhor garanta a sua liberdade de actuação conjuntamente com a do beneficiário. Não temos a ilusão de supor que os esforços feitos algum dia conduzirão a um resultado que por inteiro a todos satisfaga. De resto, em parte alguma do Mundo, que se saiba, isso foi conseguido. Temos, no entanto, a esperança de que as coisas possam melhorar progressivamente, evitando muitas das reclamações que ainda chegam até nós, tanto por parte de quem presta, como por parte de quem recebe os benefícios da previdência. Lembremos ainda que parte muito importante da população está por cobrir e que os métodos até agora usados não foram suficientes para garantir essa cobertura, impondo-se portanto, aperfeiçoar e acelerar esses métodos. Ora isso não é tarefa fácil, sobretudo quando, como no nosso caso, não queremos que a política social sobrecarregue em excesso as dispo-

nubilidades económicas do País. Se em vez dos 20 % sobre os salários a previdência portuguesa cobrasse os 30 % ou 40 % habituais em outros países, é evidente que a sua acção poderia também ser mais ampla. Mas, por enquanto, não pensamos que tal seja conveniente. Nem por isso desistimos, todavia, de progredir até que toda a população activa nacional seja integrada entre os seus beneficiários».

A terminar:

«A política social, porem, não é constituída apenas pelos benefícios da previdência. Ela desdobra-se em muitas outras manifestações nas quais merecem especial destaque as que visam á dignificação do trabalho e do trabalhador. Faço esta alusão para justificar uma referência á decisão tomada de instalar aqui em Aljustrel um centro de aprendizagem destinado a dar uma preparação básica aos jovens que o desejem nas profissões ligadas á metalomecânica, com o que se espera, por um lado, impulsionar as actividades que dessas profissões necessitam e, em segundo lugar, garantir melhor acesso ás indústrias de todos aqueles que não possam encontrar na exploração mineira ou na agricultura a ocupação de que necessitam para viver, libertando-os assim do subemprego ou da tentação diabólica da emigração. Resta-me aludir á atitude de compreensão recentemente tomada pela empresa das Minas de Aljustrel para com os seus trabalhadores indo ao encontro das suas aspirações legítimas».

NECROLOGIA

FALECIMENTOS

Dr. Armando de Oliveira Bernardes

Faleceu o dr. Armando de Oliveira Bernardes, advogado, funcionário superior do Metropolitano de Lisboa. Dotado de reais qualidades literárias, foi colaborador do nosso prezado colega «Diário de Notícias».

Tendo abraçado a carreira diplomática, em que se conservou alguns anos, foi grande amigo do ministro dos Estrangeiros, dr. Veiga Simões, e exerceu as funções de chefe do Gabinete do dr. Lacerda de Almeida, quando este sobraçou a pasta da Instrução Publica.

Deixa viúva a sr.ª D. Maria Candida de Castro Bernardes, filha do dr. Augusto de Castro, illustre director do «Diário de Notícias», e de sua esposa, sr.ª D. Maria Emília Barbosa de Castro Era filho do dr. Joaquim Maria Bernardes, juiz de Direito, e de D. Encarnação de Oliveira Bernardes, já falecidos, irmão da sr.ª D. Maria da Conceição Bernardes Catalão, cunhada da sr.ª D. Isabel de Castro e do dr. Álvaro Catalão, e primo do dr. Sá de Oliveira, presidente da Federação das Caixas de Previdência — Serviços Médico-Sociais.

O funeral saiu hoje á tarde da Igreja de S. Mamede, para o cemitério de Carnaxide.

A família enlutada, em especial ao dr. Augusto de Castro, apresentamos sentidas condolências.

SUFRAGIOS

Dr. Carlos Barbosa

Por iniciativa da família, celebra-se amanhã, ás 12 e 30, na igreja de São Sebastião da Pedreira, missa de sufrágio do 7.º dia, por alma do dr. Carlos Barbosa, advogado e banqueiro de grande prestígio e um dos homens que ajudaram a fundar o «Diário de Lisboa».

Actriz Carlota Sande

Na igreja da Pena, celebrou-se hoje de manhã missa do 7.º dia, por alma de Carlota Sande, que morreu com 85 anos, depois de ter sido, durante largas temporadas, uma actriz de mérito que deu valiosa colaboração ás companhias de declamação que actuaram nos teatros Nacional e Ginásio e ás dirigidas por Palmira Bastos e Alves da Cunha, em várias digressões pelo Brasil, e que há muito abandonara o teatro por motivos de saúde.

D. Laura Marques da Silva e seu marido Artur Pedro da Silva

Mandada dizer por seus filhos, celebra-se amanhã, pelas 9 horas, na igreja do Santo Condestável, missa do 90.º dia por alma de D. Laura Marques da Silva e de seu marido Artur Pedro da Silva.

Boletim de Lisboa

RADIO

EMISSORA — 1.º Programa — 457 m — 655 kc/s — 16 e 30: Noticiário; 17 e 40: Música ligeira variada (E. R. C.); 18: Noticiário; 18 e 10: Música de dança; 18 e 40: Rádio Mocidade, programa da Mocidade Portuguesa; 19: Noticiário regional; 19 e 10: Atenção, Luan-dal; 19 e 15: Orquestras e conjuntos; 19 e 30: Alegria no Trabalho, programa da F. N. A. T.; 20: Variedades; 20 e 30: Diário sonoro—Boletim meteorológico; 21: Vamos ouvir Alice Amaro; 21 e 20: 19.º episódio do folhetim «A Roça», de Fernando Reis; 21 e 40: Que quer ouvir?; 22 e 30: Noticiário; 22 e 40: Na rubrica Teatro das Comédias, a peça «A Farsa dos Almocreves», de Gil Vicente; 23: O programa da noite; 0 e 45: Noticiário; 1: Encerramento.

2.º programa — 397 m — 755 kc/s — As 16 e 30: Trechos da ópera «A Vida pelo Czar» (Glinka); 17: Interrupção. As 18: Música portuguesa; Camões e Fernando Pessoa, na obra vocal dos compositores portugueses: obras de Croner de Vasconcelos, de Filipe Pires, de Joly Braga Santos, de Luís de Freitas Branco, de Filipe de Sousa e de Lopes Graça; 19: Solos de instrumentos, de João Sebastião Bach e de Brahms; 19 e 30: O canto e os seus intérpretes, por Maria Helena de Freitas; 20 e 30: Diário sonoro; 21: Concerto, pela Academia de Instrumentistas de Camará; 21 e 30: Música de piano, de Albeniz, pelo pianista José Iturbi; 21 e 49: «Adágio em si bemol, K. 411» (Mozart); 22: A Voz do Ocidente; 0 e 15: Encerramento.

TELEFONES

DE SERVIÇOS URGENTES

BOMBEIROS

Sapadores 322222
Voluntários 538524

AGUA, GAS E ELECTRICIDADE

Companhia das Águas 361553
Companhias Reunidas 320021
Gazcilda 538821
Gazcilda (dom e feriados) 382069

POLICIA E G. N. R.

Segurança Pública 366141
Judiciária 735380
Marítima 326456
Internacional 362721
Viação e Trânsito 42205
G. N. R. (área rural) 36865

SAUDE

Cruz Vermelha 665341
Enfermagem permanente ... 766161
Hospital de Santa Maria ... 775171
Hospital de S. José 860131
Sangue oxigénio e soro ... 771161
Transfusões, soros e oxigénio 538524

TRANSPORTES

Aeroporto 721101
Caminhos de ferro (C. P.) 538524
Caminhos de ferro (Estoril) 361121
Estação Fluvial (T. Paço) ... 325345
Estação Mar. de Alcântara ... 663195
Estação Marítima da Rocha ... 672445
Estação Fluvial (Belém) ... 638531



O CAFÉ QUE
SABE A CAFÉ...

VILARINHO
& SOBRINHO, L. DA

JANELAS VERDES
LISBOA

FRIGORÍFICOS
PAGANDO A PRONTO
MUITO MAIS BARATO

CASA M. L. FERREIRA
Rua D. Estefânia, 48 - 1.º

3.º programa — As 22: Desdobramen-to — Música sinfónica: «Sinfonia em si bemol, op. 20» (Chausson); «Russian», poema sinfónico (Balakirev); 22 e 45: Seis canções, segundo poemas de Heine, de Brahms, pelo barítono Dietrich Fischer-Dieskau; pianista, Jörg Demus; 23: Música sinfónica: «Concerto n.º 5, em mi bemol maior, op. 73» (Beethoven); «Poema Extase, op. 54» (Schubert); 0: Música de órgão; 0 e 45: Noticiário; 1: Encerramento.

RADIO CLUBE — As 16 e 30: Lis-boa á tarde; 19: Variando para agra-dar; 19 e 45: Noticiário; 20 e 15: Ri-balta; 20 e 30: Vozes e ritmos do Bra-

sil; 20 e 45: Carta de Berlim; 21: No-ticiário; 21 e 8: Orquestra; 21 e 15: Festival; 21 e 45: Recordando êxitos; 22: José Viana em «O Riso É Seu»; 22 e 15: Desfile de estrelas; 22 e 45: Trechos de zarzuelas; 23: Ritmo-64; 23 e 45: Noticiário; 0 e 1: Programa Meia-Noite; 3: Sintonia-63; 6: Boletim me-teorológico.

Modulação de frequência — As 16 e 30: Noticiário; 16 e 35: O trompetis-ta...; 16 e 45: Música sul-americana; 17: Momento para jovens; 17 e 37: Es-trelas em FM; 17 e 45: Noticiário; 19 e 2: Canções para todos; 19 e 30: Con-juntos instrumentais; 19 e 45: Noticiá-

rio; 19 e 50: Ritmo sobre teclas; 20 e 2: Boa noite em FM; 21: Noticiário; 21 e 15: Clube FM; 23 e 45: Noticiá-rio; 0 e 2: Boa noite e bons sonhos; 2: Fecho.

Emissor de Miramar — As 16 e 30: Noticiário; 16 e 35: Vedetas do teclado; 16 e 45: Conjuntos vocais; 17: Clube do disco; 17 e 45: Noticiário; 17 e 50: Solistas; 18: O fado na voz de...; 18 e 15: Orquestras; 18 e 30: Canções ro-mânticas; 19: Novos discos; 19 e 15: Canções; 19 e 45: Noticiário; 19 e 53: Conjunto; 20: Rádio Placard; 20 e 30: ...dirige o ritmo; 20 e 45: Estre-las da Broadway; 21: Noticiário; 21 e 8: Orquestra; 21 e 15: No mundo da canção; 21 e 30: Europa musical; 21 e 45: Desfile de estrelas; 22: José Viana apresenta «O Riso É Seu»; 22 e 15: Ritmos de momento; 22 e 30: Melodias para a sua noite; 22 e 45: Guitarras e fadistas; 23: Música para jovens; 23 e 45: Noticiário; 23 e 53: Uma voz; 0 e 1: Programa Meia-Noite; 2: Fecho.

RADIO RENASCENÇA — As 18: Passatempo para o lar; 18 e 25: Lei-tura do boletim religioso; 18 e 30: Terço e bênção, da basílica dos Mártires; 19 e 5: «Deixai vir a mim as criancinhas»; 19 e 25: Boletim do S. C. R.; 19 e 30: Sete e meia; 20: Mu-sica para o seu jantar; 20 e 30: No-ticiário e boletim do Rádio Rural; 20 e 55: Meditando; 21: Canções da Eu-ropa; 21 e 15: Gosto, conforto e mú-sica; 21 e 30: «Na Escola de Jesus»; 21 e 45: Conjuntos de ritmo; 22: Quando o telefone toca; 22 e 30: A Or-questra dos 101 violinos; 22 e 45:

para os vossos transistors...

DIALUX

a pitcha de confiança!

TELEVISÃO

Hoje — As 18 e 45, Abertura; 18 e 47: Telejornal; 19: «Curso de Adul-tos»; 19 e 25: «Educação Física Mas-culina»; 19 e 50: «Francês»; 20 e 15: «Culinária»; 21: Telejornal; 21 e 25: Boletim meteorológico; 21 e 30, Pano-rama Literário; 22: 7.ª Arte — «O Pi-rata dos meus Sonhos», com Judy Gar-land, Gene Kelly e Walter Flezak; 23 e 45: Telejornal; 23 e 50: Meditação e fecho.

Amanhã — As 18 e 45, Abertura; 18 e 47: Telejornal; 19: «Educação Física Feminina»; 19 e 20, «Língua Portu-guesa»; 19 e 40, «Arte Portuguesa»; 20, «Práticas Pedagógicas»; 20 e 25, Bar-reira de Sombra; 20 e 40, Vamos jo-gar no totobola; 21: Telejornal; 21 e 25, Boletim Meteorológico; 21 e 35,

Títulos de Caixa Alta: «Brasil—Ano 1»; 22 e 10, Noite de Teatro: «D. Xepa», de Pedro Bloch (adaptação de Correia Alves) interpretação de Maria Manuela Couto Viana, Alina Vaz, Nita Merce-des, Maria Alice de Vasconcelos, Jaime Valverde, António Montez e Can-dido Peixoto; 23 e 25, Recital pelo pia-nista Ney Salgado: «Sonata Fantasia» de Claudio Santoro (1.ª audição em Portugal); 23 e 45, Telejornal; 23 e 50, Meditação e fecho.

S. O. S. - TV

A TEVERAPIDA, de DAVID J. CORDEIRO, com a sua estação de serviço permanente, a qualquer hora, de dia ou noite, incluindo domingos e feriados, apresenta a V. Ex.ª um novo sistema de reparação de televi-sores, mais rápido e mais económico, por técnicos especializados no estrangeiro com carros Laboratoriais para Lisboa e arredores
RUA ANTÓNIO PEDRO, 119 — TELEF. 735024

BOLSA DE LISBOA

AS COTAÇÕES DO DIA ANTERIOR

Fundos do Estado	Efec.	Compra	Venda	Comp.ª diversas	Efec.	Compra	Venda
Cons. 2 3/4 % T. 10	—	665\$00	675\$00	Cimentos Tejo	—	990\$00	1.010\$00
Cons. 3 % T. 10	726\$00	725\$00	727\$00	Cimentos Leiria	—	—	—
Cons. 3 1/2 % T. 10	855\$00	855\$00	856\$00	Crédito Predial	—	915\$00	930\$00
Centenários 4 % 1940...	—	1.955\$00	1.970\$00	Industrial Aliança	—	320\$00	400\$00
Obg. Tes. 2 1/2 % 1942...	—	1.010\$00	—	Portugal e Colónias ...	825\$00	820\$00	830\$00
Obg. Tes. 2 1/2 % 1943...	—	1.010\$00	—	Nac. de Navegação ...	970\$00	965\$00	980\$00
Obg. Tes. 2 1/2 % 1944...	—	1.010\$00	—	Col. de Navegação	—	530\$00	535\$00
Externo 1.ª série	—	1.210\$00	1.230\$00	Port. de Celulose	—	6.850\$00	6.950\$00
Externo 1.ª série car. ...	1.230\$00	1.230\$00	1.235\$00	Port. de Pesca	—	910\$00	960\$00
Externo 2.ª série	—	1.230\$00	—	Port. de Tabacos	237\$00	236\$00	237\$00
Externo 2.ª série car. ...	—	1.230\$00	—	Tabacos de Portugal ...	—	710\$00	720\$00
Externo 3.ª série	—	1.305\$00	1.350\$00	Termoelectrica	—	1.330\$00	1.400\$00
Externo 3.ª série car. ...	—	1.390\$00	1.400\$00				
Caut. 3.ª série s/j	—	300\$00	302\$00				
Obrigações				Aguas, Electricidade e Gás			
Aguas Lisboa 5 %	487\$00	487\$00	490\$00	Aguas Lisboa 1934 ...	490\$00	480\$00	—
Norte de Portugal 5 % ..	103\$50	103\$00	103\$50	Aguas Lisboa 1936 ...	—	—	—
Gás, Elect. 3 3/4 %	—	815\$00	855\$00	Elect. das Beiras	—	1.840\$00	1.860\$00
Gás, Elect. 4 %	850\$00	818\$00	855\$00	Gás e Electricidade ...	388\$00	388\$00	389\$00
Gás, Elect. 4 1/2 %	880\$00	880\$00	900\$00	H. Alto Aentejo	199\$00	198\$50	199\$50
Gás, Elect. 5 %	950\$00	950\$00	960\$00	H. E. Cávado	1.223\$00	1.223\$00	1.224\$00
U. E. P. 3 3/4 %	—	—	—	H. E. Zêzere	1.410\$00	1.405\$00	1.410\$00
U. E. P. 4 % 1945	—	85\$00	86\$00	Nac. de Electricidade...	1.500\$00	1.500\$00	1.510\$00
U. E. P. 4 % 1948	—	—	—	União Eléctrica Port...	190\$50	190\$50	191\$00
U. E. P. 4 1/2 %	—	91\$00	—	H. Douro	—	1.270\$00	1.280\$00
U. E. P. 5 % 1951	—	—	—	H. E. S. ...	—	—	—
U. E. P. 5 % 1952	—	—	—	Sacor	—	5.550\$00	5.600\$00
H. do Douro	—	914\$00	—	F. Invest. Atlântico ...	—	138\$50	142\$70
H. B. S. Estrela	—	—	—				
C. P. 4 1/2 %	1.006\$00	1.005\$00	1.007\$00				
Metropolitano	—	1.012\$00	—				
Ações				BANCO BORGES & IRMAO			
Bancos							
Alentejo	—	400\$00	420\$00				
Angola	—	—	1.650\$00				
Espírito Santo	—	—	—				
Lisboa & Açores	—	—	—				
Portugal	—	893\$00	895\$00				
Ultramarino	—	—	50\$00				
Agricultura	—	—	—				
Seguros							
Fidelidade	—	—	—				
Mundial	330\$00	320\$00	340\$00				
Sagres	—	—	—				
Tagus	—	—	—				
Soberana	—	1.200\$00	—				
C.ª Ultramarinas							
Ag. Cassequei	710\$00	705\$00	720\$00				
Ag. das Neves	—	—	150\$00				
Agricultura Co'onal ...	—	—	110\$00				
Açúcar de Angola	915\$00	910\$00	920\$00				
Boror	—	535\$00	560\$00				
Cabinda	—	—	—				
Cadá	—	1.750\$00	1.800\$00				
Col. do Búzi	81\$50	81\$00	81\$50				
Ilha do Príncipe	—	—	—				
Incomati	—	—	930\$00				
Mocambique	—	44\$00	46\$00				
Zambézia	43\$00	43\$00	44\$00				
Diamantes	755\$00	750\$00	760\$00				
Lobito	562\$00	562\$00	565\$00				



PAISES	COMPRA	VENDA
Africa do Sul	36\$00	38\$00
Alemanha	7\$17	7\$37
América:		
Dólares de 1 e 2	28\$50	28\$70
Dólares de 5 a 1000	28\$70	29\$00
Argentina	\$10	\$16
Austria	\$10	\$15
Bélgica	\$57	\$59
Brasil	\$01.4	\$01.9
Canadá	26\$40	26\$90
Dinamarca	\$405	\$425
Espanha	\$47.7	\$48.7
Congo	\$08	\$09
França (N. Francos)...	5\$82	5\$97
Holanda	7\$85	8\$10
Inglat. (Libra Isabel)	79\$70	81\$20
Itália	\$04.55	\$04.7
Marrocos	4\$25	4\$75
Noruega	3\$90	4\$10
Suécia	\$515	\$575
Suíça	6\$62	6\$77
Ouro:		
Inglaterra (Libra)	28\$800	29\$800
Inglaterra	28\$800	29\$800
Portugal—barra fino..	33\$30	33\$80

J. BURNAY L. DA Notas estrangeiras
Papeis de crédito
RUA DO OURO, 72 Telef. 321273

Correio da noite; 23: A 23.ª hora; 2: Encerramento.

Estação do Porto — As 18: Parada musical; 18 e 15: Noticiário regional, boletim de filmes e boletim religioso; 18 e 30: Terço, da basílica dos Mártires, em Lisboa; 19 e 5: «Deixai vir a mim as criancinhas»; 19 e 25: Publicações recebidas e boletim de filmes; 19 e 30: Sete e meia; 20: Música para o seu jantar; 20 e 30: Noticiário; 20 e 55: Meditando; 21: Mosaico; 21 e 30: «Na Escola de Jesus»; 21 e 45: Um solista; 22: A música é boa companhia; 22 e 30: Programa de Lisboa; 22 e 45: Correio da noite; 23: A 23.ª hora; 2: Encerramento.

RADIO UNIVERSIDADE — As 17 e 01: Abertura; 17 e 05: Coimbra me-nina e moça; 17 e 15: Discos pedidos; 17 e 30: Estúdio internacional; 17 e 40: Noticiário; 17 e 55: Fecho.

EMISSORES ASSOCIADOS — As 16 e 30: Voz de Lisboa; 17: Clube Ra-diofónico de Portugal; 19 e 30: Rádio Peninsular; 22: Rádio Graça; 1: Clube Radiofónico de Portugal.

FARMACIAS

TURNO M

(Ver pelos bairros das imediações e telefones entre parêntesis)

ALCANTARA — Proibidade, R. de Al-cantara 15-A-B (638589)

AJUDA — Lidia Almeida, Calç da Ajuda 170 (637318)

ALMIRANTE REIS—Laboratório Bra-sil, R. Alves Torgo, 29-31 (46843)

Guerra, R. Andrade, 32-36 (845513).

ALTO DO PINA — Eusil, R. Barão de Sabrosa 104 (841912)

ALVALADE — Rainha Santa, R. Afon-so Lopes Vieira, 57-B (765262)

Alentejo Av da Igreja 28-B (712682)

*** Brasília, Av. do Rio de Janeiro,** 66-66-A (722368)

AREIRO—Belmar, Av. de Roma 53-A (776314) * Estados Unidos, Av. Es-

tados Unidos da América, lote 373 (725859) * Central do Areiro, Av. Paris 2-2-A (720820)

AVENIDAS NOVAS — Santa Maria, Av. de Outubro, 283-A (763016-765635) * Cardote, Ld.ª, Av. Vi-

conde de Valmor 28-A-C (772291)

*** Palma, Av. Duque de Avila 25-31** (47088) * Arga, Ld. Av. Praia da

Vitória 53-35 (43938)

BAIRRO AZUL — Sirius, R. Fialho de Almeida 36-B (44000)

BAIRRO DA ENCARNACÃO — As-censo, R. 27 n.º 41 (Bairro da En-

carnação) (389216)

BAIXA — Fração, R. das Portas de St. António 72 (328180) * Veiga, Suc.,

R. da Conceição, 42 (Tel 326847) * Durão, R. Garrett, 90-92 (324166)

BENFICA — Marques, Est. de Benfica, 648 (700096) * Vitex, Est. de Ben-

fica 173-B (780548)

CAMPO DE OURIQUE — Condestá-vel R. Coelho da Rocha 119 (666206)

CAMPOLIDE — Imparcial, R. Gene-ral Taborda 28 (680931) * Almeida,

R. Silva Carvalho 136 (681726) * Rualto, R. do Alto do Carvalhão,

5-A-B (651721)

CHARNECA — São Bartolomeu, Quint-a dos Balsares de Baixo Vila Paulo

Jorge 1

CONDE DE REDONDO — Branco, Av. Duque de Loulé 61-63

CARNIDE — Leal de Matos, R. Ne-ves Costa, 33-35 (780181)

ESTRELA E LAPA — Gama, Calç da Estrela, 130 (660339)

GRAÇA — Anunciada, R. do Vigário, 74 (866360) * Progressiva, R. de St.

Marinha 18 (863619)

LUMIAR — Patuleia, Herdeiros, R. do Lumiar, 122-124 (790332)

CARTAZ DOS ESPECTÁCULOS



As 3 da tarde (p. r.)
e 9.30 da noite
(M. 17 anos)
2.ª SEMANA
3 americanas com
sakerol

Ann Margret — Tony Franciosa —
Carol Lynley e Pamela Tiffin
3 RAPARIGAS EM MADRID
Hoje, às 18.30 horas de Terça-feira
clássica — 3 HOMENS NUM BOTE —
(M. 12 anos)



A's 15.15, 18.15
(p. r.) e 21.30

Telef. 327172 (M. 17 anos)
AS ÚLTIMAS 36 HORAS
com James Garner, Eva Marie-Saint
e Rod Taylor



A's 15.15 e 21.30
(Adultos)
4.ª SEMANA
«EXODUS»

Telef. 555131
com Paul Newman — Eva Marie Saint
— Sal Mineo
Atenção: O filme «EXODUS» começa
a ser projectado às 15.25 e 21.40.



A's 15.15, 18.15
e 21.30 (M. 12 anos)
EM 2.ª SEMANA
Um filme truculento,
alegre, movi-
mentado

Mc LINTOCK, O MAGNÍFICO
com John Wayne — Maureen O'Hara



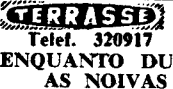
A's 15.30, 18.30
e 21.45
(M. 17 anos)
Um filme de alto
nível em 2.ª semana

FEBRE DE VIVER
com James Franciscus e Suzanne
Pleshette
Um excitante drama de clima amoroso



A's 15.15 e 18.15
(p. r.) e às 21.30
A obra-prima galar-
diada em quatro
festivais

Telef. 326283
A famosa novela de Unamuno re-
vida em toda a sua audácia apaixonada
A TIA TULA
com Aurora Bautista e Carlos Estrada
O drama de uma mulher apaixonada
pelo homem que repudiava... Porquê?
(M. 17 anos)



As 15 e 21 horas
(M. 17 anos)
ENQUANTO DURA A TORMENTA
AS NOIVAS DE DRÁCULA



A's 15 h. e às 21 h.
(M. 17 anos)
PAIXÃO DA
MINHA VIDA

Telef. 865037
OS 3 ETC. DO CORONEL



As 21 horas
(Adultos)
007 ORDEM PARA MATAR
COM JEITO VAL, SR. GUARDA



A's 21.30 h.
(M. 17 anos)
HISTÓRIA
PARISIENSE

com Daniel Gélin — Louis Jourdan —
Anne Vernon

OUTROS ESPECTÁCULOS EM LISBOA

ÓPERA
COLISEU — As 21 e 45: «Don Pas-
quale» (12 anos).

TEATROS
(Para maiores de 17 anos)

AVENIDA — A's 21 e 45: «O ciclo-
ne»

IMPÉRIO — As 18 e 30: «O render dos
heróis»

TEATRO VASCO SANTANA — As
21 e 30: «O pomar das cerejeiras»

MONUMENTAL — A's 21.45: «En-
tre marido e mulher»

TRINDADE — As 21 e 45: «O cen-
tro do Mundo»

VARIADADES — A's 21 e 45: «Ma-
ry Mary»

CAPITOLIO — A's 20 e 45 e às 23
horas: «Ei canja!»

ABC — As 20 e 45 e às 23 horas:
«Zona Azul»

CINEMAS

OLIMPIA — «Muros negros» (17
anos).

PARIS — «A mulher do próximo»
(17 anos).

ARCO-IRIS — «O que os pais des-
conhecem» (17 anos).

SALÃO LISBOA — «O prémio» (17
anos).

PROMOTORA — «A rapariga de
Bube» (17 anos).

CINE MOSCAVIDE — «O. S. S. 177
em Bangkok» (12 anos).

CINE ORIENTE — «O homem das
mulheres» (12 anos).

S. L. BENFICA — «R. P. Z. cha-
ma Berlim» (17 anos).



A's 15.15 e 21.30
(Adultos)
3.ª SEMANA
Segundo a obra de
Somerset Maugham

SERVIDÃO HUMANO
com Kim Novak e Laurence Harvey



As 15.30 18.30
e 21.45
3.ª SEMANA
(Adultos)

UM ITALIANO NA AMÉRICA
Annie Girardot e Renato Salvatori



As 15.15 e 18.15
(p. r.) e 21.30
(M. 12 anos)

Telef. 322523
TULIPA NEGRA
(La Tulipe Noir)
o filme de amor e aventuras
com Alain Delon e Virna Lisi
Eastmancolor e Scope



A's 15.30 e 21.45
(Adultos)

Plata 727778
Balcão 729192
Rossana Schiaffino
e John Saxon

na dramática aventura de um grupo que
ficou prisioneiro da própria natureza
90 NOITES E UM DIA
Um espectáculo pleno de imprevisto e
«suspense»...



A's 15.15 e 18.15
(p. r.) e 21.30
Um filme de acção
grandiosa, heroica e
arrebataadora

Telef. 326303
MERCADORES DE ESCRAVAS
com Michèle Girardon e Kirk Morris
A história de uma revolta e da odi-
seia de uma princesa vendida como
escrava.

SCOPE — COL. (M. 12 anos)



As 15.45 (p. r.)
e 21.45
(M. 17 anos)
«SUSPENSE»

AS ÚLTIMAS 36 HORAS
com James Garner — Eva Marie-Saint
e Rod Taylor



A's 15.30 e 21.45
(M. 12 anos)
Odile Versois
e Pierre Massimi

Telef. 47163
numa história de amor situada nos con-
fins de dois mundos que se desafiam...
TRANSITO EM SAIGÃO

Inteiramente rodado nos cenários na-
turais do Vietnam!



A's 21.15
(M. 12 anos)
HORAS
ROUBADAS

Telef. 610375
com Susan Hayward — Michel Graig —
Diane Baker



A's 21 horas
(M. 12 anos)
TARZAN
E OS ELEFANTES

ROMANCE EM CAPRI

TEATRO MODERNO DE LISBOA

(Subsidiado pela Fundação
Gulbenkian)

Hoje, às 18 e 30,

no IMPÉRIO

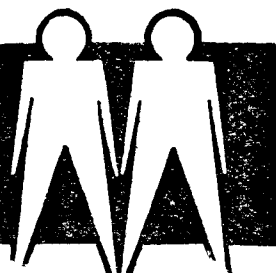
«O Render dos Heróis»

de JOSÉ CARDOSO PIRES

2.ª Mês — O êxito teatral
da temporada (Adultos)



acompanhe a selecção



Ainda pode participar neste sensacional concurso do «Diário de Lisboa» e da Cerveja Sagres

(Continuação da 1.ª página)

próximo dia 3, pelas 9 e 30 horas,
na Sala de Lotaria da Santa Casa
da Misericórdia de Lisboa, fácil-
mente se depreende que esta últi-
ma prorrogação de prazo para a
entrega dos boletins-resposta é de-
finitiva. Quem não entregar o seu
boletim até às 19 horas do dia 1
não poderá participar nesta sensa-
cional iniciativa, oferecida pelo
«Diário de Lisboa» aos seus leito-
res e pela Cerveja Sagres aos seus
consumidores.

O leitor que pretender ainda ten-
tar a sorte tem, pois, esta derrai-
da possibilidade, juntando-se ao
numeroso grupo de concorrentes
que fizeram desta iniciativa um
verdadeiro triunfo. Já sabe: basta
responder correctamente às dez

perguntas formuladas, enviar o bo-
letim-resposta para o «Diário de
Lisboa» e aguardar que o sorteio
do dia 3 lhe seja favorável. A ver-

**O sorteio efectua-se
no próximo dia 3 de
Abril, às 9 e 30**

dade 6 que só pode ganhar quem
concorrer...

Seis excelentes prémios

Os dois primeiros prémios constam
(como já é do conhecimento geral)
de viagens com a equipa nacio-
nal de futebol à Turquia e à

Checoslováquia, onde a turma das
quinhas disputará importantes desa-
fios de competição. A partida está
marcada para o dia 15 e o roteiro
é verdadeiramente sensacional. Os
dois contemplados terão umas féri-
as inesquecíveis na Europa, bas-
tando apenas para isso que a sorte
os indique, depois de cumprirem
o regulamento de um concurso es-
truturado com a maior simplicida-
de e sentido prático.

Além destes dois prémios, temos
ainda outros quatro: viagens de
avião Lisboa-Roma-Lisboa, que não
se podem considerar «de consola-
ção» por serem claramente alicien-
tes.

Quais serão os seis contemplados
do concurso «Acompanhe a Selec-
ção»? Dentro de pouco tempo se
saberá...

ASSEMBLEIAS GERAIS

Do Automóvel Clube de Portugal

No Automóvel Clube de Portu-
gal reuniram-se, sob a presidência
do sr. dr. Manuel Colares Pereira,
secretariado pelos srs. dr. João Be-
lo Ortigão Ramos e Filipe José de
Vilhena, duas assembleias gerais:
uma ordinária, que aprovou por
unanimidade o relatório e as con-
tas da direcção relativos ao exercí-
cio do ano findo; e outra, extraor-
dinária, em que foi aprovada por
grande maioria uma proposta da
direcção para alteração dos estatutos,
no sentido de a jóia passar de
200 para 300 escudos e a quota
mensal de 20 para 25 escudos, a
partir de 1 de Janeiro de 1966 pa-
ra os sócios actuais e, desde já,
para aqueles que entrarem agora
para a associação. O sr. dr. Mário
Madeira, presidente da direcção,
justificou esta última proposta,
mostrando a necessidade de melho-
rar a situação dos funcionários do
A. C. P. e, em alguns casos, de lhes
proporcionar reforma.

Nas reuniões, vários oradores la-
mentaram a ausência, por motivo
de doença, do presidente da mesa
da assembleia-geral, sr. eng.º Au-
gusto Canele de Abreu. O recente
Congresso do Transito de iniciati-
va do A. C. P., suscitou palavras
de aplauso aos srs. dr. Santos Pin-
to e Virgílio Fonseca. Também o
comandante Soares de Oliveira
prestou homenagem à direcção
pela obra notável que tem realiza-
do. O dr. Moreira Junior afirmou
que o A. C. P. devia manifestar o
seu regozijo pelo facto de as obras
da ponte sobre o Tejo terem en-
trado ontem em nova e importante
fase, o que mereceu concordância
do dr. Mário Madeira. Usaram ain-
da da palavra os srs. João Duarte,
Fernando Manuel Rocha Mendonça,
Luís Meneses Alves e Julio
Caiola. A sessão terminou com um
voto de louvor à mesa e outro à Im-
prensa, proposto este pelo dr.
Mário Madeira.

Da Companhia Portuguesa de Fornos Eléctricos

Presidida pelo sr. prof. Adelino
de Palma Carlos, reuniu-se a as-
sembleia geral da Companhia Portu-
guesa de Fornos Eléctricos, que
aprovou o relatório e as contas do
conselho de administração relativos
ao exercício de 1964, bem como a
proposta de aplicação do lucro de
4 737 520\$50.

O administrador-gerente, sr. eng.º
Chagas Roquete, elucidou a assem-
bleia sobre vários aspectos da vi-
da da Companhia anotando que,
realizada em Outubro, a elevação
do capital para 60 000 contos, falta
apenas o último aumento de 15 000
contos para se atingir, dentro do
programa financeiro estabelecido,
o capital de 75 000 contos. Mais

adiante, o sr. eng.º Chagas Roque-
te pôs em evidência o incremento
de vendas e melhoria das condições
técnicas de produção, salientando
que a quota-parte das exportações
para os exigentes mercados da Ale-
manha, da Bélgica, da Inglaterra e
do Luxemburgo ultrapassou 30 por
cento do valor da produção da Com-
panhia, ao mesmo tempo que foi
possível consolidarem-se posições
que honram a indústria nacional.

Dos Inválidos do Comércio

Sob a presidência do sr. Manuel
Alves Frazão, efectuou-se a assem-
bleia geral ordinária dos Inválidos
do Comércio, que aprovou por aclamação o relatório e contas da direcção e o parecer do conselho fiscal relativos à gerência de 1964, bem como um voto de agradecimento e louvor à Imprensa, pela forma como tem amparado todos os problemas e aspirações da instituição.

No decurso da sessão, usaram da palavra os srs. Manuel Ferrelra, António José Bravo, António Augusto de Sousa, Eduardo Laranjinha, Alfredo Fonseca, Jaime Branco Marques, Hermano Nunes da Silva, Manuel Freire de Lis e Jacob Levy. Este último orador, respondendo ao sr. Alfredo Fonseca, sugeriu que se tornava necessário levar, quanto antes, a efeito uma campanha, sem ser coerciva, de modo a aumentar a massa associativa, que poderá facilmente ser duplicada, com grandes benefícios para esta instituição.

Da Companhia de Seguros Tranquilidade

PORTO, 30 — Realizou-se a as-
sembleia geral da Companhia de
Seguros Tranquilidade, presidindo
aos trabalhos o dr. Manuel Espírito Santo Silva, secretariado pelos
srs. Aurélio Correia Reis Junior e
Augusto Bernardes de Oliveira.

A assembleia aprovou por aclamação o relatório e contas do conselho de administração e o parecer do conselho fiscal relativos ao exercício de 1964, em que a Companhia registou o lucro de 18 115 661\$07. Foi também aprovado por unanimidade um voto de pesar pelo afastamento do sr. dr. Manuel José Coelho, presidente da assembleia geral, que pediu a exoneração por motivo de doença.

Usando da palavra na assembleia, o dr. José Ribeiro Espírito Santo Silva anunciou que se iniciaram em Junho passado as obras de construção do imóvel da Companhia, que ficará situado na Avenida da Liberdade, em Lisboa, onde já se pode observar a grandeza desse edifício, que terá nove andares e em cujos terrenos se despendem cerca de 12 000 contos.

Por sua vez, o dr. Manuel Espírito Santo Silva focou a são e criteriosa orientação seguida pelo

conselho de administração da Companhia de Seguros Tranquilidade, atribuindo o desafio económico e o progresso geral da Companhia a boa aplicação das suas reservas e em títulos de imóveis.

A assembleia aprovou, também por aclamação, um voto de louvor ao conselho de administração, e reelegeram administradores os srs. drs. José António Queiroz de Barros e José Maria Espírito Santo Silva.

Da Companhia Nacional de Navegação

A assembleia geral ordinária da Companhia Nacional de Navegação efectuou-se hoje de tarde, na Associação Comercial de Lisboa, na Rua das Portas de Santo Antão, com a seguinte ordem do dia: discussão e votação do relatório, balanço e contas do exercício de 1964; autorização para a venda de um imóvel e eleição de um membro do conselho fiscal. Presidiu o sr. dr. Belo Pereira, e a assembleia aprovou o relatório, as contas e a autorização para a venda do imóvel situado na Rua Jardim do Tabaco.

Da Sociedade Estoril-Sol

Sob a presidência do prof. dr. Cavaleiro Ferreira, reuniu-se hoje a assembleia geral da Sociedade Estoril-Sol, para discussão e aprovação do relatório e contas da gerência de 1964.

Do Aéro Clube de Portugal

Hoje, às 21 horas, reúne-se a assembleia geral do Aéro Clube de Portugal, para discutir e aprovar o relatório e contas da gerência do ano passado.

Da Sociedade Protectora dos Animais

A assembleia geral da Sociedade Protectora dos Animais aprovou o relatório e as contas referentes ao ano passado, bem como uma proposta de alteração dos estatutos e aumento da quota mínima de 2\$50 para 5\$00.

Casa da Imprensa

Reune-se esta tarde, em segunda convocação, a assembleia geral da Caixa de Previdência de Profissionais da Imprensa de Lisboa (Casa da Imprensa), para apreciação e votação do relatório e contas da gerência de 1964.

Da Companhia Portuguesa de Tabacos

Realizou-se hoje de tarde, a assembleia geral extraordinária da Companhia Portuguesa de Tabacos, para discutir e votar alterações dos estatutos, as quais foram aprovadas. Presidiu o sr. Jorge Simões Lima de Mello Rego.

UM PESCADOR MORTO dois desaparecidos e dois feridos por se ter voltado um barco de pesca

Ontem, ao fim da tarde, saiu do seu ancoradouro, no cais do Marégrafo, em Leixões, um pequeno barco a motor e à vela, chamado «Zacarias e Maria do Sameiro», pertencente ao sr. Augusto Marques da Mota, de Matosinhos. A fragil embarcação, com cinco homens a bordo, aprofundou ao alto mar, para a faina da pesca da sardinha.

Cerca da 1 e 30 da madrugada, já com dez cabazes de peixe a bordo, o barco navegava à vela, em frente de Francelos, a cerca de duas milhas da barra do Douro. Contou-nos um dos sobreviventes, o sr. Manuel dos Santos Russo, filho do pescador morto no naufrágio:

— O tempo caiu de repente e a vela embrulhou-se no mastro, o que impediu que pudesse ser arriada e depois da atrapalhada do momento, deu-se o inevitável: o barco voltou-se e o inevitável: o barco voltou-se, ficaram à mercê das ondas. Emocionado, o pescador continuou:

— Ainda segurei o meu pai com uma das mãos, enquanto com a outra me agarrava ao barco, e só quando seis horas depois é que ele morreu, não porque ficasse debaixo de água, mas sim pelo frio. E ainda tive forças para me dizer: — «Dá-me um abraço, Manuel, pois foste um valente!»

O homem que morreu evitou a perda de um filho

No barco, que em gíria dos pescadores, se chama de pesca de peças, seguiam os seguintes pescadores: Tomás dos Santos Russo, de 50 anos, casado, que residia na Rua de Brito e Cunha, 157, em Matosinhos; seu filho, Manuel dos Santos Russo, de 30, casado, com ele residente; o cunhado do primeiro, Luís Gonçalves, António Travessa e Américo Leroagaio, estes dois últimos, desaparecidos.

Da tripulação fazia parte ainda um outro filho do Tomás Russo, que, à última hora, não embarcou, por o pai o ter cedido a outra embarcação — o que deve ter ditado a sua sorte.

Enquanto os cinco homens se debatiam com a morte no alto mar, saía de Leixões o arrastão «Figueira», da praça de Aveiro, que levava como mestre, o sr. Joaquim Maia Romão, que, meia hora depois, avistava os pobres pescadores que, já

sem forças, persistiam na luta contra a morte. O sr. Joaquim Romão disse-nos:

— Iamos para a faina, como habitualmente, e, de repente, deparamos com um quadro trágico. Seguindo o seu pai com uma das mãos e com a outra agarrado ao barco, estava o Manuel Russo e seguro ao leme, o Luís Gonçalves. Trouxemos o barco para o lado. O Tomás já estava morto, e o filho e o cunhado, exaustos pela luta que, durante várias horas, tinham travado com o mar. Reanimámos-os, e ainda pesquisámos o local, por longo tempo, na esperança de se encontrar os outros dois, mas foram, infelizmente, de balde os nossos esforços. Finalmente rumámos para Leixões.

Gena impressionante

Os dois sobreviventes foram socorridos no Hospital de Matosinhos, para onde os transportaram os Bombeiros Voluntários. Regressaram pouco depois, a casa, dado que o seu estado não inspirava cuidados de maior. Pouco depois, contudo, de ali terem chegado, os dois pescadores vieram para o cais do Marégrafo. Ali os encontramos, junto das famílias, chorando a morte de aquele que estava o arrastão dos entes queridos.

«Figueira», e em terra centenas de pessoas, na maioria pescadores ou suas famílias, olhavam para o mar, como espantados pelo drama que a tração do mar provocara, procurando, ao mesmo tempo confortar a viúva do infortunado Tomás, sr. Clara Gonçalves, rodeada pela sogra, sr. Rosa Luisa e pela cunhada daquele, sr. Ana Gonçalves. Soluçantes, gritavam a sua triste sorte: — «Já são dois que me morrem no mar! Mas porque foram eles ao mar?» — como se não fosse do mar que a pobre gente tem de viver.

A tragédia estava consumada. Um carro funebre foi buscar o corpo do indito pescador. Nele seguiram, derramando lágrimas sobre o caixão, a viúva e a cunhada, que jamais esquecerão a noite pavorosa, que lhes roubou os entes mais queridos.

A morte do escultor Sousa Caldas

Sai esta tarde da igreja de Matamude, em Gaia, para jazir de família no cemitério daquela vila, o funeral do escultor Sousa Caldas, cujo falecimento, numa casa de saúde desta cidade, causou grande consternação principalmente nos meios intelectuais e artísticos.

Artista de celebrados méritos e vincada personalidade, com obras valiosas espalhadas pelo País, representado, também, nos museus Soares dos Reis, Abade de Baçal, de Arte Contemporânea, etc., Sousa Caldas tirou o curso da Academia Portuguesa de Belas-Artes, concluído em 1911, aos 17 anos, e distinguido com a classificação de 18 valores, em Escultura. Discípulo de Teixeira Lopes, José de Brito e Marques de Oliveira, conviveu, durante algumas décadas, com artistas e escultores da sua geração. Concorreu a diversas exposições, a primeira das quais em 1914, e tomou parte nas exposições colectivas do Rio de Janeiro e de Sevilha. Ganhou as 1.ª e 3.ª medalhas da Sociedade de Belas-Artes e o Prémio Teixeira Lopes, do Salão de Arte Contemporânea.

Foi professor e director da Escola de Artes Decorativas Soares dos Reis e estava aposentado desde o ano findo, por ter atingido o limite de idade.

O consagrado artista deixa viúva a sr. D. Clara Pereira de Azevedo Sousa Caldas, era pai do sr. José Claro de Azevedo Sousa Caldas, casado com a sr. D. Maria Carmelo Aleixo Sousa Caldas, e irmão da sr. D. Aurora Sousa Caldas.

Falecimentos

D. Maria da Conceição Martinho Russo Ferreira

Faleceu a sr. D. Maria da Conceição Martinho Russo Ferreira, de 57 anos, casada, proprietária, residente na Rua D. Pedro IV, 74 O funeral, a cargo da Casa Alberto Pereira, efectua-se amanhã, às 11 horas, no cemitério da Lapa.

Homenagem a um jornalista

Na sexta-feira, efectua-se, no restaurante do Paço de Cristal, um jantar de homenagem ao jornalista portuense, Joaquim Alves Teixeira, director do nosso prezado colega «O Norte Desportivo». Uma comissão de amigos, à frente da qual figura o conhecido banqueiro e desportista sr. Afonso Pinto de Magalhães, está a trabalhar para o brilho dessa manifestação.

O filme «Belarmino» no São João

Com a sala cheia de um publico seleccionado, estreou-se no aristocrático São João Cine o recente filme português «Belarmino», que conta a história dramática da vida de um pugilista, desde os seus êxitos triunfais à triste decadência. História bem verdadeira, reproduz com muita fidelidade episódios reais da vida quotidiana. A realização, primorosa, é de Fernando Lopes, primeiro diplomado pela Escola Técnica de Filmes de Londres, e o filme teve o aplauso unânime da assistência.

O realizador e o operador, Augusto Cabrita, receberam, no palco, a ovação do publico. Isto não se faz no Porto todos os dias.

O filme, feito em novos moldes, é um trabalho experimental, mas trabalho sério e honesto e, segundo cremos, destinado a expressivo êxito.

ESPECTÁCULOS

Para esta noite TEATROS

SA DA BANDEIRA — As 21 e 45: «Paris Hotel» (17 anos).
TEATRO DE BOLSO — As 21 e 30: Espectáculo Vicentino pela Companhia do T. E. P. (17 anos).

CINEMAS

COLISEU — As 21 e 30: «Os insaciáveis» (17 anos).
RIVOLI — As 21 e 30: «O terceiro segredo» (17 anos).
SÃO JOÃO — As 21 e 30: «Belarmino» (17 anos).
TRINDADE — As 21 e 30: «My Fair Lady» (12 anos).
BATALHA — As 21 e 30: «Servidão humana» (17 anos).
AGUIA D'OURO — As 21 e 30: «Os Reis do Sol» (12 anos).
VALE FORMOSO — As 21 e 30: «Alerta no céu» (12 anos).
OLIMPIA — As 21 e 30: «O espírito do diabo» e «Benfica imagem de uma raça» (12 anos).
CARLOS ALBERTO — As 21 e 15: «Todos contra mim» (12 anos).

Para amanhã à tarde

CINEMAS

SÃO JOÃO — As 15 e 30: «Belarmino» (17 anos).
TRINDADE — As 15 e 30: «My Fair Lady» (12 anos).
BATALHA — As 15 e 30: «Servidão humana» (17 anos).
AGUIA D'OURO — As 15 e 30: «Os Reis do Sol» (12 anos).
OLIMPIA — As 15 e 30: «Totó contra quatro» (17 anos).
CARLOS ALBERTO — As 15: «O inferno para os heróis» (12 anos).

O ALENTEJO

COMPANHIA DE SEGUROS

Uma seguradora ao seu serviço
CONSULTE-NOS

VASAS - BENFICA

VÁRIAS MODALIDADES DE VIAGEM

5.750\$00 — 6.650\$00 — 6.850\$00

INCLUINDO: TRANSPORTE DE AVIÃO, HOTEIS, EXCURSÕES, ETC.

VISITANDO

BRUXELAS, VIENA, PARIS E BUDAPESTE

Inscrições até 31 de Março nas Agências de Turismo

WAGONS-LITS // COOK

LISBOA — PORTO — COIMBRA — ESTORIL
FUNCHAL — LUANDA — LOURENÇO MARQUES



O almirante Armando de Roboredo (à esquerda), à sua chegada ao aeroporto, conversa com o almirante Lopes Alves

Regressou dos Estados Unidos o almirante Armando de Roboredo

Regressou a Lisboa no avião da T. W. A., o sr. almirante Armando de Roboredo e Silva, chefe do Estado Maior da Armada, que visitou oficialmente os Estados Unidos da América, durante algumas semanas, acompanhado de sua esposa e dos srs. capitão-de-mar-e-guerra

Almeida Graça, chefe da 3.ª Divisão do Estado Maior da Armada e primeiro-tenente Albuquerque Brandão, seu oficial às ordens.

O almirante Armando de Roboredo foi alvo das maiores homenagens, especialmente da parte da Marinha americana, cujo chefe do Estado Maior o convidou para esta visita e recebeu em Washington as insígnias da Legião de Mérito, com que havia sido agraciado pelo Governo dos Estados Unidos.

Notícias de Leiria

Incêndio

LEIRIA, 30 — Cerca das 4 horas da madrugada, declarou-se incêndio na casa de habitação do sr. Luís Francisco Vendeirinho, de 65 anos, casado, no lugar de Souto de Cima, freguesia de Souto da Carpalhosa, que dista de Leiria cerca de 16 quilómetros.

Foram chamados os bombeiros desta cidade, que prontamente acorreram ao local do sinistro tendo lutado com sérias dificuldades, no final do trajeto, devido ao péssimo estado do troço da estrada. Uma das viaturas ali ficou retida, tendo sido transportada à mão grande parte do material para combater o incêndio que nessa altura já tinha atingido grandes proporções.

A destruição do prédio foi total, estando os prejuízos avaliados numa centena de contos, não cobertos pelo seguro.

O facto de o vento soprar em sentido favorável, evitou que as chamas se propagassem a outras habitações anexas, não obstante a presença da corporação dos bombeiros, que ali trabalhava durante cerca de quatro horas.

Comerciante gravemente ferido num acidente de viação

Quando o comerciante sr. João Carpinteiro, de 50 anos, casado com a sr. D. Idalina Tomás Feteira, residente na Praia da Vieira de Leiria, conduzia uma furgoneta na estrada nacional Lisboa-Porto, ao chegar próximo do lugar de Cova das Faias, freguesia de Boavista, devido, ao que parece, a excesso de velocidade, o veículo derrapou e foi embater num pinheiro. A furgoneta ficou desmantelada.

O motorista foi depois encontrado debaixo do veículo, muito ferido e a esvair-se em sangue, por uns rapazes que ali andavam próximo, a apanhar lenha.

Conduzido ao hospital desta cidade ficou ali internado em estado que inspira cuidados.

A Polícia de Viação e Trânsito de Leiria, por intermédio do chefe do posto sr. Marques, tomou conta da ocorrência.

O governador Wallace resolveu receber uma delegação integracionista

MONTGOMERY (Alabama), 30 — (R.) — O governador segregacionista do Alabama, George Wallace, anunciou inesperadamente que receberá hoje uma delegação de integracionistas.

A decisão foi anunciada menos de vinte e quatro horas depois do dr. Luther King ter divulgado planos para uma boicotagem económica do Alabama à escala nacional.

Nessa altura, o dr. King disse que um dos motivos da boicotagem era a recusa do governador Wallace em receber a delegação integracionista que pretende apresentar-lhe uma petição a favor do direito de voto para os negros.

O TEMPO QUE FAZ

AMANHÃ:
SOL Nascer às 6 e 24
Ocaso às 18 e 59

FASES DA LUA

☉ Dia 2 ☾ Dia 9 ☽ Dia 16 ☿ Dia 23

MARES

PREIA-MAR — Dia 30 — A 1 e 51 (3,7 m); 14 e 17 (3,6 m).
Dia 31 — As 2 e 23 (3,8 m); 14 e 49 (3,8 m). Dia 1 — As 2 e 51 (4 m); 15 e 11 (3,9 m).

BAIXA-MAR — Dia 30 — As 7 e 41 (1,2 m); 19 e 50 (1,3 m).
Dia 31 — As 8 e 10 (1 m); 20 e 21 (1 m). Dia 1 — As 8 e 32 (0,9 m); 20 e 45 (0,9 m).

A busca dramática de sobreviventes ao abalo de terra no Chile

(Continuação da 1.ª página)

energia eléctrica pelo que o Exército forneceu geradores móveis para as primeiras necessidades.

POSSIBILIDADE DE UM MAREMOTO NO HAWAII

Os sismógrafos da Califórnia e do Alabama registaram, ontem à noite, mais um violento abalo sísmico.

Os técnicos do Spring Hill College, no Alabama, disseram que o novo abalo se registou no Chile, mas os sismólogos da Universidade da Califórnia e do Instituto Técnico da Califórnia afirmam que o epicentro fica situado nas ilhas Aleutas, havendo possibilidade de um maremoto atingir o Hawaii.

O EPICENTRO LOCALIZA-SE NAS ALEUTAS

O Spring Hill College rectificou a sua estimativa e concordou em que o epicentro do sismo fica situado nas ilhas Aleutas.

O Instituto Geodésico de Anchorage, no Alasca, anunciou que o epicentro fica junto da extremidade da cadeia de ilhas Aleutas.



Juvenil

DOS JOVENS PARA OS JOVENS

«PESCA»

Naquela noite tinha ido à pesca para cima do pontão. Era Agosto: um mês quente e sensual. A areia ainda estava morna e os pés sentiam uma carícia áspera. Topara com um balde deixado para ali por um

por **RUI NUNES**

menino esquecido. Estava cheio de conchas.

Os outros tinham ficado na barraca a tocar guitarra... Só

a gostava de ouvir, quando o sol lhe queimava as costas e as moscas estavam quietas... quando o céu de azul era par-

(Continua na 3.ª página deste suplemento)

ESQUEMA

(DE UMA SÓ NOITE, NUM SÓ VERÃO) OU (AS SIMPLES PALAVRAS)

A noite está sempre a encher-se de escuro, sempre a escurecer as estrelas. Nas ruas só a luz dos velhos candeeiros altos, que nos fogem distantes, nos espalham uma luz crua, que ilumina silenciosamente o luar.

O fumo. Vozes, luzes vermelhas que nascem das lâmpadas

por **Alberto Gimenez Queiroz**

escondidas em conchas de argamassa, moldada em sulcos rectos, ao alto das paredes. Figuras. E no extremo de tudo, desoladoramente uma voz que se desagrega, que afaga a noite. Noite.

O negro do escuro misturado

com o cheiro quente e humido da maresia, que o vento breve, traz, da praia.

No extremo daquela sala, sem formas simples, ela estende os braços finos, esguios, as mãos pequenas, leves, pela fluência do ar; ele chora sem lágrimas, no deslizar do seu silêncio, do seu grito estragado.

Aquela voz que se agarra a um metal cromado, que lhe foge por entre os dedos preguiçosos, desejosos por que tenta confundir-se com os sons expirados daquela musica dilacerada. Aniquilamento.

A noite.

Diz-se que a lua é minguante.

(Continua na ultima página deste suplemento)

O AMANTEECER

por **Leonor Xavier**

Há muito que o burgo ficara para trás. Seguiam agora, com a madrugada à frente e viam com mais nitidez, as árvores que ladeavam a estrada, as sebes de madressilva e a ponte sobre o rio. Cortando pelos campos e contornando os montes de feno, chegaram aos pilares da ponte e aí hesitaram junto à mole de pedra que se estendia adiante. A esquerda, em declive, atingia-se um pequeno ancoradouro, muito abrigado devido ao paredão, e guardada de namorados em noites estreladas e luarentas. A direita, distinguia-se um pequeno molhe, paraíso dos pescadores.

Caminhavam devagar, olhando as águas levemente róseas à aproximação da manhã. Para Este, o horizonte da cor dos lábios de menino, deixava ver os lombos rochosos da serra próxima. Os pés ressoavam nas lajes romanas e no sossego da natureza ensonada, afugentando os últimos raios de luar. Bem a meio da ponte, olhando a outra margem descobriram o casario alapardado do lugar próximo, o feno amontoado e as alpendradas. Depois um cão latiu, uma carroça rodou num chiar lamentoso e os galos anunciaram o novo dia.

Enlaçados, virando a face ao nascente assim ficaram por muito tempo, até que o sol nasceu de todo e um bando de pombos encobriu um pedaço de céu. Depois o astro-rei rolou no horizonte e pingou dos telhados sombrios, afagando a terra e enchando os vultos indecisos da madrugada, que vol-

taram lentamente à outra margem, recortados no céu matinal.

DESENHO DE CECÍLIA



Instante em que

Numa larga noite azul em que o amor frema em contracções de pulso e se propagava célula por célula até ao centro secreto dos nossos seres o momento foi pleno em que os meus olhos se eternizaram

como soluções não encontradas como mistificações de esperança

na inquietação dos teus em que as minhas mãos se renderam

a uma ordem sem origem

em que os teus lábios se pousaram um instante eterno de desespero sobre os meus

em que os nossos ossos soluçaram da saudade

de uma paz

na memória

e se ecoaram num terror simples integral mais certo e mais seguro e mais presente que o chão em baixo

instante EM QUE instante pleno instante total como a vida e como a morte — e esse foi o nosso instante.

PAULO ANDRÉ

OS TRANSPARENTES

1.º TRANSPARENTE

O AMARGO

2.º TRANSPARENTE

O SONHADOR DESILUDIDÓ

(Peça sem actos * Para ser representada sem sentimentos * Só com amargura)

por **MANUELA DE SOUSA**

— A primeira palavra é sempre a mais difícil, dirias tu há anos — agora, bem, agora que já sabes o preço das palavras não sei o que dirás.

— Uma, duas, três, quatro, cinco... dez formigas. Uma,

duas... dez formigas. Agora, agora contaria formigas.

(Na frente estacionavam automóveis pequenos, grandes, de todos os tamanhos, de todas as marcas, de todos os modelos e feitos sem um objectivo qualquer.)

QUE FRIO TEIMOSO! — gritava a multidão.

(Por detrás ficava a relva verde de bancos amarelos, ou relva amarela de bancos verdes — porque estava neblina e nada se distinguia para trás. Até talvez o jardim fosse azul.

— Contas formigas... Cretino. Contas mas são grãos de areia. Pensas que são formigas. Até elas te enganam.

— Tens razão. (Ou não terás, mas gosto da neblina e dou-ta). Também lhes poderia chamar mulheres. Elas passam por baixo dos meus pés fazendo carreiro, as mulheres passam pelo alto construindo vida.

(Levantando o disco sonoro das banalidades ensinadas no dicionário de mil anos, talvez milhões de séculos.)

— Quando virá o Sol?

— Quando eu deixar de contar formigas e começar a contar o dinheiro que os outros empregam, os anos que passam, as minhas saudades (do que está para além da neblina), a vida dos outros, (a minha infância também. Terá ela alguma coisa para contar... não teria nada)... talvez quando morrer candidamente com cara de santo. Alguma vez o conseguirei? Terei alguma vez cara de santo?

— Procuro Sol e não a verdade da tua cara do fim. Mas posso dizer-te qualquer coisa (é preciso sempre dizer qual-

(Continua na ultima página deste suplemento)

TERÇA-FEIRA

30 MARÇO - 1965

QUATRO PÁGINAS INDEPENDENTES PARA DESTACAR DESTA EDIÇÃO



«J. ENTRE V. E L.» por JOEL GÓIS

V. é uma mancha branca na paisagem. V. é um oásis de po-
mares na aridez deserta do A.
Por uma tarde velha de fins
de S., J. abandonou-a com a
recordação de E, a rodeá-lo de
saude, mas também com
uma pressa infinita de galgar
a distancia. Parecia-lhe que L.
o esperava, quando, afinal, sa-
turado, era já o principio dum
desprezo sempre crescente por
V. que o tomava.

Mais tarde, confundido, ana-
lisou esse desprezo que foi in-
compreensível até ao dia em
que tomou consciência que V.
não era o A., era uma mancha
desigual sem verdade na uni-
formidade da planície.

Compreende-se, assim, a
pressa de J. a deixar, e a ne-
cessidade de procurar L., como
podia, aliás, ter buscado outra
qualquer. L. foi por acaso, por
outra necessidade.

L. representa o ódio de J. pela
cidade inautêntica, embora ela
tenha representado, embora ela

represente ainda o eterno re-
fugio de J., agora, novamente,
regressado a V.

Cidade branca, enorme, de-
pressa J. a conheceu por den-
tro e por fora, e a odiou no
conhecimento de todas as suas
infra-estruturas sociais e anô-
nimas. Odiava-a em desprezo,
como amava o A. em angustia.

Esse foi, aliás, o sentimento
que durante a sua permanên-
cia na cidade mais se desen-
volveu, até ao ponto de o abar-
car todo, ficando ele possesso
dessa força atroz que o roia.

A angustia foi o reflexo da
experiência precoce que J.
adquiriu em L. e que seria im-
possível ter em V., cujas bar-
reiras eram o motivo do seu
desprezo intemporal por ela. A
experiência de J. processou-se
numa procura febril duma ori-
gem desconhecida em cujas
raízes teriam lugar tanto o ódio
como o amor, a angustia e o
desespero. De tudo, ficou-lhe a
angustia como o estado perma-

nente, a única forma pura que
reconhecia em si como existen-
te de um mundo em transe.

O amor — atracção — desin-
teressado descobriu-o também
ele na cidade imensa. Essa ci-
dade de que mais tarde havia
de reconhecer a pequenez pe-
rante a grandeza misteriosa do
ser que em si ia descobrindo
nas horas arrastadas de soli-
dão.

A faculdade de amar, como
a de odiar, tornaram-se gran-
des e profundas em J. Sempre
que o fazia, esse sentimento
de uns dias ou de meses, ma-
nifestava-se vindo das raízes
mais profundas do ser, sendo
a dádiva de J. a humanidade.
Aconteceu assim com tudo o
que odiou. E com as mulheres
que amou também: N. e a mãe
de N., e M. P. Se N. foi um
amor puro de fragilidade, a
mãe de N. foi...; e M. P. re-
presentou o amor intelectuali-
zado, talvez o menos profundo
dos amores de J. M. P. apare-
ceu numa altura em que ele
se sentia apaixonado por algo.
sem saber o quê, e ela, apare-
cendo, transformou-se nesse
algo rapidamente.

Sempre apaixonado, J.! Essa
paixão sem tempo da angustia
do absurdo levá-lo-ia, depois,
ao amor de si. E foi esse amor,
essa atracção que sentia para o
seu ser-das-coisas, que o en-
caminhou para o aprofunda-
mento desse mistério pungente.
Esse mistério como atracção,
essa angustia do ser perante a
limitada duração da vida sem
dar tempo para nos atingirmos
até ao âmago, é, ainda agora,
todo o mundo de J. de onde
parte para o seu estranho amor
pela humanidade deturpada.

O artista revelou-se em J.
pela mania de intelectualizar
tudo, como mais tarde se havia
de consolidar num clima de
simplicidade, nauseado peran-
te o absurdo da vida.

M. P. surgiu nessa fase e J.
intelectualizou esse amor.

Acompanhando o nascimen-
to do artista, nasceu aquela
aversão ao liceu, às aulas, a
ter de ouvir horas a fio um
longo estendal de ideias feitas
contra as quais se rebelou toda
a liberdade que no conheci-
mento de si foi adquirindo.
Veio, pois, o fracasso de J. no
liceu e este ficou sendo algo
de indefinido na sua existên-
cia sempre renovada. Recorda
por vezes M. o unico elo que
ainda a ele o pode ligar. Mas
que foi M. para J.? Ele pensa
que nada, que somente ela o
amou e ele ridicularizou e abu-
sou desse amor.

Assim a cidade. E o que pro-
fundamente lhe havia de ficar
dela seriam os amigos imbuídos
do mesmo desespero ante o
mundo, prostrados pela mesma
angustia serena ante um uni-
verso ininteligível.

Agora que voltou, que V. es-
tá outra vez perante si, J. re-
corda-os e nisso está a sua
única esperança, uma esperan-
ça fugaz que é a única coisa
que não se renova nele.

V. não é as suas casas nem
os campos que a rodeiam, ela
é a futilidade angustiante dos
seus habitantes a sorrir. Qui-
sera J. odiá-los, mas ele só
pode odiar tudo o que é gran-
de, e ficara perplexo entre o
microcosmos que cada um re-
presenta. Seres sem liberdade,
velhos dum cansaço inatural
vindo da ganancia. Nos velhos
camponeses, encontra J. o que
resta de verdade em V., onív-
do-os ama mais o seu A. que
cada um deles traz consigo no
seu primitivismo com sabor de
origens.

Velhos camponeses, amigos,

puxai mais o chapéu para os
olhos, estendei os braços a
abracar as lonjuras verdes das
searas, na vossa barba rala e
branca a cobrir-lhe as faces
está toda uma verdade.

Os amigos de J. em V. são
conhecidos de longa data com
quem brincou na infancia e
acompanhou mais tarde no co-
légio de professores futeis como
todos os dias sem renovação.
Acompanhou-os sempre sem
que uma única ideia para dis-
cutir houvesse surgido entre
eles. Só F. podia ressurgir des-
se anonimato, mas também ele
procurou L.

Os amigos escrevem-lhe e
dizem-lhe que precisa de estar
em L. Perguntam para quando
um livro seu, ignorando que J.
sacrifica ao fogo, num prazer

sádico, o trabalho de horas
arrancadas ao ser. J. chega a
rir nesses momentos, enquanto
os amigos lhe escrevem a pe-
dir para ir.

J. sabe que tem que ir e ten-
ta ir. Os amigos são a única
coisa que o liga a L., é neles
que encontra a continuidade
da sua angustia no tempo.

Na manhã de J., J. ama a
tristeza que a chuva espalha,
a solidão crescente que lhe traz
para as paredes indefinidas da
casa a única consolação que
lhe resta na continuidade de
dias iguais onde apenas a cons-
ciência plena duma conquista o
dirige, onde o amor por essa
força cresce.

J. ama o A., ama os amigos,
ama a humanidade anónima
dos existentes.

O MEU QUARTO por BONIFÁCIO SERRA

A esquerda, uma cama. Dura.
Baça. Vazia.

Em frente, janela de rustico
primeiro andar. Cortinados
amarelos que vertem para den-
tro uma luz difusa e triste.

Em volta, apenas quatro pa-
reides frias. Brancas. Onde a
vida se escorre e se confunde
com a humanidade. Gotas ri-
tmadas. Cáusticas. Exasperan-
tes.

Há também uma secretária,
uma velha e carunchosa secre-
tária. Olho-a, e ela fala-me de
palavras que escrevi, que pro-
nunciei, que não escrevi, que
não pronunciei, que não sei se-
quer se existem — palavras,
palavras, palavras...

Há ainda um candeeiro e,
que me lembre, apenas eu. O
candeeiro está sobre uma me-
sa, desfiando uma luz artificial,
mecânica, eléctrica, que odeio,
e despe silenciosamente os li-
vros dispersos. Aqui e acolá, ao
acaso. Detesto o candeeiro e
adoro os livros. Não, não sei
porquê. Talvez porque são li-
vros e eu... Bem, mais deixo-
mos isso...

Eu estou sentado numa ca-
adeira giratória que roda sem
parar... Tenho as mãos nos
bolsos. Abertas. Moles. Vazias.
Não medito, não escrevo, não
choro, não grito.

Sou (?), existo (?), simples-
mente, como as coisas que me
rodeiam, independentes da vi-
da que não possuem, de mim,
da humidade que goteja das
paredes.

— Mas existirei eu, de fac-
to?...

Não, também não tenho ci-
garro nos lábios, porque não
fumo. Não ouço musica. O te-
lefone não toca porque o ava-
riei, de propósito. Ah! Sim, a
telefonía. Os locutores põem-
me nervoso...

E, todavia, sei que, lá fora,
as árvores ramos abertos á for-
ça do vento, bruto, impessoal,
pugnam por uma liberdade que
a sua condição de árvores, pre-
sas á mãe-terra, não permite.
Sei que o Sol vive para irisar
insectos e planícies. Eu sei que
a vida é brutal, mas os amantes
abarrotam de felicidade, as
mãos dadas, como sinos.

— Mas não me importo! —
Não me importo!

Os poetas estão, neste mo-
mento, a criar a sua Verdade.
Nua. Desperta. Incisiva. A sua
Poesia.

— E continuo a não me im-
portar!

Agora estou no meu quarto.
A cadeira giratória em que es-
tou sentado continua a arras-
tar-me, a rodar, sempre, sem-
pre, sem fim...

Já não vejo a luz amarelada
dos cortinados. Nem a cama, o

candeeiro, os livros, a secretá-
ria. Sei que existem.

A cabeça estoura-me a cada
volta.

Estou no meu quarto. É a
minha vida. Fria. Vertical. Es-
téril. A cadeira giratória roda,
roda sem parar...

— Estranho, não é?

BONIFACIO SERRA



não importa o
esforço mental

Fósforo Ferrero

ALIMENTO ESPECÍFICO
DO CÉREBRO
E DOS NERVOS

conserva o pensamento ágil,
desperta e evita o cansaço
cerebral, mantendo o orga-
nismo na plenitude das suas
faculdades físicas e inte-
lectuais.

A VENDA NAS FARMÁCIAS

Eu e a criança

Escolhi a criança para mim e vi nela imensidão que
[ansiei]

Dirás se escolhi bem, se fiz aquilo
Que os deuses amariam.

Vi-a numa tarde de Outono

Quando o sol aquece menos e o crepúsculo é tibio.

Lembrei-me de ti como os cavaleiros das damas

E empecei nova cavalcada.

As folhas caíam das videiras amarelas

E secava o solo humedecido da tormenta.

A criança sorriu pela derradeira vez

E olhou entristecida os prados que deixava.

Ao longe a colina envergonhada escondia-se no azul

E ouviam-se os gritos das mulheres traídas, os lamentos
[dos homens ocupados]

E sorri perante a angústia desta gente.

O pequeno começava a entristecer-se:

Gostaria de brincar de novo com as ovelhas, nos lamei-
[ros da herdade]

E o seu maior desejo era ter o amigo que deixara na
[infância.]

(O nosso mundo é uma lagoa imensa de águas à
[espera]

Dum novo destino,

Barcos a medo andam nas águas / sossegadas de
[esperar].

Tomaríamos o barco para a outra margem

Eu e a criança

Devias ver o nosso anseio, a pacatez da tarde, a
[nostalgia]

E o modo como estávamos

Gostaríamos de navegar num lago sem fim

Sem tempestades e sem nuvens a ameaçar;

Eu e a criança tomaríamos o rumo do mundo vedado

Fariamos tudo o que ansiávamos:

Desertar desta margem como um desertor que
[abandonou]

A hoste em que lutava

E ter a consciência tranquila como se houvessemos
[conseguido]

O maior de todos os feitos

Criança que inspiras piedade

Quero sentir a dor dos teus desejos destroçados

E ter como tu a vaga esperança duma herdade distante

Que tenha cordeirinhos, relvados frescos, Outubro
[semeando os campos lisos]

E a amizade das flores e das crianças semi-nuas.

Ainda assim temos o bom sol que não nos nega o
[calor do seio]

Sentados naquela rocha esperaremos os amigos fiéis

Que te darão muitas estrelas para brincar

E a mim ensinarão os caminhos mais seguros de tomar.

AMÉRICO MARCELINO

QUAL SEREI EU?

CARMEN
PADRÃO

Qual será a minha verdadeira personalidade, triste ou alegre? Qual destas duas raparigas que tenho na minha frente serei eu? Serei eu aquela rapariga triste que está preguiçosamente deitada no sofá, que escreve coisas tristes e que está triste. Gosta da solidão, da escuridão e da música, que vibra ao som de Bach, chora ao ouvir Wagner e medita ao ouvir Beethoven? Ou será esta

rapariga que ri, faz rir e gosta de rir das coisas que conta... Canta e dança música moderna, que marca o compasso ao ouvir o «twist» e que bate as palmas ao ouvir o «rock».

Qual delas será o meu verdadeiro eu?

Olho agora mais fundo. Qual será a minha, a minha face sincera?

Esta em que ela fala consigo e fala de um amor que morreu, ou que talvez nunca tivesse nascido, no qual ela não quer acreditar, um amor que nunca foi satisfeito, uns desejos que se consumiram e que recorda agora com saudade e tristeza, um amor que seria o bálsamo da sua melancolia... Ou será aquela outra face que

ri e desdenha do amor, fazendo crer e fazendo-se crer a si própria, que não tem, nem precisa, do coração, pois não quer amar, quer independência e ao mesmo tempo convívio...

Será esta a minha verdadeira face, que num riso estranho quer fundir-se com a outra, que num chorar convulso revela todo o seu sofrimento escondido. Será

a verdadeira aquela que anseia por amar e foge do amor, será ainda aquela que gostava de ser palhaço para fazer rir, que chora ao fazer rir o próprio desalento e que esconde debaixo das pinturas o sofrimento que se lhe lê nos olhos.

Qual delas serei eu?

Chegarei porventura a sabê-lo...

RECEPÇÃO

APRECIACÃO DOS TRABALHOS RECEBIDOS NO «JUVENIL»

por MÁRIO CASTRIM

• Escrever dum só lado do papel • ...Com letra bem legível • Fiquem sempre com uma cópia dos trabalhos enviados • Não devolvemos materiais.

A. C. RESENDE — No único poema que nos enviou são nítidas as qualidades literárias. Saliente um tom coloquial, uma grande naturalidade, uma não subordinação ao ritmo mecânico dos versos. Por outro, também as fragilidades são evidentes. Entre elas, um tom demasiadamente familiar que, particularizando muito, também limita muito. O fecho do poema também foi mal encontrado. Aguardamos nova colaboração para lhe darmos, com absoluto merecimento, um lugar no «Juvenil».

ATALAIA MONSANTO — Os poemas que mandou pecam por excesso de palavras — e onde há palavras a mais, há poesia a menos. Além disso: muitos lugares-comuns; imagens e expressões muito vistas; falta de ritmo — e, se cada poeta tem o seu próprio ritmo, você não encontrou ainda o seu. Os versos que nos mandou vivem, não descobrem, não vibram. Que ideia faz você da poesia?

A. M. (PORTO) — O trabalho em prosa não poderá ser publicado. O A. vive um bocadinho na Lua, não é? Refiro-me à sua «ingenuidade» em tratar certos temas, ignorando tantos condicionismos a que uma publicação como o «Juvenil» tem de atender.

RIRA (MANGUALDE) — A sua sensibilidade estou certo que irá a desenvolver-se amplamente no domínio da poesia, se prestar a este fenómeno a maior atenção. A forma dos seus poemas é, por vezes, um tanto frouxa, um tanto imprecisa, um tanto desculpada.

«Quero cinzento para ti, meu amor, depois do meu delírio roxo; já que o cinzento é a cor a que estamos votados e já que só na cor te posso fundir a mim.

Por entre um certo desregramento formal, vislumbra-se, aqui e ali, uns toques de originalidade. Continue. Um poema será publicado.

ADÉLIA — (Cadaval) — Que estou na presença duma vocação poética, não me custa nada admitir. Por isso mesmo, maiores responsabilidades lhe serão exigidas.

O principal escolho a evitar: um certo tom declamatório, uma ênfase que a poesia moderna abomina. Atenção aos lugares-comuns! Nem todos se chamam António Boto ou Tchecov para vencerem esse pélagos com êxito! «Formas lindas», «brilhantes es-

trelas» «prateada lua...» cuidado! Procure sempre o melhor ângulo para acertar. Não dispare à toa. «Convite à Primavera» será publicado.

MARIA JÚLIA SOARES — Pode mandar a colaboração a que se refere. Dar-lhe-ei a opinião que pede — com toda a franqueza, como já viu por certo que é timbre desta secção...

J. DROP. — Um poema só não justifica uma crítica em consciência. Que não o apreciei, isso é verdade. «Hoje com a alma esfarrapada/marcado para sempre com o ferro em brasa da derrota...» Ora, ora, meu caro! Um poeta verdadeiro, não chora as suas derrotas de amor: canta-as!

PROBLEMA

Estou empregada, mas a verdade é que não gosto do meu emprego. Tentei continuar a estudar mas não me deixaram, chamam-me «filósofa» e riem de certas ideias que tenho e de certas atitudes que tomo. Se eu não tivesse a minha filosofia, não sei o que seria de mim...

Tenho escrito vários ensaios e gostaria de me dedicar ao jornalismo; penso ter um mínimo de condições e não me importo de começar pelo... princípio. Por isso, peço-lhe que me diga: Há, no nosso País, algum curso de jornalismo? Se não há, porque o não organizam?

A propósito: há milhares de pessoas como eu, atiradas desajeitadamente para uma profissão que não amam, e, pela força das circunstâncias ou por falta de espírito lutador, estagnam.

RESPOSTA

Penso que é uma pena não concluir o 7.º ano e continuar a estudar, se é esse o teu sonho e desde que possas conciliar a tua vida profissional com a de estudante. Segue a tua «filosofia» e não oijas nem vejas os comentários e os ri-

sinhos de quem não pode compreender-te nem faz, pelos vistos, um gesto para te ajudar.

Entretanto, vê se te aguentas nesse emprego, que, embora te desagrade e seja mal pago, sempre te permite ir vivendo. Claro que nada te impede de ires procurando, e se te aparecer qualquer coisa mais do teu gosto e mais bem paga poderás então mudar. A mais elementar prudência aconselha a manteres a calma e a paciência e a procederes assim. És muito nova, tens possibilidades intelectuais e vontade, portanto não deves considerar definitiva a situação. E o transitório, mesmo desagradável, suporta-se bem, quando se tem a tua idade.

Sobre o curso de jornalismo, consta-me que nada há entre nós, mas que pensam realmente em organizá-lo. Acho que devias dirigir-te ao nosso «Companheiro-Mor», pessoalmente num dos habituais encontros ou mesmo por escrito, e expor-lhe as tuas aspirações, pois ele, melhor do que eu, pode ajudar-te a ensaiar esses primeiros passos que estás disposta a dar na carreira que tanto te atrai.

Para tudo o mais, conta com a minha simpatia e boa von-

tade, e diz com franqueza em que posso ser-te prestável.

TIÃO

PROBLEMA

Gosto muito de um rapaz que tem grandes defeitos e por isso, e apesar do afecto que lhe tenho, fiz-lhe compreender que nada me liga a ele.

Estas ultimas férias conheci um outro rapaz que tem grandes qualidades. Somos amigos e temos saído muito; ele telefonou-me todos os dias, encontramos-nos, mas ele nunca me disse que gosta de mim.

Eu sofro com tudo isto e sinto que preciso de ter um namorado, não para «fazer vista» mas por compreensão, afecto, ajuda.

Acha que posso alimentar esperanças a respeito do segundo rapaz ou que devo desiludir-me?

Conto sair do país dentro de alguns meses. Que devo fazer?

RESPOSTA

Naturalmente, o que tens a fazer é continuar afastada do primeiro rapaz, visto ele ter tantos defeitos; e manter a camaradagem com o segundo, uma vez que, pela sua correcção e boas qualidades, merece a tua consideração.

Acho que tens procedido bem,

TIÃO

“PESCA”

(Continuação da 1.ª página deste suplemento)

do e os olhos não aguentavam a areia. Era uma sensação esquisita: um lago com repuxo, uma casa branca com arcadas, mulheres a cheirarem a jasmim e turbantes na cabeça... palmeiras ondulantes, véus a cobrirem caras, silêncios cortados de melodias...

No pontão iscou os anzóis e deixou a chumbada rolar na água a desprender bolhas. A linha do carroto fugia em círculos concêntricos. O barco estava atracado, morto no rio e com as amarras bambas. O marinheiro deitado na proa levantou a cabeça e grunhiu: — A pesca, hem?... e voltou a estender-se no banco. Daí a pouco roncava.

A cidade lá do outro lado era um clarão. Havia feira, música, barulho. No momento só o restolhar da água nos pilares de madeira. A cana tremeu. Puxou. Uma tainha brilhava. Atirou-a ao acaso. Ficou saltando cega no mesmo sítio. Por fim parou, com um esticar de barbatanas e um abrir de guelras. A lua escorria-lhe nas escamas. Acendeu um cigarro. Quando o fósforo tocou na água ouviu-se um ligeiro rechinar: tinha morrido qualquer coisa. O pausito inútil vogava como um cadáver.

Apetecia-lhe ficar ali toda a noite a balouçar as pernas. Não havia horas, nem relógios, nem tempo... só um espaço quieto cheio de azul-negro e negro-azul, repleto de limcos, do cheiro podre das algas e das cascas dos caranguejos... um espaço com remos e barrigas luzidas de tainhas... com homens roncando deitados em barcos e baldes perdidos cheios de conchas... um fumo de cigarro e um peixe morto e brilhante na madeira manchada... E a ponte às pranchas com bocados de mar metidos nas frestas... a areia sem pe-

gadas e um clarão de feira a aumentar a distância...

— António, António?...

— Leonor... a esta hora!?

— Não podia dormir. Vi-te passar e vim. Está uma noite linda, não está?

— Sim. Uma noite de espaços onde cabe tudo.

— Vou sentar-me aí...

Cheirava-lhe os cabelos. Havia talvez jasmim e era noite, mas lá atrás tocava-se guitarra.

— Já pescaste muito?

— Olha, está ali...

— Só aquilo?!... e riu-se.

O homem no barco continuava a ressonar. Já não era homem: um estilhaço da noite na noite, um pouco de tempo no tempo que não passa. Os lábios de Leonor estavam ali roçados pelo escuro. As pernas longas balançavam no vácuo, com o negro da água cortado de tainhas, por baixo. Deitara-se para trás. Os cabelos espalhados pelo batelão. Leonor viera ao cheiro da noite, nervosa e pálida, afogada em lua e em limo...

A cana vergava, puxava, tremia. Um peixe no fundo tentava desprender-se... sofria... A tainha morta em cima do pontão: barbatanas abertas, banhada de luz, de barriga para o ar.

RUI NUNES

OS MEUS PROBLEMAS

PROBLEMA

Estou empregada, mas a verdade é que não gosto do meu emprego. Tentei continuar a estudar mas não me deixaram, chamam-me «filósofa» e riem de certas ideias que tenho e de certas atitudes que tomo. Se eu não tivesse a minha filosofia, não sei o que seria de mim...

Tenho escrito vários ensaios e gostaria de me dedicar ao jornalismo; penso ter um mínimo de condições e não me importo de começar pelo... princípio. Por isso, peço-lhe que me diga: Há, no nosso País, algum curso de jornalismo? Se não há, porque o não organizam?

A propósito: há milhares de pessoas como eu, atiradas desajeitadamente para uma profissão que não amam, e, pela força das circunstâncias ou por falta de espírito lutador, estagnam.

RESPOSTA

Penso que é uma pena não concluir o 7.º ano e continuar a estudar, se é esse o teu sonho e desde que possas conciliar a tua vida profissional com a de estudante. Segue a tua «filosofia» e não oijas nem vejas os comentários e os ri-

sinhos de quem não pode compreender-te nem faz, pelos vistos, um gesto para te ajudar.

Entretanto, vê se te aguentas nesse emprego, que, embora te desagrade e seja mal pago, sempre te permite ir vivendo. Claro que nada te impede de ires procurando, e se te aparecer qualquer coisa mais do teu gosto e mais bem paga poderás então mudar. A mais elementar prudência aconselha a manteres a calma e a paciência e a procederes assim. És muito nova, tens possibilidades intelectuais e vontade, portanto não deves considerar definitiva a situação. E o transitório, mesmo desagradável, suporta-se bem, quando se tem a tua idade.

Sobre o curso de jornalismo, consta-me que nada há entre nós, mas que pensam realmente em organizá-lo. Acho que devias dirigir-te ao nosso «Companheiro-Mor», pessoalmente num dos habituais encontros ou mesmo por escrito, e expor-lhe as tuas aspirações, pois ele, melhor do que eu, pode ajudar-te a ensaiar esses primeiros passos que estás disposta a dar na carreira que tanto te atrai.

Para tudo o mais, conta com a minha simpatia e boa von-

tade, e diz com franqueza em que posso ser-te prestável.

TIÃO

PROBLEMA

Gosto muito de um rapaz que tem grandes defeitos e por isso, e apesar do afecto que lhe tenho, fiz-lhe compreender que nada me liga a ele.

Estas ultimas férias conheci um outro rapaz que tem grandes qualidades. Somos amigos e temos saído muito; ele telefonou-me todos os dias, encontramos-nos, mas ele nunca me disse que gosta de mim.

Eu sofro com tudo isto e sinto que preciso de ter um namorado, não para «fazer vista» mas por compreensão, afecto, ajuda.

Acha que posso alimentar esperanças a respeito do segundo rapaz ou que devo desiludir-me?

Conto sair do país dentro de alguns meses. Que devo fazer?

RESPOSTA

Naturalmente, o que tens a fazer é continuar afastada do primeiro rapaz, visto ele ter tantos defeitos; e manter a camaradagem com o segundo, uma vez que, pela sua correcção e boas qualidades, merece a tua consideração.

Acho que tens procedido bem,

TIÃO

Juvenil

QUATRO PÁGINAS INDEPENDENTES

PÁGINA 3

30 MARÇO — 1965



OS TRANSPARENTES

(Continuação da 1.ª página deste suplemento)

quer coisa mesmo que o mar da imaginação quede aparvalhado) e tu contas formigas.

— Vou assobiar.

— Para quê? (Ninguém o ouvirá.) Vê lá se assustas as formigas. Ah! ah! ah! ah!

(Encostam-se a um automóvel.)

Assobiando.

— Não assusto vês? Assobieie com doçura e a doçura nunca assustou ninguém. Que fazes? Espreitas. Mau hábito, quer dizer repetição de gesto, de carne, músculos, idelas, tudo. É melhor contar formigas.

— Bom proveito. Espreito... espreitarei sempre sou burguês de nascença. Anda cá também.

— (Não. Não irei) não vou. Deixaria de contar formigas para contar os segredos dos outros

— Anda não te falarei dos outros, não quero saber deles também.

— (Ai está o teu erro. Eu quero saber deles não suporto é que lhes desventres a vida só para gozares com os bocados que ficam agarrados aos teus cabelos podres. Miserio.)

(Escurece.)

— Não vou, anda tu e conta comigo formigas que a noite já sobe ao contrário.

— Porque não dizes desce?

— Descer é apagar, sumir... A noite trás luz. Calor. Estrelas. Quartos aquecidos, mornos risos de felicidade. (Eu que nunca encontrei a realização da palavra dou-lha como se fosse minha.) Como sentes não poderia dizer — desce. Mas outra coisa qualquer que quisesse dizer — sonho (luz ou mesmo uma palavra semelhante também serviria).

— Pronto acabou-se a tua história. As formigas foram todas embora.

(A neblina engrossara. O jardim nem era azul nem roxo. Tinha a cor acidentalmente vaga das desilusões).

— Foram. Que hei-de contar agora? Só. É tremendo estar só acompanhado. Não achas?

— Não. Não sinto assim. Seria pior contar formigas todo o dia.

(Roendo as mãos de desespero os dois companheiros encostam-se à neblina.)

— Antes contar formigas que desenganos, desilusões, vidas falhadas, vaidades, crânios ociosos, fomes... Antes contar bichos que homens. Antes contar sonhos, ilusões que homens. Antes uma... duas... três. (Vergado aponta o caminho do celeiro). Antes sempre a mesma coisa.

— Gosto mais de contar o que não conto e tu contas. É mais fácil. Não penso porque pensar é pesado (ou talvez confuso). Pensa tu. Pior que as minhas formigas és tu. São todos (no entanto que ternura eu sinto por vocês irmãos dos homens inimigos das formigas.) Pensar é a única coisa que se pode imaginar nesta rua concorrida por automóveis grandes, pequenos (de todos os tamanhos) com bancos de jardim de cor indefinida (separada por duas cortinas de neblina. Para o fundo não se vê nada às vezes sente-se) homens carros e formigas.

— Pensar.

(Cansados encostam-se na esquina molhada da neblina. Estendem os pés.)

MANUELA DE SOUSA

(Continuação da 1.ª página deste suplemento)

te, raros dizem que é crescente. Talvez. O certo é que só ela fere a noite. E com a lua está a voz que toca a finados, e ele e ela que esperam o despertar da flor adormecida na outra escala do tempo, na latência que um dia viverá plenamente.

Ele revolve-se na cadeira, expira um ar pobre, passa por entre os dedos queimados, os seus cabelos, ásperos do sal da água do mar. Ela brilha os grandes olhos verdes pálidos, de cansados de gritarem, mas que serão sempre gigantes na calmaria da esperança que em si se aquece.

No meio daquela sala sem formas simples, corpos vazios, num redondel de circo, enlaçam-se em si próprios, da existência esquecidos, como se as suas mãos não pudessem apertar as mãos de alguém que por ali passasse. Dir-se-iam caixotes velhos, sem pintura, sem portos para destino, sem o cheiro da maresia que o vento breve traz da praia. O cheiro que a noite dá.

Ela chora, apesar de tudo.

Ele chora, mesmo sendo a morte deles, as suas vidas.

Alguém com pantufas de palha seca, por sola, atravessa subitamente a sala. Ouve-se o estalar da palha, por entre o silêncio repentino que se fez. Olha para o redondel, com olhos de cobiça, parece querer roubar aquilo que já há muito foi roubado. O que deveria encher a sala envidraçada, e que lhe ensinaram que jamais se esgotaria para se poder roubar. Na sua cara, o gelo da raiva intumescida. Sai de cabeça torcida, olhos revirados, perdida no seu horizonte que mur-chou.

Velho Arlequim, de rosa vermelha desbotada na mão caída. Rosa que se estiola pela noite fora, pelo dia que virá claro.

Agora, é ainda noite. Sem uma nuvem, sem horizonte marcado, sem um resto de praia para pisar. Voz que se estraga, que se aniquila, que se torna espiral, redemoinho no meio de um mar que nunca será desencantado.

Que fazer sem um sorriso sem um barco à vela, de vela branca, de linho e cheio de vento para marinhar, para encontrá-lo.

Só a noite, só e o resto, um pouco mais além, ainda noite. a encher timpanos viciados.

Ele esfrega os olhos secos, atentos na resposta, e com as mãos húmidas, do contacto com o corpo, fá-las baixar pela face, molha-a, salga-a. Ela tira o cigarro, metade de cinza, da boca de lábios cheios. Lança o fumo de um fogo novo que não morre, que não pode morrer.

Mar que murmura. Não se vê onda alguma a deslizar sobre o mar, nem sequer a linha que o separa do céu. Todos se encontram fechados dentro de uma casa, que está fechada pela noite.

Voz que se salienta da música de sons para imagens rectilíneas de corpos mascarados, que se roçam e se enganam no sufocar do rascão aberto em que se dariam, no desflorar de um amanhã que jamais terá poente, porque jamais sentiu o nascer da madrugada verde e enraizada no próprio suor. Do suor nascido das mãos cansadas pelo sangrar dos homens.

Ela que pergunta: Nos dias que nascem uns nos outros, e mesmo nesta noite, qual é o sentido.

Ele que responde: Basta o

ESQUEMA

dia em cada dia, para se poder esperar pelo dia de amanhã. O sentido é.

Lá fora uma brisa. Dentro das quatro paredes sem formas simples, um frio que cresce, para além de dois únicos corpos que se consomem, que nascem, Ele-ela, Ela-ele, no entanto o cheiro a suor lavado (sábado) impregna aquela sala, e a penumbra com tons vermelhos de luzes mascaradas de propósito estende-se por entre as ripas do tecto.

Recorda-se um dia sobre a areia manchada, de preto, de castanho claro, e de branco leitoso. Areia da praia apinhada de gente. Risos. Gritos. Crianças à borda da água morna, de olhos repletos de verdades abertas.

A espuma que retorna em água envidraçada, sempre num incessante movimento de destino fixo. Mãos que se aqueceram com todos os sóis. Carnes vermelhas, depois castanhas, depois castanho-escuro. Gotas de água a escorrerem pelos cabelos longos das adolescentes, escorregadios, brilhantes. Pestanas molhadas sobre os olhos cheios de riso. Pés desconhecidos que marcaram a areia molhada, do mundo. Mãos em concha que sorvem a água, que a lançam sobre a manhã. Mãos cheias.

Voz que não se cala, mas que linearmente se desfia, que desaparece gradualmente no dia que virá. Voz que repete lugares-comuns que jamais se cumpriram. Voz que jamais o soube ser, que senão no tempo da angústia desnecessária.

Nada, é o que emerge do que está por entre essas messas, por entre estes silêncios imperativos. Bebem a última gota de vinagre, pelos copos de paredes enevoadas.

Ela que diz: a vida é feia.

Dirá no dia seguinte: a vida é bela.

Ele que diz: a vida é.

Quem olhar o céu, nada vê, o céu agonizou para essa noite, escondeu-se no alvéolo do esquecido. E ninguém se lembrará de encontrá-lo, pois são, quase, todos caixotes lisos sem mercadoria. Completamente no vácuo interior.

Como gostariam eles que uma gaivota entrasse pela sala adentro, de asas espetadas, toda, toda branca, de olhos desorbitados, com um peixe ainda a estremecer no bico aguçado. Um peixe mesmo pequeno que fosse mas que tivesse alento. Os deserdados já nem nisso creem. Desintegram-se na música que geme. Risos que gemem. E o mar está tão perto, basta ir sobre ele à procura da gaivota-de-peixe-vivo-no-bico. Mas inevitavelmente, eles, os da última noite estão acabados.

Ela: sinto-me aniquilada, leva-me que eles querem-me matar. Olha para os seus olhos. Ele: no meio da noite, falar é crer, e o mais pouco importa. Sorri.

A noite acabou-se, a madrugada fresca e verde de erva está a nascer na visão de uma linha horizontal ao longe, on-

de o Sol começará por se expandir.

A noite escura, mesmo a mais escura, tem um raio de lua, saltimbanco alegre, que corre com destino, em tropel.

Sorriso.

Mar.

Verão.

Sol.

Ela estende as suas mãos. Ele pega nelas.

Ele estende as suas mãos. Ela pega nelas.

E do rosto da noite de que jamais esperara um rumo impossível e claro, amanhece uma música que chora para sorrir nos olhos calmos que se refletem.

Depois, vai estar um bom dia; o azul quieto do céu, sempre cheio dos murmurios dos homens, queimou-se ontem, pela tarde, até ao rubro da brasa, e para tudo o mais a mensagem dos girassóis será toda deles.

ALBERTO GIMENEZ
QUEIROZ

o silêncio adormeceu

O silêncio adormeceu
pendente dos beirais
da Terra toda morta

o silêncio adormeceu
suspense absurdamente
na atmosfera poluída
da Terra toda morta

o silêncio adormeceu
timidamente aninhado
nos cadáveres contorcidos
dos negros nados negros
nas florestas afastadas
dos lugares das explosões
da Terra já toda morta

o silêncio adormeceu
timidamente aninhado
na interrompida história
de um dos muitos planetas

pendente das obras-primas
de uma civilização louca

suspense da grande cúpula
do resultado final

da loucura de milhões
contra a lucidez de alguns

...NA TERRA JÁ TODA
MORTA

Natália Canas

O medo

Nóite, ó nóite

Passa passa à minha volta...

Sem olhar...

Sem ver...

E gela-me o meu corpo nu, ó nóite...

Não olhes as minhas chagas

Não olhes as minhas lágrimas...

Passa sem me olhares

com desprezo...

...mas deixa-me beijar o chão onde tu passas!

...mas deixa-me beijar o chão onde tu passas!

Mas, ó nóite, passa sem me olhares!...

so, chorar a minha dor

E ver-te passar

indiferente...

Mas, ó nóite, que és tão longa...

Passa, passa...

Deixa-me beijar as tuas mãos brancas!...

Passa,

e deixa-me ficar na valeta

cospe no meu corpo nu...

gelado...

...mas passa, passa

ó nóite

Não olhes as minhas chagas...

Passa depressa senão eu parto contigo...

Mas deixa-me!...

Deixa-me ó nóite!

Passa... Passa...

Eu, ó nóite, quero ficar...

JOÃO MENDONÇA DE AZEVEDO

Diário de Lisboa

Juvenil

DOS JOVENS PARA OS JOVENS

PÁGINA 4

30 MARÇO - 1965



QUATRO PÁGINAS INDEPENDENTES PARA DESTACAR DESTA EDIÇÃO